

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

De que irão falar os Quatro Grandes?

PARIS, Novembro — Anunciando a decisão tomada pelos ocidentais de se reunirem numa conferência ao mais alto nível, a 19 de Dezembro, o presidente Eisenhower definiu do seguinte modo o objectivo desse encontro preliminar: «Para proceder a um primeiro exame dos assuntos que poderiam ser discutidos com o primeiro ministro soviético».

Ora, na verdade, (apesar da melhoria das relações franco-britânicas após a viagem de Selwyn

por ATTICUS

Lloyd a Paris) os Ocidentais estão longe de se encontrarem de acordo — pelo menos até aqui — sobre esses assuntos a tratar com os Russos. Por outras palavras, ainda não sabem de que é que vão falar com Kruchchev. Ao tomar a palavra, no dia 29 de Outubro, perante os Comuns, o chefe do Foreign Office, Selwyn Lloyd, declarou francamente que existiam divergências entre os Aliados acerca do carácter da futura conferência ao

(Continua na página seguinte)

A América e a U.R.S.S.

ampliaram

o intercâmbio cultural e científico

MOSCOVO, 21. — Foi hoje assinado um acordo soviético-americano para a cooperação nos planos científico, técnico, cultural e pedagógico em 1960 e 1961.

O novo acordo, que amplia o programa das permutas culturais estabelecido em Janeiro de 1958, prevê, nomeadamente, a criação de uma carreira aérea directa entre os Estados Unidos e a U. R. S. S. (esta será, no entanto, objecto de negociações posteriores em data a marcar). Além disso, o texto estipula:

1.º — A inclusão no programa de permutas científicas de uma troca de informações e de visitas, de especialistas no plano da utilização pacífica da energia atómica. 2.º — O acréscimo dos estágios de estudantes nos dois países. 3.º — Uma cooperação mais intensa no âmbito da luta contra doenças como o cancro, a poliomielite e as doenças do coração. 4.º — A representação em Moscovo da comédia musical «My Fair Lady» e visitas aos Estados Unidos de companhias teatrais soviéticas, trocas de programas de Rádio e Televisão e de filmes entre os dois países.

Yuri Jukov, presidente da comissão soviética para as relações culturais com o estrangeiro, anunciou hoje, segundo a Tass, que começará brevemente conversações tendentes à conclusão de acordos culturais bilaterais entre a U. R. S. e a Grã-Bretanha e a França.

Jukov deve partir amanhã para Londres onde terá as primeiras conversações com os especialistas britânicos das questões culturais; seguirá depois para Paris. — (F. P.).

O príncipe Filipe conduz com moderação na superauto-estrada

LUTON (Inglaterra), 21. — A pouco mais de oitenta quilómetros horários, a rainha Isabel percorreu ontem, pela primeira vez, a super auto-estrada Londres - Birmingham, onde não há limite de velocidade. O carro — um «Lagonda» «coupe» — era conduzido pelo príncipe Filipe, seguindo a rainha no banco da frente, a seu lado. No banco traseiro apenas ia um detetive encarregado da protecção da soberana.

A rainha e o marido vieram de Londres em visita particular a Luton Hoo — a coutada de «sir» Harold Wernher, que hoje oferece uma caçada aos faisões em honra do príncipe Filipe. — (A. N. I.).



Duas vigorosas personalidades: a rainha Isabel da Bélgica, apaixonada pela música, que escandalizou as cabeças coroadas da Europa ao visitar Moscovo, onde foi recebida por Vorochilov, e o dr. Albert Schweitzer, Prémio Nobel da Paz, que está a desenvolver uma obra magnífica em África. Schweitzer encontra-se na Europa para defender a sua causa, extremamente nobre e humanitária. Eis duas figuras de nítido perfil num tempo de monotonia

Nem a O.N.U. nem a América têm o direito de interferir nos assuntos internos da África do Sul

— declarou Montgomery em Joanesburgo

JOANESBURGO, 21 — A convite do general sir Francis de Guingand, chegou ontem a esta cidade, em visita particular, o marechal Montgomery.

Entrevistado pelos jornalistas, Montgomery declarou que, em seu entender, os Estados Unidos não têm o menor direito de votar contra a União da África do Sul, na O. N. U., quando se trate de assuntos relacionados com os problemas raciais sul-africanos.

E explicou: «E' de tal forma semelhante a organização racial que os Norte-americanos têm dentro das suas fronteiras, que não deveriam tocar nos problemas internos da África do Sul».

Mas há mais — acrescentou Montgomery — a própria Organização das Nações Unidas não tem o direito de interferir nos assuntos internos da África do Sul.

«Deveria, antes, criticar-se a si

própria, porque as nações que a formam, nem estão organizadas nem são unidas...

(Continua na última página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Razão para estar ao lado de quem sofre

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY.

NEM sempre o doente é o único culpado, inteiramente responsável do agravamento do seu estado de saúde. Causas alheias à sua vontade actuam e precipitam-no em situações embaraçosas, alitivas, autênticos becos-sem-saída. Uma explicação legal e cari-

A nota do «governo» argelino é considerada no geral simples habilidade política

PARIS, 21 — A nota do «Governo provisório dos rebeldes argelinos», que designa como seus negociadores eventuais Ben Bella e co-détidos, e exige «garantias de autodeterminação», apenas é recebida com exultante aprovação pelos países árabes. Mesmo assim nota-se, sobretudo na reacção tunisiana, um esforço para arredondar as arestas e achar indícios de moderação e de política construtiva pelo menos quanto ao futuro. Mas o sentimento geral é de profunda decepção.

E' este sentimento de decepção que se exprime, nomeadamente, na Imprensa inglesa e na América do Norte, onde, falando com Louis Jacquinot, ministro de Estado francês, Christian Herter ainda ontem lembrou a aprovação que tem, na opinião do seu país, a política argelina do general de Gaulle.

Longe de ser uma resposta franca a uma oferta cuja franqueza era evidente, a atitude agora vinculada pelo «G. P. R. A.» afigura-se, acima de tudo, manobra de propaganda destinada a uma opinião pública mundial que se acharia mal informada. O apelo da ultima frase do texto, apoiado nos «povos que amam a liberdade», é, nesta ordem de ideias, característico. Uma habilidade política, imaginada nas vésperas do debate na O. N. U. e para

exercer influência nele, não é uma diligência de molde a acelerar o fim dos combates — este, o sentido da maior parte dos comentários da Imprensa francesa, que põe em foco a primeira reacção do general de Gaulle, ontem, em Colmar: «Falo daqueles que lutam e não daqueles que estão fora da luta». — (F. P.).

O M. N. A. quer reunir-se à delegação da F. L. N.

PARIS, 21 — Em nota distribuída à Imprensa, a direcção política do Movimento Nacional Argelino (dirigido por Messali Hadj) pede a reunião das duas «delegações» designadas por este movimento e pela F. L. N., «deixando a porta aberta a outros representantes qualificados para estudarem com o Governo francês os aspectos da aplicação da autodeterminação, a fim de se chegar ao cessar fogo».

A direcção política do M. N. A. baseia-se na «declaração da sua comissão político-militar, que designou Messali Hadj para entabular conversações com o Governo francês, e na declaração da F. L. N. que, por sua vez, escolheu Ben Bella para a mesma missão». — (F. P.).

De Gaulle confia na paz

RIBAUVILLE (Alsácia), 21 — vez para sempre da confusão. E' a França, toda ela, que se apresenta ao Mundo para uma grande «Sairemos, como espero, de uma obra: a paz» — declarou, nomeadamente, o presidente Charles de Gaulle, discursando da varanda do palácio municipal de Ribauville, vila alsaciana que visitou esta manhã.

«Na nossa terra, primeiro — na Argélia, onde é necessário que os combates findem — continuou. Propusemos o que convinha para que a prova termine. Sabemos que mais tarde ou mais cedo, o bom senso dominará as manobras e as ambições. Há-de soar a hora do apaziguamento e da reconciliação». — (F. P.).

Reporter

agredido a pontapé por seguir Ava Gardner

ROMA, 21. — A actriz Ava Gardner foi figura central de um episódio em que foi vítima um repórter fotográfico.

Eram dez horas da noite, quando um luxuoso automóvel preto estacionou à porta do hotel em que se encontra hospedada a actriz, nesta cidade. Um homem, com aspecto de estrangeiro, apeou-se e entrou no hotel, para sair pouco depois com a «vedeta». E partiram ambos no carro preto.

Toda esta sequência de acontecimentos foi registada pela objectiva do fotógrafo Lino Nanni que, montando uma motocicleta, seguiu o carro.

Na «Piazza Trinità dei Monti», o automóvel parou e o homem apeou-se. E, a pontapé, depois de derrubar o repórter, agrediu-o violentamente e acabou por lhe partir a máquina fotográfica.

Lino Nanni apresentou queixa contra o desconhecido. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se inclui

TRES SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

GENERAL COSTA LOPES

O sr. prof. Pinto Barbosa, ministro das Finanças, deu ontem posse no seu gabinete, ao novo comandante-geral da Guarda Fiscal. Militar distinto, carácter íntegro e firme o sr. general Costa Lopes é das figuras de maior relevo no Exército Português. Sabera por certo honrar o cargo que assumiu e lhe foi entregue — como acentuou o sr. ministro das Finanças — na altura em que se encontram concluídos — e espera-se que em breve execução — os diplomas legais destinados, por um lado, a remodelar a organica da Guarda Fiscal e a melhorar os seus meios de acção, e, por outro, a rever as disposições do contencioso aduaneiro no sentido de eliminar as facilidades de legalização das mercadorias contrabandeadas e de tornar mais pesada a responsabilidade dos participantes no contrabando. Do gabinete do ministro, o general Costa Lopes seguiu para o comando-geral onde foi saudado pelo 2.º comandante, coronel Emauz Leite Ribeiro que lembrou a carreira brilhante do general Costa Lopes, dizendo que poderia contar com a leal colaboração de todos.

FEIXE DE NOTÍCIAS

Alfama, de becos e travessas, palácios e alforjas, mirando-se no Tejo de prata e anil, tendo ao centro a igreja simples e popular de Santo Estêvão, e lá no alto a mole imensa e pesada de S. Vicente, e a admiração e o encanto de quantos a visitam. Abrem-se os braços e quase se toca nas casas dos dois lados das ruas tortuosas e coração ao pé da boca, onde as vizinhas se descompõem e entreadjudam, vai ser remodelada para ser aproveitada turisticamente. Lá estiveram ontem os srs. ministro das Obras Publicas, presidente e vice-presidente da Camara, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Viram, observaram e congeniaram seus planos. Alfama vai ser aproveitada. Mas, por amor de Deus, não a estilizem!

* De Setúbal saiu um «jeep» militar para a Trafaria. Conduzia um preso. Ao passar na descida das Necessidades, em Azeitão, aparece uma carroça. O condutor do «jeep» quis travar, mas a estrada estava escorregadia que a chuva no asfalto é como manteiga. Choque violento e o padreiro António Lourenço Ferreira, de 49 anos, foi cuspidado da carroça e morria pouco depois.

* Na serra de Montesinho, fronteira a Espanha, andava o jornalista Alcino Augusto da Costa, de 24 anos. Não tinha carta de condutor, mas sobre um tractor pesado não media a responsabilidade e perigo. Ao descrever uma curva ingreme, não aguentou a máquina. Esta veio por ali abaixo e o pobre Alcino ficou esmagado debaixo dela. Em Carçãozinho, mulher e filhos choram a sua viuvez e orfandade!

* Tanta vez o cantaro vai à fonte que lá fica a asa. Sim senhor. E tanta vez o gatuno vai ao estabelecimento que lá é caçado. Manuel da Costa Barbosa foi apanhado com a boca na botija quando roubava um estabelecimento em Oeiras, pertencente ao sr. José Dias. Confessou que era já a terceira vez. Agora dará contas à justiça.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belem, os srs. capitão-de-mar-e-guerra Albano Rodrigues de Oliveira, Carlos Alberto Pereira da Rosa e Mauricio Vieira de Brito. * No Porto, na popular e populosa Rua de S. Victor, houve ontem grande reboliço. Explosão violenta num armazém de bananas atraiu muito publico. O empregado do armazém, esposa e um filho de 1 ano de idade, foram retirados com grande dificuldade, ficando feridos. * Em Barcelos, na importante fábrica de moagem do Cávado, houve um incêndio que causou prejuizos avaliados em mil contos. * Em Vila Nova de Famalicão outro incêndio destruiu um prédio sito na freguesia de S. Cosme do Vale. A origem foi um ferro eléctrico de engomar. * Na Avenida Infante D. Henrique, perto da estação de Santa Apolónia, foi atropelado por um automóvel, chegando morto ao Hospital de S. José, o marítimo Ali Saleh Nasser, de 64 anos, natural do Líbano, tripulante do vapor «Baron Cawdor», que entrou no Tejo anteontem. O cadáver transitou para o Instituto de Medicina Legal. * Quando brincava com outras crianças, caiu e ficou gravemente ferido, Agostinho Lameiro, de 5 anos, filho dos lavradores caseiros, sr. António Lameiro e sr.ª Augusta Moreira, moradores no lugar do Outeiro, Moureles, Marco de Canavezes. Conduzido para o Hospital Geral de Santo António, do Porto, foi-lhe extraída, ali, a vista direita.

A CHARCUTARIA FAVORITA

antiga Casa Alemã
da RUA DO OURO, 283

tem o prazer de anunciar aos seus Ex.ªs Clientes e aos moradores do belo Bairro de ALVALADE, da cidade nova, a INAUGURAÇÃO DA SUA FILIAL

CHARCUTARIA RIVIERA

na AVENIDA DA IGREJA, 23-B

TODOS OS DIAS, uteis e domingos, das 8 às 21 horas, quando estiver a fazer compras nesse moderno e atraente estabelecimento pode ter a certeza que está sendo servida com os melhores produtos, aos mesmos preços e a mesma gentileza com que é atendida na loja da Rua do Ouro.

Esta filial foi criada para poupar aos Ex.ªs Clientes deslocacões à Baixa e perdas de tempo.

BALCÕES oferecidos às crianças

Telefone 76 50 20

ANGÉLICA

COSTURA - PELES

VIZON - ASTRAKAN, ETC.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17 R/C., 17 DT.º — T. 50586

INSTITUTO DE MEDICINA NATURAL

Apetrechado com toda a aparelhagem, massagistas e caixas de sudacão, para todos os tratamentos pelos Meios Naturais. Curas de desintoxicação e rejuvenescimento.

Rua Andrade Corvo, 16, 1.º, Dt.º — Tel. 57742

De que irão falar os Quatro Grandes?

(Continuação da página anterior)

mais alto nível. Os Aliados não estão sequer de acordo quanto à maneira de apreciar a situação actual, ou seja, sobre se o degelo já começou efectivamente a verificar-se na guerra fria.

São bem profundos esses desacordos que dividem os Aliados ocidentais. Como dizia Walter Lippmann num artigo recente, «na base das divergências ocidentais encontra-se a questão do reconhecimento da Alemanha Oriental». Segundo o mesmo comentarista politico do «New York Herald Tribune», «se se conseguisse negociar para Berlim Oeste um novo estatuto, que lhe garantisse o livre acesso, o preço a pagar por tal vitória não poderia deixar de consistir em qualquer fórmula de reconhecimento da Republica Democrática Alemã».

Ora Bonn e Paris não estão dispostos a pagar esse preço, ao invés dos Americanos e dos Ingleses, que de bom grado o aceitariam. E Lippmann acrescenta ainda: «Eis o que divide os Ocidentais e essas discordancias terão de ser eliminadas antes que daí resulte uma séria discussão com o Governo soviético».

Assim se explica que Americanos e Britânicos quisessem discutir com os Russos sobre o problema alemão e sobre Berlim, enquanto que Alemães e Franceses pretendem evitar tal discussão. O chanceler Adenauer desejaria mesmo que na conferência ao mais alto nível apenas se falasse de desarmamento. E ainda neste ponto se manifestam as divergências entre os Ocidentais.

No passado dia 28 de Outubro, o presidente Eisenhower declarou, durante a sua conferência de imprensa semanal, que não via como poderia discutir-se seriamente a questão do desarmamento, sem se mencionar a Alemanha. Assim, na sua opinião, o desarmamento seria uma das principais questões a debater na conferência ao mais alto nível.

O fundo do problema

As divergências entre os Ocidentais respeitam, portanto, ao fundo do problema das relações Este-Oeste. Dai dependem as próprias negociações com os Russos, isto é, a procura de um *modus vivendi*, susceptível de libertar o Mundo do perigoso beco sem saída da guerra fria. Tal era o que o presidente Eisenhower, na véspera da visita de Kruchchev aos Estados Unidos, proclamava como o objectivo essencial dos seus esforços.

Assim, como declarava ainda Walter Lippmann no seu artigo acima citado, se se negociar tem de se falar forçosamente na Alemanha; e se se falar na Alemanha não será decerto para deixar exactamente na mesma a situação actual, sobretudo no que respeita a Berlim. E' precisamente por isso que Bonn e Paris tanto se empenham em evitar as negociações, pois não querem que se toque em Berlim. Pela mesma razão o chanceler Adenauer deseja que apenas se discuta o desarmamento na conferência ao mais alto nível.

Não esqueçamos que, para ai chegar, o chanceler Adenauer afasta-se hoje, inclusivamente, de atitudes que assumiu no passado. Basta lembrarmos-nos de quando ele insistia, por exemplo, para que o problema alemão fosse colocado em primeiro lugar na ordem do dia de qualquer negociação entre os Ocidentais e os Russos.

Por outro lado, a insistência do chanceler federal em limitar ao desarmamento as discussões da conferência ao mais alto nível enjeita todos os progressos registados até ao presente no diálogo Este-Oeste, especialmente da primeira conferência desta natureza, efectuada em Genebra

no Verão de 1955. Sabe-se que, desde então, o problema alemão se encontra estreitamente ligado ao problema da segurança. O que significa que é absolutamente impossível, sem voltar atrás, ignorar esse aspecto da realidade numa conferência que venha a ocupar-se do desarmamento.

Tudo isto, porém, demonstra quanto é encarniçada a luta que se trava no campo ocidental em torno da conferência ao mais alto nível, quer dizer, em torno da própria ideia da negociação com os Russos. Como se o prémio desta luta fosse ou o apaziguamento ou o prosseguimento da guerra fria.

O impossível silêncio

Pode perguntar-se qual destas duas opostas concepções, que dividem o campo ocidental, triunfará finalmente. A de Bonn e de Paris ou a de Washington e de Londres? Porém, a falar verdade, tal problema não chega a formular-se. No fundo, até causa espanto a insistência do chanceler Adenauer em querer afastar o problema alemão e o de Berlim dos debates da conferência ao mais alto nível.

E' evidente que estes problemas serão levantados pelo sr. Kruchchev. E não é fácil prever como poderiam os Ocidentais recusarem-se a discutir-los, sem correr o risco de provocar o malogro da conferência e de acarregar com essa responsabilidade.

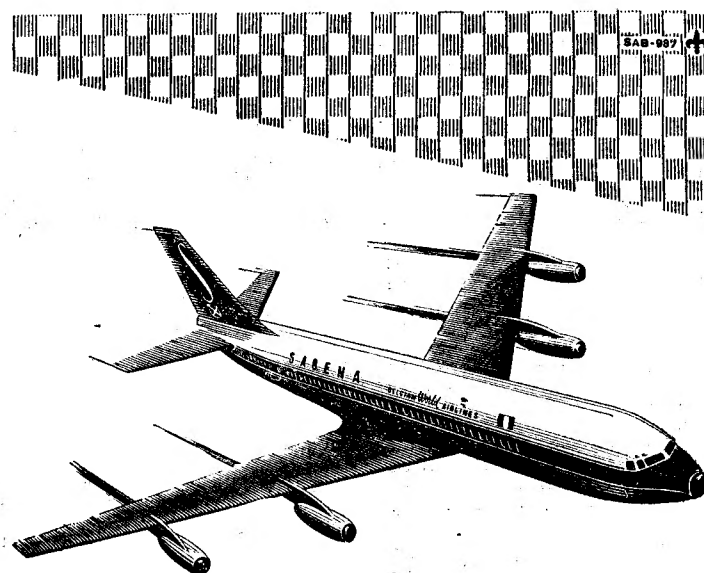
Pode, é certo, obter-se-se que, se o chanceler Adenauer insiste a esse ponto para que a conferência se ocupa exclusivamente da questão do desarmamento, é que espera tornar as-

sim impossível a reunião. De facto, ninguém ignora que, se os Ocidentais insistissem nesse ponto, nunca os Russos iriam à conferência ao mais alto nível. E, então, nunca esta se efectuariá.

Mas não se concebe como é que os Ocidentais poderiam seguir o chefe do Governo federal no seu anseio de limitar as discussões da conferência unicamente à questão do desarmamento, pois, nesse caso, caber-lhes-ia também a responsabilidade de haverem tornado impossível o encontro com os Russos. E isso os colocaria numa situação bem desagradável, depois de todas as esperanças que esta conferência fez nascer pelo Mundo.

Finalmente, a posição tomada pelo chanceler Adenauer e pelo general de Gaulle é tanto mais absurda quanto o presidente Eisenhower e MacMillan não estão dispostos a alinhar com a politica de Bonn e de Paris e a limitar as suas conversações com Kruchchev à questão do desarmamento. Tudo na atitude destes ultimos indica, com efeito, que se encontram ambos decididos a levar tão longe quanto possível as suas negociações com o chefe do Governo soviético, não só por considerarem que, no estado actual dos armamentos atómicos, uma guerra seria inadmissível, mas até porque parecem ter adquirido a convicção de que nada está mais longe do pensamento dos Russos do que essa guerra, tal como já o afirmou o marechal Montgomery, no regresso da sua viagem à União Soviética, na Primavera passada.

ATTICUS

BOEING
707
INTERCONTINENTAL

NUM FUTURO PRÓXIMO
EM SERVIÇO NAS SUAS
LINHAS DE ÁFRICA E
DA AMÉRICA DO NORTE

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A CIDADE

Caso do dia

Atenção, senhores automobilistas! Se não desejam passar uma noite e um dia na prisão, responder no Tribunal de Polícia e ficar com cadastro criminal, não se esqueçam de renovar as cartas de condução de veículos motorizados um mês antes de completarem 35, 50, 60 e 70 anos de idade. Depois dos 70 anos, terão de renovar a carta de 5 em 5 anos. Os automobilistas menores, que se emanciparam para obter a carta de condução, devem ter a máxima atenção com as datas da caducidade das suas cartas, ainda que as suas cartas de seguro estejam em ordem.

Raro é o dia em que não aparecem a responder no Tribunal de Polícia pessoas acusadas de infracções e estas prescrições legais. Vejamos dois casos. Quando conduzia tranquilamente o seu automóvel, dois dias depois de ter feito 35 anos, o sr. Valter foi preso e condenado, por se ter esquecido de renovar a sua carta de condução, na pena mínima de 1.000\$00 de multa, três dias de prisão a 20\$00 por dia e 100\$00 de imposto, sendo-lhe levado em conta um dia de prisão sofrida. Caso não pague a multa dentro de dez dias, terá que sofrer 57 dias de cadeia.

A validade da carta de condução do sr. Santos, que está prestes a completar 21 anos e é emancipado, terminou no passado dia 1 de Outubro. Embora soubesse ser obrigatória a renovação da carta todos os anos, não se preocupou, por julgar que a carta de seguro, cuja validade termina em 4 de Setembro do próximo ano seria suficiente, só por si, para revalidar aquela.

Foi condenado na multa de mil escudos, 3 dias de prisão e 150\$00 de imposto. Esta pena foi suspensa por dois anos, excepto o pagamento do imposto de justiça. At fêz o aviso aos senhores automobilistas. E não esqueçam que é sempre mais barato e menos maçador prevenir que remediar.

Preso ao tentar

arrombar uma loja

A 6.ª secção da P. J. enviou a tribunal, um processo em que é arguido Benjamin Conceição dos Santos, preso por tentar arrombar na madrugada do dia 9, o estabelecimento de artigos eléctricos situado na Avenida Casal Ribeiro, 2-A, propriedade de Julio Evangelista de Oliveira.

O arguido que negou as acusações que lhe são feitas, conta já várias prisões e condenações por crimes da mesma natureza e encontrava-se em liberdade condicional.

Pelos hospitais

ACIDENTE MORTAL — Na Rua Angelina Vidal, foi esta manhã colhido mortalmente por uma camioneta um homem que aparenta 60 anos, cujo corpo se encontra no Instituto de Medicina Legal.

ATROPELAMENTO — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José a sr.ª D. Diamantina dos Santos, que foi colhida por um veículo na Praça Marquês de Pombal.

Festas associativas

Esta noite, haverá um baile na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente Pina Manique, 45, 1.º.

Para amanhã à tarde, estão marcadas festas: no Clube Estefania, na Rua Dr. Alexandre Braga, 24-A, com o conjunto José Barreiros; na Casa do Algarve, na Rua Capela; na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a orquestra Talismã, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.º, com o conjunto «Primavera em Lisboa»; na Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, com «Os Trovadores»; na Casa de Lafões, na Rua da Madalena, 199, 1.º; na Cooperativa Militar, com a orquestra Carioca.

E, amanhã, à noite, haverá bailes na Casa do Concelho de Tondela, na Rua dos Anjos, 86, 2.º; na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, com a orquestra Casablanca; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, com o conjunto «Primavera em Lisboa»; e na Academia 1.º de Setembro de 1867, com «Os Trovadores».

Em ALHOS VEDROS e PINHAL NOVO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.



De vez em quando sucede isto: os ascensores públicos de Lisboa interrompem o funcionamento, para reparações indispensáveis à boa segurança dos passageiros que os utilizam. O público reconhece essa necessidade, mas tem razões para se lamentar de, muitas vezes, ser obrigado a subir a pé as íngremes subidas da Glória, do Lavra ou da Bica. Agora, está paralisado o elevador do Lavra, para substituição do cabo. E os habituais passageiros sobem e descem a calçada esperançados na breve duração da inactividade.

VIDA SOCIAL

RICHARD E. REID

Por motivo da sua próxima partida para Espanha, onde vai ocupar o alto cargo de chefe dos Serviços de Aviação BP naquele país, o sr. Richard E. Reid foi homenageado pelos seus colaboradores e amigos da BP Portuguesa, onde ocupou a posição de secretário-adjunto da administração. O jantar que reuniu cerca de 50 pessoas, efectuou-se no Hotel Mundial.

Antigos alunos do Colégio Militar reuniram-se numa festa de confraternização

Quarenta antigos alunos do Colégio Militar que fizeram parte do curso de 1932-1939 reuniram-se hoje, numa festa de confraternização, para comemorar os vinte anos de saída, do curso, desse modelar estabelecimento de ensino.

Esses antigos alunos reuniram-se, às 10 e 30, no gabinete do director do Colégio, brigadeiro Pereira de Castro, a quem o dr. Nascimento de Almeida, em nome dos seus condiscípulos, apresentou cumprimentos e lembrou, em palavras repassadas da maior saudade, os tempos em que tinham sido alunos do Colégio Militar, terminando por formular sinceros votos para que aquele oficial obtivesse os maiores êxitos na direcção do secular estabelecimento.

O brigadeiro Pereira de Castro agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e manifestou a sua satisfação, como director e como antigo aluno, por ver ali reunidos os componentes daquele curso, que jamais esqueceram a casa onde foram educados.

Na capela do Colégio, foi rezada missa, por alma dos professores e condiscípulos já falecidos, tendo assistido a este acto, além dos antigos alunos, a direcção do Colégio e os oficiais que nele prestam serviço.

Seguidamente, o curso dirigiu-se para o monumento ao fundador do Colégio, marechal Teixeira Rebelo, em frente do qual, no maior recolhimento, lhe prestou homenagem e colocou um ramo de flores.

Procedeu-se depois ao desceramento, nos claustros do Colégio, de uma placa comemorativa do acontecimento na qual se liam as seguintes palavras: «Testemunhos de saudade e gratidão do curso de 1932-1939 que aqui volta passados vinte anos. Novembro de 1959».

Ao meio-dia, o batalhão colegial desfilou, em continência, perante o director, que se encontrava ladeado pelos componentes do curso, após o que todos se dirigiram para o refeitório do Colégio, onde se deu início a um almoço de confraternização com os actuais alunos, presidindo ao repasto o brigadeiro Pereira de Castro e a ele assistindo o tenente-coronel Alcides de Oliveira, subdirector e também digno aluno, e outros oficiais.

De tarde, houve uma visita às várias dependências do Colégio, entre as quais as novas e modernas instalações.

A noite, haverá num restaurante da Baixa, um jantar de confraternização do curso.

Foram recebidos numerosos telegramas dos condiscípulos que não puderam comparecer à reunião.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ.

TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO

SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESAO — DR. LÉLIO MARQUES

— DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde



Cooperativa de Construção de Casas Económicas

“O MEU MUNDO”

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 48, 1.º-DTO. — LISBOA

TELEFONE 73 27 49

NO DIA 5 DO CORRENTE A COOPERATIVA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS ECONÓMICAS «O MEU MUNDO» ATRIBUIU O DIREITO DE CONSTRUÇÃO DA RESPECTIVA MORADIA AOS SEGUINTE SÓCIOS:

POR ANTIGUIDADES AOS EXMOS. SNRS.

José J. de Aguiar

R. Actor Isidoro, 30, 2.º, E. — Lisboa

Dr. Raul Jorge Pais

Alameda das Linhas de Torres, 94 — Lisboa

D. Hortência Maria Caria Lucas

Av. de Madrid, 7, 1.º, Dt.º — Lisboa

POR SORTEIO AOS EXMOS. SNRS.

Arnaldo Justino Napoleão Flôr

Rua dos Navegantes, 76 — Cascais

Américo Antunes Martins

Av. de Roma, 23-3.º, Esq.º — Lisboa

António Dias Conde

Rua Direita, 59 — Dafundo

DEVEM AINDA APRESENTAR OS PROJECTOS DE SUAS MORADIAS, PARA CONSTRUÇÃO IMEDIATA OS EXMOS. SNRS.:

D. Ana Maria Queimado Florêncio

R. Alexandre Rei Colaço, 19 — Lisboa

Manuel Mendes Ferreira

Rua da Rosa, 185 — Lisboa

D. Irene Amália Diás Fernandez

Rua da Torrinha, 6 — FUNCHAL

D. Amália Nolasco dos Santos

Praça Pasteur, 3, 6.º, Esq.º — Lisboa

Florêncio de Matos Gonçalves

Rua das Tílias — Estoril

João Lima

Av. Marquês de Pombal, 5, 2.º — Paço de Arcos

3 vezes por dia
1 comprimido
contra

dores de cabeça

constipações

reumatismo

ASPIRINA



Ha mais do que 60 anos
ASPIRINA BAYER
familiares a todos

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN



UM FILME
CINEMASCOPE
50M ESTEREOFONICO

HOJE NO TIVOLI
UMA SENSACIONAL ESTRELA

*Um filme que é um
monumento do nosso tempo!*

UMA PRODUÇÃO
GEORGE STEVENS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

As alegrias, os terrores, a ternura e o desespero do mundo através da intimidade delicada duma rapariga que acorda para o amor!

Apesar da grande categoria deste filme os preços não são aumentados

ADULTOS
(MAIORES DE 17 ANOS)



MILLIE PERKINS - JOSEPH SCHILDKRAUT - SHELLEY WINTERS - RICHARD BEYMER - GUSTI HUBER - ED WYNN - GEORGE STEVENS - FRANCES GOODRICH - ALBERT HACKETT

HOJE

A PARADA DE ÉXITOS
DE QUE TODOS FALAM

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS - M 17 ANOS)

LES VILLALTAS

QUINTEROS ESPAÑA

ANA MARIA y su BALLET

NO SALÃO TÍPICO **CEIAS — FADOS — GUITARRADAS**

PERLAS NEGRAS

MARUJA SEVILLA

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

AMANHÃ

ESTREIA DE SENSACÃO
A GENIAL BAILARINA GREGA

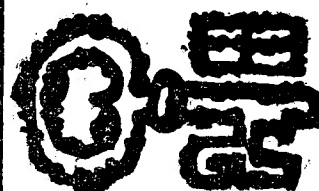
ANA MARIA

MUITO BREVE:
O ESCULTURAL E INCOMPARÁVEL

BALLET

MARUJA VILAMIL
8 DESLUMBRANTES «GIRLS»

EIS A CHAVE
DO MISTÉRIO...



COLABORE COM A
SCOTLAND YARD
AJUDANDO A
DESCOBRIR

QUEM MATOU Safira

ATÉ 23 DO CORRENTE
AINDA PODE PARTICI-
PAR NO CURIOSO
PASSATEMPO
ORGANIZADO PELO



(O respectivo problema veio
publicado nos jornais da tarde
de 14 do corrente e pode
ser solicitado nas bilhetei-
ras do cinema)

QUEM MATOU...

Safira

NÃO REVELE O SEU SEGREDO
DEPOIS DE A VER NO CINEMA

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

ABC

Emp. Teatral ABC, Lda. — T. 366745

AMANHÃ—Espectáculo às 16 horas

HOJE — A's 20,30 e 22,45

A REVISTA DE CONSTANTE GARGALHADA

DELIRIO EM LISBOA

AIDA BAPTISTA, BERTA LORAN, JOSE VIANA, RAUL SOL-
NADO, CARLOS COELHO no «compere», MAX e HELENA
TAVARES

COM A GRANDE ESTRELA
INTERNACIONAL

CARMEN DE LÍRIO

Para Adultos — Maiores de 17 anos

NOITE DE S. SILVESTRE

A mais animada e o melhor
ambiente encontrará V. Ex.^a
nos salões do

**HOTEL TURISMO
DA ERICEIRA**

E

**HOTEL
VALE DE LOBOS**

Óptima frequência
Só ceia ou ceia e alojamento
Consulte as nossas condi-
ções, pelos telefones 25 e 130
— Ericeira e 094843 ou 094846

FAÇA A SUA RESERVA
2 ORQUESTRAS

DANOVA E MARGARIDA

CABELEIREIROS

Inauguraram o mais moderno e elegante
INSTITUTO DE BELEZA do País

ERMELINDA

Calista e Pedicura

EDGAR

Cabeleireiro

Praça de Luís de Camões — Entrada privativa:
Rua das Flores, 113 — TELEFONE 27996

HOTEL VALE DE LOBOS FIM DE SEMANA ESPECIAL

É uma diária original des-
te HOTEL. Faça a sua reser-
va e siga este itinerário:
nerário:

**AUTO-ESTRADA — AMA-
DORA — BELAS — VALE DE
LOBOS.**

LEITÃO

A VALE DE LOBOS

é uma especialidade do seu
restaurante

CHA DANÇANTE — Todos
os domingos com o conjunto
York Melodies, com Fernan-
do Reis ao microfone.
Maiores de 15 anos

Informações e reservas pelos
Telefones 094843 e 094846

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de
JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-
se em RIO MAIOR na TABACA-
RIA SANTANA.

TEATROS E CINEMAS

Circo, no Coliseu dos Recreios

Numa atmosfera de vibração, perante uma casa cheia e entusiástica, desenrolou-se ontem, no Coliseu, o espectáculo de estreia da Segunda Companhia de Circo desta temporada. Cartaz largamente anunciado, criou um clima de expectativa, de modo algum injustificado. Há nesta companhia gritos de novidade. Com uma coesão extraordinária, a companhia revela um nível ainda superior ao que o Coliseu nos habituou. O espectáculo desenvolve-se num ritmo impressionante cinematográfico.

Queremos destacar o palhaço português Quinho, que arrancou ao público uma estrondosa e prolongada ovação. Não se deixou apagar nesta companhia internacional e revelou-se um palhaço admirável de comicidade. De processos pessoais, um estilo cheio de frescura e novidade, Quinho é uma caricatura de intensa humanidade. É de tal modo contagiante a sua gargalhada, tão forte o seu poder comunicativo, tão suculento o seu perfil, que o público...

Amanhã último dia de Maria Della Costa em GIMBA

A NOITE AS 21.45, NO NOVO

Teatro Capitólio

Amanhã «matinée» às 16

horas e «soirée» às 21.45.

MAIORES DE 17 ANOS

Salão Hortense

Participa às suas Ex. mas Clientes e Amigas que transferiu as suas instalações para a Rua Luciano Cordeiro, 79 s/ loja — Frente, com o telefone 54252, onde presta a sua colaboração um competente Artista Cabeleireiro.

Esperando a continuação das suas ordens, que muito agradece.

MONUMENTAL

Espects. Vasco Morgado, Lda. Telef. 55133

HOJE — TARDE POPULAR, às 16 h., e à noite às 21.45 h.

6.ª SEMANA

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES da emocionante peça de Tennessee Williams

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

com LAURA ALVES na protagonista

BRUNILDE, Paulo, Rui, Guedes, Ghira, Susana, e a colaboração de Alves da Costa

PREÇOS DESDE 5\$00

Amanhã à tarde, às 16 horas, espectáculo

Maiores de 17 anos

co, de pé, como há muito não víamos, o aplaudiu.

The Olympics realizam o velho sonho de Icaro. Voam, voam positivamente na cúpula do Coliseu. Num numero emocionante, The Olympics executaram saltos até agora considerados impossíveis. O público, que os olhava fascinado, de mãos presas nas cadeiras, aplaudiu-os vigorosamente.

Alan McCoy é uma figura de «Western». Sugere Roy Rogers, Randolph Scott e Alan Ladd. É um atirador exímio. Mas não utiliza a sua mestria para dominar cidades do Far-West. É um magnifico artista de circo. A pista do Coliseu converte-se no Texas.

De uma beleza latina, morena, olhos rasgados, Maria Luisa encantou ontem o público num numero cintilante, caledoscópico, luxuoso. Esta admirável rapariga, de um gosto depurado e agudo, é um dos primorosos nomes do cartaz. O seu corpo move-se com uma graça ondulante, de uma felina sensualidade.

Numa avalanche, penetrou na pista a Troupe Bombay, um punhado de herculeos marroquinos. Com uma força prodigiosa e uma agilidade de tigres, os norte-africanos formam castelos humanos, logo desfeitos e refeitos. São autênticos leões do Magreb.

Um cavalo de perfil soberbo, «Lu»

(Continua na página seguinte)

HOTEL TURISMO DA ERICEIRA

Proporciona a V. Ex.ª um FIM DE SEMANA em pleno Oceano.

CONDIÇÕES

ESPECIAIS

Paelha de Lagosta é uma especialidade do Restaurante deste Hotel.

Informações e reservas pelos telefones 25 e 130 ERICEIRA

AVENIDA

Espects. Vasco Morgado, Lda. Telef. 27273

HOJE

à tarde, às 18.30 horas

A NOITE às 21.45 horas

PARA MAIORES

DE 4 ANOS

a mágica em 3 actos

O SOLDADINHO MEDROSO

de Ricardo Alberty

MÚSICA! COR! SONHO!

e RITMO!!!

Preços popularíssimos desde 4\$00

Amanhã espectáculos à tarde,

às 16 e 18.30 horas

TRINDADE - T. N. P.

HOJE, ÀS 21.45 (17 ANOS)

UM VERDADEIRO ÊXITO QUE SE DESPEDE

LUCY CROWN

— HISTÓRIA DE UMA MULHER —

COM Carmen Dolores e Assis Pacheco



BIBI FERREIRA

2 SESSÕES
às 20.30
e 22.45
ADULTOS
M/17 ANOS

Maria VITORIA

UM ÊXITO DE SALVADOR

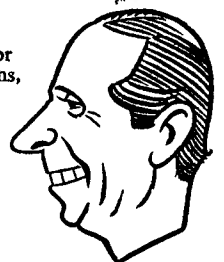
e de toda a sua grande companhia

A revista popular que faz rir até às lágrimas

TUDO NA LUA

AMANHÃ ESP.ª À TARDE ÀS 16 HORAS

Empresa
«E. Salvador
e R. Martins,
Lda.»



ANTÓNIO SILVA

Restaurante LAREIRA

PRAÇA DAS AGUAS LIVRES, 8-1
TELEFONE 689627

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na Tab. do CAFÉ CARAVELA D'OURO.

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

U LUGRE

As 21 e 45 (17 anos)

DE BERNARDO SANTARENO

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE UM GRANDE ÊXITO

A seguir: DIÁLOGO DAS CARAMELITAS

SEMPRE A "BOITE" DA MODA

Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEGERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

TODAS AS NOITES: CASAS À CUNHA!

LOS GRANAINOS

OS EMBAIXADORES DO BAILE FLAMENCO

MELHOR PONTO DE REUNIÃO

BALLET DURAN

EM DANÇAS DO MAIS NOTÁVEL ESTILO CLASSICO

E, AINDA, OUTRAS BRILHANTES ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — O Diário de Anne Frank — TIVOLI



15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

Nos deslumbrantes cenários de Capri, Viena, Roma, Salisburgo e Berlim a voz inesquecível de Mário Lanza em

ROMANCE EM CAPRI com Zsa Zsa Gabor

Nos espectáculos nocturnos e 1.ª «matinée» de domingo exhibir-se-á Agostinho dos Santos «A voz romântica do Brasil».

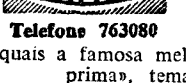


15.30, 18.30 e 21.45 (M/17 anos)

Uma vigorosa realização de Jules Dassin com Gina Lollobrigida em

«A LEI»

Uma história brutal e apaixonante vivida na Córsega

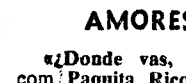


15.45 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

Mário Lanza oferece-nos as mais belas canções, entre as quais a famosa melodia italiana «Come prima», tema musical de

ROMANCE EM CAPRI

com Johanna Von Koczian e Zsa Zsa Gabor



15.15, 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

7.ª SEMANA o mais terno idílio do século XIX

AMORES REAIS

«¿Donde vas, Alfonso XII?» com Paqueta Rico e Vicente Parra Eastmancolor

Bilhetes à venda para os dias seguintes



21.15 (M/17 anos)

Um drama de amor falado em português ORFEU NEGRO com Bagno Mello

UM CRIMINOSO À SOLTA



As 9.30 da noite (M/17 anos)

ESTREIA da genial obra-prima

O DIÁRIO DE ANNE FRANK com Millie Perkins

A's 18.15 — Despedida de «O Grande Industrial» — (M/12 anos)



15.15 - 18.15 e 21.30

Grandioso êxito Vibrante evocação da vida de um bárbaro no amor e ciúme

HERODES, O GRANDE

com Edmund Purdon, Sylvia Lopez, Massimo Girotti e milhares de figurantes

Em Scope — (Adultos M/17 anos)

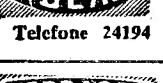


15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Jamais o Sol iluminou lances tão dramáticos e emocionantes

TORRENTE AO SOL

com Susan Hayward e Jeff Chandler



15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

7.ª SEMANA Uma sensacional história de amor de uma mulher que só nasceu para amar

CARMEN (LA DE RONDA)

com Sara Montiel e Jorge Mistral



21.00 (M/12 anos)

Cinemascope O SEGREDO DO CULPADO VÊUS DE BAGDAD

21.00 (M/17 anos) O ESPELHO DE DUAS FACES

21.30 (M/17 anos) TODOS AO MAR com Alec Guinness



15.00 e 21.15 (M/17 anos)

3.ª SEMANA do belo filme de Fred Zinnemann em

Vistavision e Technicolor HISTÓRIA DE UMA FREIRA com a incomparável Audrey Hepburn e Peter Finch



15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA TONY CURTIS SIDNEY POITIER

OS AUDACIOSOS

Dois homens fugiam da lei, ao mesmo tempo que fugiam deles próprios...

ROMA

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

2.ª SEMANA Um filme policial jocoso que vos fará rir até às lágrimas

GANGSTERS FALHADOS

com Vittorio Gassman, Rossana Rory e Carla Gravina

MONUMENTAL

15.15 e 21.30 (M/12 anos)

7. SEMANA de locações espetadas Admire as paisagens maravilhosas e a musica do filme em TODD-AO

NO SUL DO PACIFICO

com Rossano Brazzi, Mitzi Gaynor e John Kerr

«Matinées» às 5.ª, 6.ª, Sáb. e Domingos às 15.15.

A's 18.30: Ses. esp. «O rei e eu» (M/12 anos)

LIZ

21.00 (M/17 anos) Technirama Techn.

DA TERRA NASCEM OS HOMENS

ROYAL

21.00 (M/12 anos) O RAPAZ E O CÃO

COM A VOSSA VIDA NAS MÃOS

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

...é um animal de alta escola, que a dona, «Miss Charmette», dirige com elegância. Animal nervoso, fino, de um instinto surpreendente, «Luly» executa números de grande beleza.

Os Hermanos Mendez são palhaços espanhóis, de uma ironia próxima, por vezes espessa, que fizeram rir largamente a plateia. Parecem figuras de Goya, num vasto cromático e apaixonado Carnaval.

Uma palavra para os Faz-Tudos, que Luciano, o hábil e original palhaço, dirige. Zety, Mariz, Steck, Roque, Bengala, Pinguim, Larador e Lucy não permitem que o espectáculo estoeire pelas costuras, cercando-o pelo riso das suas interpretações.

O aprumo de Vieira Pinto e a elegância de Olga França contribuíram para o êxito do espectáculo, que o «regisseur» Fabiamino dirigiu, «gentleman» na sua casaca e pelo cintilar da sua condecoração.

Companhia internacional, com os nomes mais gritantes da actualidade, que se estreou no Coliseu, apresenta um espectáculo vivo, moderno, agudo, dos melhores que Lisboa viu nos últimos anos. — T.

Atrás do reposteiro

- No Teatro Monumental, entra brevemente, em ensaios, uma peça musicada que se intitula «Margarina da rua», cujas principais figuras, serão distribuídas aos artistas Laura Alves e João Villaret.
- A companhia Cacilda Becker, apresentar-se-á nos primeiros dias de Janeiro, no Teatro Avenida, com novas peças.
- Na próxima semana, estreiam-se, no Avenida, no Capitólio e no Variedades, respectivamente, as peças «Oscar», «Sociedade em pijama» e «Isto é delas».
- Na próxima terça-feira, estreia-se, no Casino Estoril, a companhia de dança dirigida por Fernando Lima.

Na provincia

★ No dia 25, a companhia de Rafael de Oliveira, apresentará, em Estremoz, a peça «Deus lhe pague», de Joracy Camargo.

★ Hoje e amanhã, no Odeon Cine, do Porto, um grupo de amadores leva á cena a revista «Pandeiro sem fogo», original de Avelino Carneiro.

★ A companhia de Cacilda Becker estreia-se, no Teatro Sá da Bandeira, com as peças «Pega fogo», de Jules Renard, e «Protocolo», de Machado de Assis.

No Teatro Avenida

Espectáculos infantis, com «O soldadinho medroso»

Amanhã, às 16 horas e às 18 e 30, no Teatro Avenida, haverá dois espectáculos infantis, com a peça em 3 actos «O soldadinho medroso», de Ricardo Alberty, apresentada pelo elenco do teatro do Gerifalito, dirigido por Manuel Couto Viana.

Teatro de amadores

na Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense

Hoje, às 21 e 30, na Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense, haverá uma representação com a peça em 3 actos «A malquinha de Arroios», de André Brun, apresentada pelo grupo cénico daquela colectividade.

Sociedade Cooperativa Piedense

Hoje, às 21 e 30, no Clube Recreativo José Avelino, em Cacia,

...haverá uma representação de teatro organizada pelo grupo cénico da Sociedade Cooperativa Piedense. Serão apresentadas as peças «Gota de Mel», de Chanceler, «O Juiz da Beira», de Gil Vicente, e a peça infantil «Ti Gavino Buraca e a Abóbora Desejada», de Mário Pompei.

Primeiras exhibições

«A Lei», no Eden

Sobre o romance «A Lei», de Roger Vailand, Jules Dassin, o autor de «Brute Force», «Foragidos da noite» e «Calni qui doi mourir» (adaptação da obra de Nikos Kazantzaki) realizou esta película que nos parece um pouco desviada da linha de acção do romance. Se a figura de D. Cesare (Pierre Brasseur) é traduzida com a mesma grandeza — apesar de a atmosfera do seu solar ter sido reduzida a um clima de casa alugada — se a vila e o mar têm o mesmo sol e a mesma claridade, é inegável que Brasseur (Yves Montand) nos surge com um bigode de cínico de folhetim (a dobragem é imperfeita), que o agrônomo (Marcello Mastroianni) ocupa um lugar de muito maior relevo e que Gina Lollobrigida apesar de fresca extremamente bela, não pode ser a adolescente de Vailand.

Jules Dassin fez concessões que podia evitar. A necessária simplificação da intriga não justifica estes desvios. O filme, só por si, tem no entanto, um invulgar interesse. Ainda que a intriga sublinhada num tom muito próximo do folhetim, as figuras são bem marcadas e a interpretação quase valida o filme.

Bons documentários. — Visor 33.

«Tormenta ao Sol», no Condes

A colonização da América serve de tema a este filme que abriu, ontem, a nova época cinematográfica do Condes. Através de um argumento bem urdido, assiste-se á viagem dos colonos, em circunstâncias difíceis, lutando contra as surpresas de um ambiente hostil e desconhecido.

Susan Hayward e Jeff Chandler, dois nomes que o publico conhece, encarnam as principais figuras com a correcção habitual, valorizando este filme em que as peripécias se sucedem em ritmo crescente, sobretudo na segunda parte. Destaque-se, entre as cenas de grande efeito, o combate com os Índios.

Documentários interessantes completam o programa. — Visor 27.

No Tivoli

na sessão clássica de domingo «Os sapatos vermelhos»

Amanhã, às 11 horas, no cinema Tivoli, exhibe-se o filme «Os sapatos vermelhos», de Powell-Pressburger, interpretado por Moira Sheares, Leonilde Massime, Robert Hellman, Anton Walbrook, Indymilla Tcherina e Marius Goring. Esta obra conquistou três «Oscars» da Academia de Artes Cinematográficas, de Hollywood.

As estreias de hoje

No Tivoli

Título — «Diário de Anne Frank». Produção — Americana. Realização — Georges Stevens. Interpretação — Millie Perkins, Shirley Winters, Joseph Schildkraut. Argumento — A terrível acusação da jovem judia holandesa. Processo — Normal. Classificação — Maiores de 17 anos.

Cineclubismo

Uma sessão no Império

Amanhã, às 10 e 30, o ABC Cine-Clube de Lisboa, promove mais uma sessão no Cinema Império, com a exhibição do filme «Assim nasce uma estrela», de George Cukor.

Imagem do dia

A estreia desta noite do TIVOLI é das que não esquecem tão cedo. Lisboa vai ver finalmente «O DIÁRIO DE ANNE FRANK», o grandioso filme que George Stevens extraiu do genial diário íntimo da célebre rapariguinha que viveu perto de dois anos escondida dos nazis numa trapeira de Amesterdão. E, deve-se dizer, o filme não desmerece do livro, pelo seu alto nível artístico, psicológico e espectacular.

O papel de Anne Frank é admiravelmente interpretado por Millie Perkins.

O maior espectáculo do Mundo!

Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, a grande Companhia Internacional de Circo, no Coliseu. Amanhã, espectáculo à tarde com entrada gratuita a todas as crianças até 10 anos



Foi verdadeiramente sensacional, magnífica, apoteótica e deslumbrante a estreia da Grande Companhia Internacional de Circo, ontem, no Coliseu.

Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, barristas cómicos, equilibristas, o rival de Buffalo Bill, saltadores árabes, trapézios volantes, Luly, um cavalo em alta escola, cães-zinhos sábios, antipodistas, icários, malabaristas sobre rolo e monociclo, equilibrista musical sobre bolas, em rampa circular elevada e duas parelhas de palhaços engraçadíssimos e divertidos.

Amanhã à tarde com entrada gratuita a todas as crianças até aos 10 anos e à noite, dois espectáculos maravilhosos.

No Subsecretariado da Aeronautica

effectuou-se hoje o XII Encontro Profissional

No Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, teve início, às 10 horas, o XII Encontro de Formação Profissional que reuniu os chefes de contabilidade de todas as bases da Metrópole e Ilhas Adjacentes, sob a presidência do sr. coronel Alvaro de Oliveira, director do Serviço de Intendência e Contabilidade.

Entre outros assuntos, foram feitas considerações acerca do valor da administração nas organizações das sociedades modernas e das obrigações e possibilidades da administração da Força Aérea, em especial. O sr. capitão Mário da Silva Salsa falou sobre a necessidade de criação de novos métodos que conduzam á uniformização e racionalização do trabalho de modo a expurgar das práticas administrativas toda a burocracia que, excedendo a estritamente indispensável, lhe diminua a eficiência.

Seguiram-se sugestões dos participantes, respeitantes aos assuntos tratados e á melhoria dos seus sectores.

O Encontro terminou às 13 horas.

Em 3 linhas

Foi autorizada a adjudicação de obras para adaptação de parte do edificio da secção industrial da Escola Técnica de Braga ás instalações da Mocidade Portuguesa Feminina pela importância de 289.560\$00.

Vão ser construídos um posto fiscal na Praia da Rocha e instalações para o cabo-de-mar, pelo que será expropriada uma área de terreno com 550 metros quadrados.

Encontra-se aberto concurso de provas publicas para provimento do lugar de professor catedrático do 3.º grupo (Zoologia e Antropologia) da 3.ª secção da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Está aberto concurso para o provimento do lugar de segundo conservador dos palácios e monumentos nacionais.

Foi publicado, nas «Actas da Camara Corporativa», o projecto de proposta de Lei n.º 507, sobre arrendamento da propriedade rustica.

O engenheiro silvicultor Francisco Ramos de Moura foi nomeado presidente da Camara Municipal da Batalha.

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente o dr. João Raposo, vice-presidente da Camara Municipal de Aveiro.

Vão ser gastos 1.915 contos com

o abastecimento de água á Vila Praia da Ancora.

A Escola Comercial e Industrial de Almada vai ser ampliada, estando a obra orçada em 450 contos.

Está aberto concurso para professor catedrático do grupo da 38.ª e da 39.ª cadeiras da Academia Militar, respectivamente, de Material de Transmissões e de Telecomunicações.

A Sociedade Industrial de Celuloses (Socel), com sede em Lisboa, foi autorizada a elevar o seu capital, de 40.000 para 120.000 contos, pela emissão de 800.000 acções do valor nominal de 100 escudos.

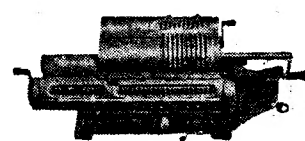
Foram aprovados os estatutos de um novo Centro Paroquial de Assistência: o de Torre de D. Chama, no concelho de Mirandela.

Movimento judicial

Pelo ministro da Justiça foi determinado o seguinte movimento judicial: promovido a juiz-conseiller o sr. dr. Barbosa Viana; colocados na Relação de Lisboa os juizes srs. drs. Dinis Pires de Miranda e Ludovico da Costa Sequeira Sotto Mayor; nomeado inspector judicial o desembargador Torres Paulo; nomeados juizes desembargadores os srs. drs. Cunha Alves, Correia Guedes, António dos Santos Rocha e Francisco António Lopes Moreira.

MÁQUINAS

DURAND



MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO

RUA DO SALITRE, 33

TELS. 50795 — 50798

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS e dias seguintes

GRANDE LEILÃO DE

MOBILIÁRIO ANTIGO E MODERNO

que guarnece a residência de duas famílias, nos dois pisos da MORADIA DA RUA TOMÁS RIBEIRO, 50

(Com entrada pela Rua Filipe Folque, n.º 13) Consta de esplêndida: mobílias e móveis de salas, quartos, salas de jantar e outras dependências — Estofos — Carpetes — Lustres — Relógios — Boas pinturas e gravuras — Bibelets — Louças — Vidraria fina — Boas pratas — Roupas — Utensílios de casas de banho — Utensílios de cozinhas — Velharias — Vasos com plantas — Candeeiros grandes de coluna para jardim e uma infinidade de objectos que estarão patentes no acto da praça.

A CARGO DA AGENCIA

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Rua Luz Soriano, 53 (Antigo Palácio Ficalho) — Telef. 21312 — LISBOA
Filial no Porto — Rua Passos Manuel, 62 — Telef. 33909



HOTEL EMBAIXADOR

apresenta hoje em ESTREIA no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

a aplaudida cançonetista e bailarina

MAGDA MEYER

O PROFESSOR KARY MAYER

com a mulher que sabe tudo

MERY DUGAN

e á 1 hora, a estrela da canção canadiana MAL SAGAN (MAIORES 17 ANOS)

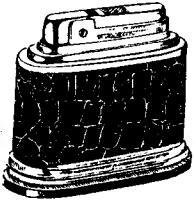
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25\$00

Para os seus presentes de Natal

APA



CROCODILO
Esc. 347\$00



MOD. DE MESA
Esc. 571\$00



LACA DA CHINA
Esc. 678\$00



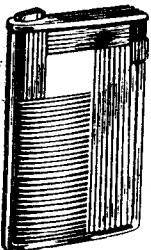
CROMADO
Esc. 200\$00

«COMPOUND»

100% automático. Revolucionou a técnica do isqueiro a gás, e é o único que oferece uma

GARANTIA ILIMITADA

Preços de 170\$00
a 907\$00



CROMADO
Esc. 140\$00

«CLASSIQUE»

Estudado e realizado no sistema dos isqueiros com mola é o melhor, mais elegante e o menos caro da sua categoria.

Preços de 120\$00
a 140\$00

GARANTIA ILIMITADA

LAFORÉST, LDA.
AV. DA LISBOA, 140, 2.º
LISBOA

SILVERMATCH

HONRA QUEM OFERECE — DA PRAZER A QUEM RECEBE

RESTAURO
MARFINS E OBJECTOS
D'ARTE

R. Francisco Metrass, 14-B

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
SIMPLES OU COM SODA

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

mento, diálogo permanente, câmbio de ideias, encontro e fusão de sensibilidades, roçar amável e carinhoso, salutar, de projectos, materiais de construção para o futuro comum, depurados e isentos de nervosidade anormal, de altos e baixos, de escolhos reais ou irreais, criados sempre pela efervescência do quotidiano, tarefa árdua de arrastar até ao fim do balanço, inevitável sair das contas.

Vivências delirantes, fantásticas visões são inimigas da estabilidade no lar ou no agregado social. A vida é mais para além dos estados ansiosos que geram a incompreensão e se opõem, como sentinelas vigilantes, à estruturação da felicidade.

Existem, porém, casos que, ultrapassando os limites do composto e do razoável, solicitam a cada passo a atenção do especialista avisado, exigindo terapêutica adequada e oportuna.

Encontram-se, neste caso, as mutações rápidas e acutantes dos sonhos, a efervescência e a agitação durante o sono, as constantes e repetidas alterações da disposição e do humor, instabilidade psíquica, desvios da personalidade e da conduta, quase todas as desordens da

esfera do comportamento, uma ou todas delineando cenas características, mas que passam por vezes despercebidas aos mais íntimos, as que por laços e motivos familiares auferem a companhia do enfermo.

Qualquer alteração somática, por exemplo, perda de apetite, irregularidade dos períodos menstruais e fenómenos vasomotores, podem encontrar-se e testemunhar lesão neurológica ou psíquica, sem ou com gravidade.

Verifica-se, então, profunda reorganização da consciência que, mercê de situações anteriores, se desprende e desliga do exacto sentido da realidade para depender da efabulação ou trabalho delirante. Fasciosa esta (curiosa e penível) em que a consciência, devido a processos nem sempre fáceis de explicar, se divorcia do real, ensombrando-se, caindo numa situação de eclipse total.

Que se passa, então, para além das marcas? Enroscilha-se na elaboração mórbida, agarra-se, encrosta-se sobre si própria, no foco ou à volta da actividade interna, dominando tudo, além dos contactos com o mundo exterior, abandonando-se à sua irre realidade e destemperado poder de criação, temperando o que é e o fantástico, batalha sem fim

que o desespero e a solidão psíquica tornam mais violenta.

É assim que se constrói, pouco a pouco, na penumbra e no alheamento, na solidão fantástica, desespero e ansiedade ao mesmo tempo, um mundo delirante, povoado de repisadas intuições dramáticas (crystalizações do conjunto significativo), cuja meta final, difícil de prever, se traduz por peripécias desencontradas e contundentes.

A consciência, abalada por estímulos internos e externos, por diabólicas e paradoxais situações de incompreensão, transtorna-se: enche-se de cenas novelescas ou de imagens concretas que conduzem a enredos patéticos e comovedores.

Chama-se a este estado «dramatização da consciência», sinalizando já sombras e escuridão.

De assinalar também, em idênticas circunstâncias, o perpétuo movimento de progressão e regressão da actividade psíquica, vai vem que pode permanecer, acompanhar o indivíduo até ao apagamento total.

O grande perigo não está no presente: encontra-se a distância, nem sempre possível de prever.

Trágico saber de antemão que o confuso de hoje poderá transformar-se no maníaco de amanhã, onírico e alucinado, estuporoso, inútil para a família e para a sociedade, além de o ser para si, fixado para sempre no mundo do irreal.

Todos os desníveis são característicos, e quando se mostram arreigados e fixos, tornam-se significativos, pois delineam a estrutura e a intensidade dos fenómenos morbosos.

Nos casos mais graves, a consciência passa a viver prisioneira, impossibilitada de libertar-se do próprio conteúdo. A experiência delirante é pouco intelectualizada, permanecendo ligada à vida e pensamento afectivos.

Trata-se de delírios mais vívidos do que pensados, distinguindo-se com dificuldade dos estados psicóticos agudos, tal como é quase impossível separar o sonho do estado de sono.

Conhecem-se estados oníricos típicos da confusão mental. O onirismo representa sonho patológico tóxico-infeccioso, cuja expressão clínica se traduz por actividade alucinatória visual (regra geral) intensa, normalmente vivida por uma consciência perturbada e da qual se não recorda.

O acesso alcoólico é o tipo do delírio onírico mais vulgar, arrastando o intoxicado a autênticos espectáculos de terror, em cujas cenas e compartimentos se agitam monstros irreais em baralhada permanente, com assaltos, incêndios, sangue, requintadas e deturpadas violências.

O cinema, recolhendo casos de patologia social, levou já ao conhecimento do grande público, em cenas que recordo magistrais, o drama do alcoólico debatendo-se em pleno acesso.

Quem os vê, tendo presente a possibilidade do fim, quando não acudidos a tempo, fica triste. Ficar triste é avivar sentimento que já existe em nós.

O sonho é vivido no campo perceptivo, visual, na forma de «visões» mais ou menos ligadas ao mundo exterior e ajustadas ao campo objectivo.

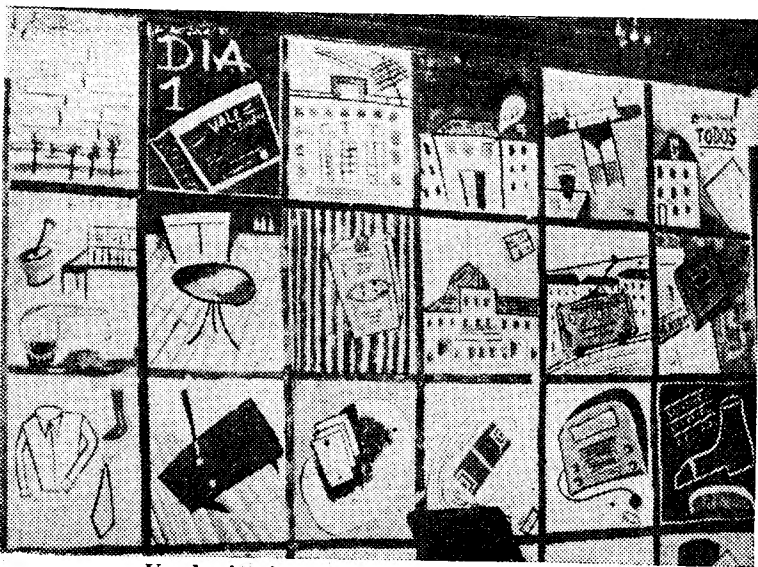
Tais alucinações podem ser, «em cinerama», coloridas e em relevo. As imagens deformam-se, reduzem-se ou adquirem proporções gigantescas (acesso alcoólico e génese da arte moderna).

As alucinações visuais podem juntar-se outras: acustico-verbais, cenestésicas, tácteis e olfactivas.

Necessitam de cuidados especiais estes doentes infelizes e carecem, acima de tudo, que a sociedade e os médicos os compreendam e amparem, procurando eliminar as causas do desespero.

Etes doentes (S. Nacht, «Ce que le malade attend du médecin», Paris, 1959) precisam de compreensão total, de ser ajudados, para que depois se ajudem a si próprios, reconduzidos com carinho à Rua Direita da Vida!

A. d'E.



Um dos interiores da Real Republica Ay-ó-Linda

As festas 8.º «centenário» da Real República Ay-ó-Linda dos estudantes de Coimbra

COIMBRA, 21. — Os estudantes trazem a cidade em festa permanente. Durante três dias as «datadas» alvoroçaram a cidade, cujos habitantes foram atraídos às ruas pelo cortejo inimitável de graça ruidosa e franca. O pitoresco das legendas rivalizava com o dos trajos dos «caloiros», um dos quais, numa sátira aos fenómenos do Entroncamento, vestia uma «toilette» vaporosa, simbolizando a «miss» daquela vila «prodigiosa», e ostentava nas costas o galbo que o sexo frágil normalmente apresenta no peito!

Mas a festa de hoje, a festa rija, anunciada logo de manhã, por girandolas de foguetes, é consagrada à «Real Republica Ay-ó-Linda», que tanto se tem notabilizado pelas suas iniciativas e que comemora o 8.º «centenário» da sua fundação (cada ano vale 100). Todas as outras «republicas» se associaram à festa e, por isso, o regozijo é geral.

A «republica» em questão está instalada num prédio do Bairro de Sousa Pinto e possui curiosas dependências.

Tem um «ascensor» que conduz à casa, onde se festejam os «centenários» e onde se realizou já um congresso com a presença de 45 actuais e antigos «republicos».

Ali se lêem as seguintes palavras: «As «republicas» são alfores de homens, são núcleos onde se cria a irmandade dentro dos mais sólidos princípios de camaradagem».

Há o quarto do «presidente» que é, em princípio, o mais antigo da «republica»; o do «Katrapinista», responsável pelo arquivo, livro de ouro, estatutos e decoração da «republica»; os do «orador municipal»

do da vassoura e seu ajudante, responsáveis pelo asseio e limpeza da casa; do «Calceihas», guarda do dinheiro; o do «Bacão», que é o encarregado de preparar as ceias, etc.

Ali se encontram também os quartos do «Seringa», que tem a seu cargo o pagamento de verbas extraordinárias e do «Ministro p'ro Exterior», o encarregado de receber as visitas e da correspondência oficial.

Todas as dependências da «republica» estão decoradas com a reprodução de quadros de outros célebres e com legendas, etc.

As comemorações do 8.º «Centenário» além de outras manifestações de alegria, constam de um banquete que se prolongará até madrugada alta, no meio do mais franco e entusiástico convívio, pois além dos donos da casa assistem os representantes de todas as «republicas» e os antigos componentes da «Ay-ó-Linda» que, para esse fim, se deslocaram a esta cidade.

O banquete consta das mais variadas e apetitosas iguarias regadas com os mais afamados vinhos, ofertas de velhos amigos e dos que acompanham com prazer as festas da rapaziada.

Os «caloiros» não faltaram porque lhes estavam confiadas as mais importantes missões, como a guarda da «republica» para o que se apresentaram devidamente «uniformizados» e armados com paus de vassouras.

Assim se mantém uma tradição de há muitas gerações desta única e aprazível cidade universitária portuguesa.

Dr. Mário Cordeiro — novo professor da Faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina de Lisboa, efectuou-se a última prova do concurso para professor extraordinário de Clínica Pediátrica e Puericultura a que se apresentou o sr. dr. Mário Cordeiro. O júri, presidido pelo sr. prof. dr. Marcello Caetano, reitor da Universidade Clássica de Lisboa, era constituído pelos catedráticos daquele estabelecimento de ensino e pelos srs. profs. drs. Lucio de Almeida e Fonseca e Castro, respectivamente, das Faculdades de Medicina de Coimbra e do Porto.

Primeiramente, procedeu-se à leitura do relatório da prova prática, efectuada ontem, relativa a duas preparações anatómico-patológicas. Seguiu-se a sua apreciação e discussão pelo sr. prof. dr. Carlos Salazar de Sousa.

Terminada a discussão da prova prática, o júri reuniu-se em sessão secreta e decidiu aprovar o candidato, o que corresponde não só às excelentes provas que prestou agora, como a justa consagração da sua carreira clínica e pedagógica.

O sr. dr. Mário Jerónimo Caetano Quintiliano Cordeiro tem 47 anos, nasceu em Mapuçá (Goa) e pertence a uma família com tradições na Medicina, sendo filho, neto e bisneto de médicos. Aos 15 anos de idade, entrou na Universidade de Lisboa, onde fez os preparatórios de Medicina, na Faculdade de Ciências, ingressando em 1928 na Faculdade de Medicina. Concluiu o curso médico com 21 anos.

Tendo resolvido dedicar-se à Pediatria, exerceu as funções de assistente na Faculdade de Medicina, onde trabalhou com grandes mestres da especialidade, como Jaime Salazar de Sousa, Castro Freire e Carlos Salazar de Sousa.

Em Junho de 1945, o sr. dr. Mário Cordeiro doutorou-se em Medicina e Cirurgia, com a classificação de 18 valores.

É autor de numerosos trabalhos científicos e participou em diversos congressos internacionais de Pediatria e de Protecção à Infância. Efectuou visitas de estudo à Alemanha, Itália, França, Suécia, Suíça e Inglaterra, onde frequentou cursos e colheu impressões nas clínicas mais importantes.

Foram encontradas as avionetas que haviam partido de Luanda

LUANDA, 21. Foram encontradas as duas avionetas que, tendo saído, ontem de manhã, uma para Porto Amboim, e outra para Malanje, haviam sido dadas como desaparecidas.

Os aparelhos que saíram para pesquisas encontraram as avionetas, que tiveram de aterrar antes de chegarem aos respectivos destinos.

Desconhecem-se pormenores das aterragens e quais os motivos das decisões dos pilotos, mas sabe-se não haver desastres pessoais. — (A. N. I.).



DUARTE PINTO COELHO

O Prémio do Cartaz das Comemorações Henriquinas

Sob a presidência do sr. prof. dr. Caeiro da Mata, presidente da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique e em obediência ao respectivo regulamento dos Prémios Henriquinos, reuniu-se o júri encarregado de se pronunciar sobre as obras concorrentes ao Prémio do Cartaz, destinado a comemorar aquele grande acontecimento histórico. Assistiram os v. gais srs. prof. Armando Lucena, escultor prof. Leopoldo de Almeida, arquitecto Frederico George e eng. Nazareth de Oliveira. Secretariou o júri o sr. dr. Rogério Cunha e Sá. O júri, por unanimidade, resolveu atribuir os 1.º e 2.º prémios, no valor de 10.000\$00 e 5.000\$00, respectivamente, aos srs. Luis F. Seabra e Manuel Rodrigues, autores dos projectos identificados com as divisas «Lufer» e «Estai». Os outros cartazes, não classificados, em numero de 37, e, ainda segundo o regulamento, serão devolvidos aos seus autores, desde que os requisitem até ao dia 5 de Dezembro próximo.

O RIO ZEZE subiu ao nível que não atingia há 25 anos

BELMONTE, 21. — Ontem, de tarde, o rio Zêzere registou uma cheia como há mais de 25 anos não se via. A água submergiu a ponte que liga a Manteigas e Covilhã. Algumas camionetas e peões tiveram de esperar algum tempo para poder passar. Há muitas terras inundadas, numa grande área.

Expressiva festa cigana em S. Pedro do Estoril com bodo a 200 ciganos e baptismo de quinze crianças

Quem esta manhã, se deslocou até S. Pedro do Estoril, próximo da capelinha de S. Pedro da Colónia Balnear Infantil de «O Século», pôde presenciar um espectáculo verdadeiramente enternecedor.

Duas centenas de ciganos, entregando os seus melhores trajos, desfrutaram de uma festa que lhes

foi exclusivamente dedicada pela Obra de Protecção aos Ciganos Pobres da Costa do Sol, que hoje comemorou o seu 3.º ano de existência. Espectáculo multicolorido de belas mulheres gitanas, com grandes olhos negros, brinços e alfinetes de filigrana, nas suas blusas e saias largas e de tons berrantes, a maior parte delas com filhinhos ao colo, carinhosamente embalados, envolvidos em xalles e lenços de cetim, enquanto os homens formavam um sector disciplinado e atento. Admirando o quadro, obtinha-se a sugestão de que os ciganos são o povo mais feliz da Terra e que aqueles viviam sem problemas...

Mas, não. A festa tinha, precisamente, como objectivo a suavização dos sofrimentos de uma raça desumanamente perseguida por

categorizados palcos estrangeiros.

Mas foi um português uma das grandes figuras dessa noite de festa. Coube, com efeito, ao nosso compatriota Duarte d'Avillez Pinto Coelho a tarefa de criar o ambiente típico em que decorreu o alegre serão. Com originalidade e um raro sentido de beleza, decorou o local, transformando um estúdio de artista num atraente café-cantante, por forma a merecer elogios que lhe deram honras de vedeta da festa.

Mas quem é este português cujo nome foi assim agora trazido para o primeiro plano das crónicas mundanas de Madrid? É, de facto, um destes portugueses que se deixou um dia seduzir pelas atracções das grandes capitais e, com o seu espírito de aventura e uma orgulhosa confiança em si próprio, abalou de Lisboa. Filho de boas famílias, há



A infanta Margarida de Bourbon, tendo ao colo um ciganito, também acompanhado por sua mãe feliz

(Continua na 14.ª página)

Os jornais brasileiros referem-se com relevo à revelação do «Diário de Lisboa» sobre a cirurgia cardíaca

RIO DE JANEIRO, 21. — Os jornais brasileiros referem-se com grande relevo, nas suas primeiras páginas, à revelação feita pelo jornal lisboeta «Diário de Lisboa», sobre o coração artificial português do dr. Décio Ferreira, que o comunicou à Sociedade de Ciências Médicas. Os jornais publicam alguns passos do artigo sensacional daquele jornal de Lisboa e destacam a obra levada a cabo pela equipa médica chefiada pelo ilustre cirurgião, e de que fazem parte, entre outros os drs. Martins da Fonseca, Francisco Ferreira, Ramon de la Féria e Oliveira Dias. — (L.).

A Imprensa espanhola também publica telegramas de Lisboa, com referências ao artigo que publicamos sobre as sensacionais experiências da cirurgia cardíaca.

Chegaram ao Funchal os passageiros do «Monte Brasil»

FUNCHAL, 21. — (Via Marconi). — A bordo do paquete «Santa Maria», chegaram a noite passada à Madeira os passageiros que seguiam no cargueiro «Monte Brasil» e o electricista deste navio Armando de Oliveira Carvalho, que durante o combate ao incêndio foi atingido por uma faísca eléctrica. Armando Carvalho, que segue para Lisboa no «Santa Maria», apresenta ainda a face com ferimentos ocasionados por queimaduras. Todos os passageiros seguirão para os seus destinos no próximo domingo, a bordo do cargueiro «Açores». — (L.).

Pretendem vender ouro, prata ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. DA PRAIA, 257

Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!

**LEVANTANDO 50%
DO VALOR
DA SUA PROPRIEDADE
JURO DE LEI**

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA:
ROSSIO, 3-2.
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO:
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

NOVO!

Det

Para as roupas,
para a loiça, **Det** é
o detergente que
oferece maiores
garantias de as-
seio e economia.

EXPERIMENTE
HOJE MESMO **Det**
e verá a limpeza da
sua casa aumentar.

Branco é... **Det** o lavar

il

as

pela
s Po-
hoje
stên-
o de
gran-
lfine-
sas e
es, a
s ao
ados,
e ce-
ivam
ento.
se a
ão o
que

visa-
viza-
raça
por

tendo
pa-



Dia de festa para os ciganos da Costa do Sol

uma infinidade de preconceitos, bem impróprios de gente que se afirma civilizada e generosa. A solução não está em repudiar, mas em educar. Ali, naquele garrido e improvisado acampamento cigano, praticava-se uma lição de humanismo que não podia deixar de aquecer as almas gélidas e torturadas pela injustiça da desigualdade. Por isso, os ciganos bailavam e cantavam no seu jeito tão característico; as moças lançavam no ar os filhotes para os receber nos seus braços vigorosos e acariciadores; os rapazinhos, de bibe e mala escolar ao ombro, formavam uma contrastante mancha nítida; e os chefes de família contemplavam tudo aquilo com um ar de estupefacção, quase de incredulidade. Não era possível extrair da cena pingos de malícia. Tudo pairava numa atmosfera de santa ingenuidade, vinculada primordialmente nos rostos das crianças, a própria inocência personificada, iguais a todas as crianças do Mundo, feitas da mesma matéria, mas talvez destinadas a um sofrimento mais longo e profundo.

Numerosas senhoras, de todas as condições sociais, acorreram dispostas a ampliar a alegria dos ciganos. Entre elas, a condessa de Barcelona, presidente de honra da Obra de Protecção aos Ciganos Pobres da Costa do Sol, com sua filha, infanta Margarida de Barcelona, as sr.^{as} D. Isabel Falcão de Miranda, presidente e o cérebro dinâmico e incansável da humanitária organização com as restantes componentes da Obra; a esposa do ministro da Embaixada de Espanha sr. Juan Schwartz; o sr. dr. Roberto Ferré, delegado da Falange de Espanha, com sua filha, D. Montserrat, a condessa de Alcubierre, várias irmãs vicentinas, senhoras da Beneficência Espanhola, etc. Foram estas pessoas que se quotizaram para a compra de roupas, agasalhos e objectos de utilidade que foram oferecidos a 50 famílias de ciganos e muitas das senhoras presentes serviram de madrinhas de 15 crianças que foram baptizadas pelo cônego dr. José Manuel de Sousa, na capela de S. Pedro, alindada perfumada pelas rosas frescas.

O baptizado colectivo abriu a sequência de cerimónias. Lágrimas e sorrisos, de intensa espiritualidade, uniu mães e pais, numa comovente manifestação. Em seguida, realizou-se uma missa em acção de graças pelo 30.º aniversário da posse do cardeal-patriarca de Lisboa, por iniciativa da Irmandade de S. Pedro do Estoril, de que é juiz o sr. dr. Falcão de Miranda. Por fim, foi distribuído o abundante bode pelos 200 ciganos pobres.

Quando nos retirámos, ainda ecoavam impelidos pela brisa, os cantos sugestivos daquela gente momentaneamente feliz...

Começou a terraplanagem do futuro parque de estacionamento da Ribeira das Naus

Conforme o «Diário de Lisboa» noticiou, em 17 de Setembro passado, na reunião pública mensal do Município, daquele dia, o brigadeiro França Borges «anunciou que, para contribuir para a solução gradual do problema do estacionamento, pediu que a zona de terreno compreendida entre o Cais do Sodré e o Cais das Colunas, seja utilizada para parque de automóveis, e que a Administração-Geral do Porto de Lisboa acedesse a esse pedido».

Pensando que o importante problema do estacionamento não pode ser resolvido de repente e que, enquanto não se fizer «a construção de grandes imóveis», com tal objectivo, têm de ser adoptadas soluções graduais, o presidente do Município, com uma larga visão, resolveu — e muito bem — promover o aproveitamento do extenso e largo terreno, limitado pela Avenida da Ribeira das Naus, pelo Tejo, pelo edifício da Administração-Geral do Porto de Lisboa, no Cais do Sodré, e pela entrada da Praça do Comércio, e situado num ponto central, com variados meios de comunicação, para ali estacionarem milhares de automóveis, descongestionando não só os outros parques, mas também as artérias onde os automobilistas, por falta dos lugares indispensáveis, arrumam os seus carros.

A Administração-Geral do Porto de Lisboa, como foi dito, acedeu prontamente; e como aquele terreno foi, em grande parte, conquis-

Os 4 naufragos recolhidos ao largo da nossa costa foram interrogados na Polícia Marítima que suspeita da sua actividade contrabandista

Quatro homens num iate, açoitado pela violência da tempestade. Naufrágio imminente. O céu escurecera sobre o alto mar, a costa portuguesa estava longe, as ondas haviam-se agigantado. Providencialmente sobreveio o «Maren Cord», batendo pavilhão dinamarquês, e esse navio salvador recebeu a bordo os quatro nautas lusitanos, que já sentiam nos corpos o suor da morte. Pouco depois, afundava-se o frágil iate. Arribou a Cascais o barco escandinavo e aí desembarcou os naufragos. São eles: Edmundo Pedro, proprietário do referido barco, de 41 anos, casado, filho de Gabriel Pedro e de Margarida Tavares Ervedoso, natural de Samouco, e residente na Rua Antero de Figueiredo, 4, E, 2.º direito, em Lisboa; Artur José da Silva Vaz, agente comercial, de 28 anos, filho de José Vaz e de Marieta Borges da Silva Vaz, natural de Setúbal e residente no Bairro do Alvito, 9, 1.º, Lisboa; Angelo da Guia Vieira, inscrito marítimo n.º 1524, da Delegação Marítima da Trafaria, de 20 anos de idade, solteiro, natural de Lisboa, filho de Roque da Costa Vieira e de Elisa da Guia Vieira, e morador em Lisboa, na Rua Pereira Henriques, 4, 2.º, e Virgílio dos Santos Brás, inscrito marítimo n.º 1453, da Delegação Marítima da Trafaria, de 34 anos, solteiro, filho de João Brás e de Florinda Infancia dos Santos, natural de Lisboa e residente na Rua Pereira Henriques, 4, 2.º.

O capitão do navio dinamarquês, ao chegar a Cascais, comunicou a ocorrência às autoridades locais, que, por seu turno, informaram a Capitania do Porto de Lisboa. Foi assim já um agente da Polícia Marítima quem se dirigiu a bordo do barco dos Pilotos da Barra e trouxe para terra os quatro portugueses. Logo que estes deram esta manhã entrada na Polícia Marítima, foram ouvidos pelo agente Martins Baptista, em processo sumário, declarando terem saído de Lisboa, no domingo passado, numa embarcação denominada «Santa Margarida», registada na Brigada Naval, com a intenção de a experimentarem.

Contaram como se desencadeou o mau tempo e como eles pediram socorro ao barco dinamarquês, acrescentando que o iate se afundou pouco depois de o navio estrangeiro lhes ter passado um cabo de reboque ao mastro.

O agente Angelo Cerqueira, da Polícia Marítima, a quem por determinação do sr. capitão-de-fragata Malheiro do Vale, comandante da corporação, o caso foi entregue, para averiguações, ouviu imediatamente os quatro naufragos, que acrescentaram ainda alguns pormenores á narrativa da sua odisseia. O Edmundo Pedro declarou assim que, no dia 15 do corrente, pelas 10 horas, largou com o «Santa Margarida», registado na Brigada Naval, sob o n.º 3389, para fora da barra, com a intenção de experimentar o motor. Devido ás condições do tempo, teria navegado para o Sul, acabando por, no dia 17, entrar no porto de Olhão, de onde, porém, saiu no dia seguinte, com destino a Lisboa. Acrescentou que, embora tivesse abandonado Olhão, com bom tempo, quando navegava ao largo de Lagos, já se fazia sentir o efeito da tempestade de Sudoeste. Depois de dobrar a ponta de Sagres, surgiu o temporal desfeito, vendendo-se então os quatro portugueses obrigados a pedir socorro ao navio dinamarquês, que providencialmente ali passava.

Certos aspectos ainda mal esclarecidos deste caso permitem supor que estamos perante mais um deplorável caso de contrabando. As autoridades suspeitam de que os quatro indivíduos tivessem estado em Tanger ou de que tencionassem ir ali carregar contrabando.

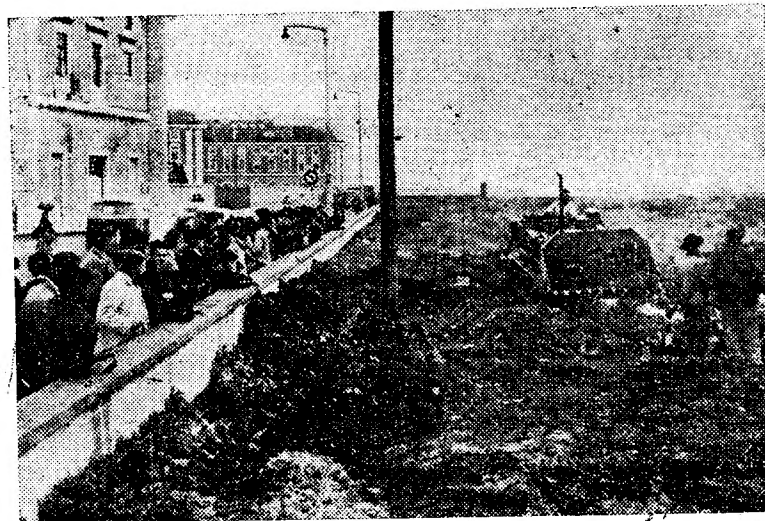
Numa mala que um deles conseguiu salvar foram encontrados objectos, meias de senhora, guardanapos e lenços, que são indícios flagrantes de contrabando.



Os quatro naufragos, com um agente da Polícia Marítima, ao chegarem á sede daquela corporação

Menor atropelado quando saía da escola

Quando saía da escola, foi atropelado no Largo do Leão o menor Joaquim António Rosendo Baltasar, de 7 anos, morador no Caracol da Graça, n.º 4, letra B, porta 7, que recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.



Os trabalhos na Ribeira das Naus

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Noroeste e o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Sul dos Açores.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.) — Portalegre, 7º; Porto, 10º; Coimbra, 11º; Lisboa e Faro, 12º; e Funchal, 15º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 10 HORAS (T. M. G.) NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 16,8; na água do mar, 14,8.

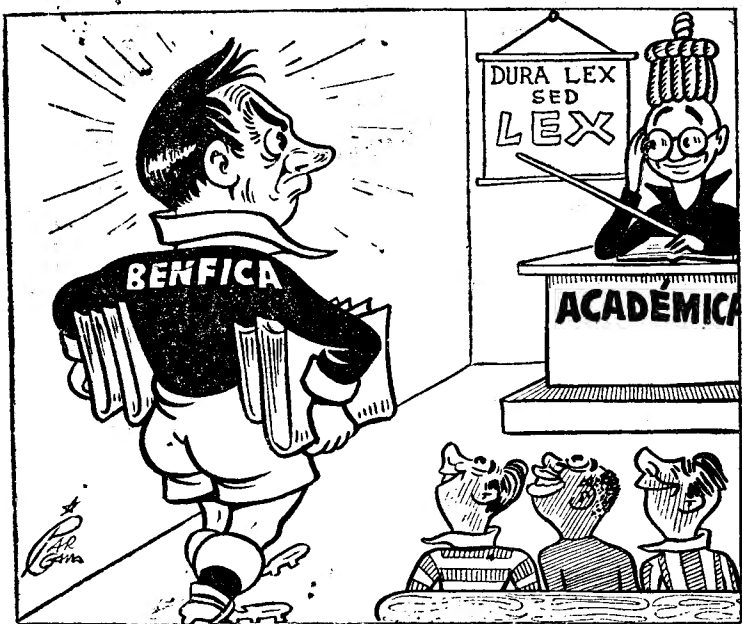
TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA ATÉ AS 15 HORAS (T. M. G.) — Máxima, 17,1; mínima, 10,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17,8; mínima, 8,3.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, passando a muito nublado. Vento Noroeste fraco, rondando gradualmente para Sudoeste moderado a fresco. Chuva no fim do período.



Acidente mortal

Na Estrada de Queluz, frente á Fábrica de Cabos Avila, foi colhido mortalmente por um carro um vendedor ambulante, que aparenta 40 anos, cujo corpo se encontra no Instituto de Medicina Legal.



O aluno mais «adiantado» vai fazer exame a Coimbra...

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Chaves, Montijo e Olhão assistem aos jogos de maior interesse da 9.ª jornada

O Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 9.ª jornada, a anteceder nova interrupção, pois o dia 29 está reservado aos primeiros jogos da «Taça».

Por via dos resultados de há uma semana e das mudanças de «guias» que eles operaram, a jornada de amanhã reveste-se do maior interesse, que aliás tem sido característica da competição.

Vejam, entretanto, as perspectivas da jornada que marca o primeiro terço da competição.

Na Zona Norte

Os desafios da Zona Norte são os seguintes:

Salgueiros (11)-Vianense, (6)
Chaves (11)-Vila Real (7)
Espinho (6)-Peniche (11)
Sanjoanense (7)-Marinhense, (8)
Acad. Viseu (5)-U. Coimbra (6)
Caldas (9)-Oliveirense (9)
Torriense (7)-Beira Mar (9)

Dos três clubes que estão á frente da classificação (Salgueiros, Chaves e Peniche) é o Peniche o que tem tarefa mais difícil, por ser o único que vai jogar ao campo do adversário.

Isto não quer dizer que o trio se desmanche, pois se o Salgueiros e o Chaves merecem mais amplo favoritismo, pois jogam em casa, contra equipas de menor cotação (considerando a sua pontuação) o Peniche também pode ganhar, desde que se aplique a fundo.

Os quatro restantes jogos apresentam-se como susceptíveis de proporcionar lutas bem equilibradas.

O Caldas e o Torriense recebem equipas do distrito de Aveiro, para um interessante confronto Leiria-Aveiro, que se completa com o encontro Sanjoanense-Marinhense. O desafio de Viseu dará uma indicação segura quanto ao «lanterna-vermelha».

Na Zona Sul

O programa da Zona Sul apresenta-se assim:

Montijo (9)-Barreirense (13)
Lusitano V. R. (6)-Farense (10)
Esp. Beja (7)-Serpa (6)
Arroios (2)-Almada (8)

HOJE À NOITE

BADMINTON — Prossegue o Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão com os encontros da 2.ª jornada: Técnico-Lisboa Ginásio e Sporting-Benfica, no ginásio do Técnico, e Triângulo Vermelho-Direito, no recinto do primeiro. A partir das 21 horas.

VOLEIBOL — No ginásio da Escola Nuno Gonçalves, às 19 horas, defrontam-se as equipas do Sporting e Belenenses.

XADREZ — No Ateneu Comercial, às 21 horas, Benfica-Ateneu e Alekine-Sporting para o torneio de equipas.

Juventude (7)-Oliveiros (7)
Portimonense (12)-Estoril (2)
Olanhense (12)-Oriental (11)

O jogo de maior expectativa é o do Montijo, onde a equipa local reserva tarefa bem difícil ao Barreirense — o actual «guia». O vaticínio é muito difícil — acredite-se. Certo é que o grupo do Barreirense se aplicará ao máximo para vencer, pois se o não conseguir corre sério risco de passar para o terceiro lugar.

Isto porque o Portimonense e o Olanhense (mais aquele do que este), jogando nos seus campos, não devem deixar fugir os dois pontos ou pelo menos um (o Olanhense).

A partida de Vila Real de Santo António vai ser dura para o Farense, dado que os locais não deixarão fugir o ensejo de se afastarem da zona perigosa.

No Alentejo disputam-se dois jogos de muito interesse em que o vaticínio é muito difícil, como, apesar de tudo, é o do desafio Arroios-Almada.

ATLETISMO

O calendário oficial de estrada prevê a presença de Portugal no «Cross» das Nações, em Glasgow

A Federação Portuguesa de Atletismo comunica-nos que foi superiormente autorizado que a época de 1960 seja antecipada para dezembro deste ano, pelo que a partir do dia 1 do mesmo mês podem ser feitas as inscrições dos atletas.

Igualmente, foi autorizado que as provas de corta-mato e de estrada, oficiais, possam ser efectuadas até 8 de Maio de 1960.

O calendário das provas de corta-mato e de estrada é o seguinte: Janeiro — Torneio Nacional de Aspirantes (3 kms), no dia 3, e Campeonato Nacional de Principiantes (5 kms), no dia 17.

Fevereiro — Campeonato Nacional de Juniores (10 kms), no dia 14, e prova extra para seniores (10 kms), em dia a designar.

Março — Campeonato Nacional de Seniores (14 kms), no dia 13, e «Cross» das Nações, no dia 26, em Glasgow.

Maio — Campeonato Nacional de Fundo (Maratona), no dia 8.

Este calendário já está sancionado pela D. G. D. e os locais onde as provas se efectuarão serão comunicados, oportunamente.

A qualificação de amador

A Federação Internacional de Atletismo Amador tomou a decisão de apresentar no Congresso de Roma, no sentido de tornar mais clara a disposição do n.º 5 do parágrafo 3.º do Regulamento da qualificação

Todas as atenções estarão amanhã concentradas no Estádio Municipal de Coimbra, onde actua o Benfica, «guia» do campeonato, sem ter sido ainda derrotado. Os restantes jogos não se revestem da mesma importância no que se refere à perspectiva de alterações na tabela classificativa, embora não deixem de condensar um interesse intrínseco.

A jornada, a 9.ª, de amanhã engloba a seguinte série de encontros:

Académica-Benfica
Belenenses-V. Setúbal
Sporting-Lusitano
Cuf-Sp. Covilhã
V. Guimarães-Atlético
Leixões-Sp. Braga
F. C. Porto-Boavista

Dos quatro «grandes», o Benfica é o único que joga fora de casa. A circunstância é de valorizar tanto mais que o campeonato sofrerá uma pausa, no próximo dia 29, para dar lugar à 1.ª eliminatória da Taça de Portugal, e cada um dos contendores procurará decerto fir-

mar melhor a sua posição de forma a rever o grau das possibilidades num plano mais ou menos definido.

EM COIMBRA — A Académica (10 pts.) que está a efectuar uma excelente prova, recebe o Benfica (15 pts.), e, imediatamente, sugere um somatório de dificuldades para os «encarnados». O estilo de cada uma das equipas convida à impressão de um bom encontro. Ao futebol clássico dos «estudantes» oporá o Benfica a sua toada prática, de jogo aberto, em que o ataque desempenha um papel primordial. A defesa coimbrã terá portanto uma palavra a dizer. Afigura-se, porém, difícil travar os avançados «encarnados», mas em contrapartida a incógnita da eficácia do compartimento defensivo dos visitantes perante os dianteiros locais é problema que condensa também um mundo de dúvidas. A vitória tangencial do Benfica entra no domínio das previsões.

NO RESTELO — O Belenenses (10 pts.) enfrenta o V. Setúbal (4 pts.) e desde logo crê-se em facilidades para os donos da casa. Um

triunfo amplo a favor dos «azuis» e exibição condizente, com réplica valerosa por parte dos vitorianos.

EM ALVALADE — O Lusitano (6 pts.) contra o Sporting (13 pts.) não parece destinado a conhecer o êxito. Os «leões» apresentam-se como francos favoritos, mas os eborenenses são capacíssimos de dificultar ao máximo a tarefa dos sportinguistas.

NO BARREIRO — A Cuf (7 pts.) e o Sp. Covilhã (10 pts.), pelas suas características, justificam um embate interessante. A homogeneidade dos covilhanenses representa uma força considerável para a qual os locais necessitam de se aplicar a fundo. A vitória pela diferença mínima dos cufistas parece ser um vaticínio aceitável.

EM GUIMARAES — O Atlético (7 pts.) desloca-se ao campo da Amora para enfrentar o Vitória (9 pts.) e o 2.º jogo seguido dos alcantarenses fora de casa e, naturalmente, em face da solidez do grupo minhoto pensa-se que o clube lisboeta não evitará a derrota.

EM MATOSINHOS — O Leixões (5 pts.) recebe o Sp. Braga (6 pts.). Os matosinhenses, que ainda não perderam no seu terreno, tudo farão para conservar a tradição. Acreditado-se que os bracarenenses possam imitar o êxito registado nas Antas, mas a pertinácia do Leixões (e o bom jogo) são factores a ter na devida conta.

NAS ANTAS — O F. C. Porto (7 pts.) e o Boavista (3 pts.) derinem um «derby» regional. A força dos «portistas», empenhados numa recuperação vislumbada em Evora, não deve ser propícia às pretensões dos «azadrezados». Bom ensejo para o grupo de Daucik afinar o articulado dos sectores.

Formações prováveis

BELNENSES — José Pereira; Moreira e Carlos Silva; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, «Matateu», «Tonho», Chavez e «Yauca».

VITÓRIA F. C. — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Sidney; Inácio, Miguel, Pompeu, Bira e Virgílio.

LEIXÕES S. C. — Rosas; Pacheco II e Raul II; Ventura, Raul I e Pacheco I; Oliveira II, Osvaldo, Jaburu, Aparício e Silva (ou Nunes).

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e Narciso; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Velez, Rafael Teixeira, Mendonça e José Maria.

SPORTING — Sá; Hilário e Morato; Julius, Mendes e França; Hugo, Faustino, Fernando, Romeu ou Diego e Seminário ou Romeu.

LUSITANO G. C. — Vital; Teófilo e Paixão; Narciso, Falé e Vicente; Fialho, Flora, Caraca, Manuel Jorge e Palmeiro Antunes.

Arbitro: Encarnação Salgado (Setúbal).

F. C. PORTO — Acurcio; Virgílio e Barbosa; Pedroto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Perdigão, Hernani, Daucik, Montão e «Humaitã».

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, «Manero» e Torres; Garcia ou Ribeiro, Alcino, Kovacs, Guilherme ou Garcia e Germano.

ACADEMICA — Maló; Araújo e Mesquita; «Malícia», Wilson e Torres; Rocha, Jorge Humberto, Samuel, Chipenda e Nuno.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; Palmeiro, Santana, José Augusto, Coluna e Cavém.

G. D. da C. U. F. — José Maria; Abalroado e Durand; Carlos Alberto, Palma e José Luis; Rodrigues, Salvador, Pedro Silva, Pimentel e Ernesto ou Uria.

SPORTING DA COVILHA — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cavém e Lourenço; Manjeigheiro, Martinho, Suarez, Walter e Ilo Caldas.

VITÓRIA S. C. — Pinho; Daniel e Abel; João da Costa, Silveira e Virgílio; Romeu, Azevedo, Ernesto; Carlos Alberto e Rola.

ATLÉTICO — Ramin; Tomé e Fernando Ferreira; Fonseca, Germano e Orlando; Angeja, Vasques, Albano, Bispo e Tito.

Várias provas de amanhã

ANIVERSARIOS — O C. A. Alvalade promove, às 15 horas, na sua sede, uma sessão solene, comemorativa do seu aniversário.

ATLETISMO — O Benfica promove, no Campo Grande, às 10 h., um torneio para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas: 400, 1500, 5000 metros, altura e vara.

— O C. D. U. L. organiza, também, um torneio para rapazes até aos 15 anos (60, 1000 metros, disco e vara) e até aos 17 (80, 1000 metros, disco e vara) — a partir das 10 horas no Estádio Universitário.

BASQUETEBOL — Prosseguem os campeonatos da 3.ª Divisão, juniores e infantis da A. B. L.

DESPORTO CORPORATIVO — Continua o 18.º Campeonato de futebol da F. N. A. T. com os seguintes encontros:

Em Alvalade — Celcat-F. Simões (2.º B), T. A. P. Panificação (2.º C), Refinaria-Telefones (1.º) e Granel-B. Carenque (2.º C), às 9, 11, 13 e 15 horas.

Em Belém — F. C. Regina-F. L. Sacavém (1.º Div.), St. Elétrica-F. C. Regina (2.º C), Carris-S. C. Cervêjas (2.º C) e Carris-Guerin (1.º), às 9, 11, 13 e 15 horas.

No E. Nacional (treinos) — Ar. Li. Quido-Covina (2.º B) e Simca-Org. Teodoro Santos (2.º B), às 9 e 11 h.

Em Cascais — C. M. Cascais-A. Gaudêncio (2.º B), às 9 horas.

— Começa o Campeonato de basquetebol da 1.ª Divisão, com os encontros seguintes: Carris-Fer. do Barreiro e F. C. Regina-S. P. Seguros, no Porto de Lisboa, às 10 e 11 horas; Robbialac-Guerin, em Sacavém, às 10 horas.

FUTEBOL MINIATURA — O torneio de futebol miniatura organizado pelo Cruzeirense Atlético Clube prossegue amanhã com os seguintes jogos: Janotas-Falcões; Castrense-Repentinos; Pena-Madragoa; Estrela Real-Moinho Encarnado; Estrela do Monte-Glorioso; Carnaxide-Pena; Aguias Graça-Repentinos; Cruzeirense-Amigos Leais; Estrela de Campolide-S. Lazaro; Leões da Ajuda-Real da Bica; Caramão-S. Lazaro B; Laranjeiras-Leões da Armada; S. Vicente-Beato; Estrela Campolide-Aguias da Rocha; Canários-S. Vicente; Sport Lumiar-Dinamo e Playeres-Amigos Leais.

HÓQUEI EM CAMPO — Continua o torneio de abertura da A. H. C. L., com os encontros seguintes: Hóquei-Benfica, no C. Grande, às 15 horas; F. Benfica A-Atlético A e F. Benfica B-Atlético B, no campo «F. Lazaro», às 12 e 8 e 45 h.; Palmenense-Benfica B, em Palma, às 8 e 45 horas.

TENIS DE MESA — As equipas de infantis do Benfica e do Sporting, disputam em Alvalade, às 10 h., o ultimo encontro da «Taça Imprensa».

VELA — Terceira regata do campeonato nacional de «dragões», no rio Tejo.

VOLEIBOL — No recinto do C. N. G., na Parede, às 11 h., 1.ª «mão» dos jogos de passagem de Divisão, entre o Nacional de Ginástica e a L. A. G.

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Benfica e Tabacos

registraram duas vitórias difíceis

A sexta ronda do campeonato regional lisboeta agradou mais que as anteriores em técnica e tática. As decisões de dois dos quatro jogos (Sporting-Benfica e Nacional-Tabacos) só foram encontradas nos derradeiros minutos, e, mesmo assim, houve que recorrer, ainda que por lapso de tempo escasso, ao congelamento da bola, situação que os técnicos impõem às suas equipas para dar satisfação a certos sectores de adeptos, mas que com a nova lei dos 30 segundos já não é fácil de criar. Nos outros dois jogos (Atlético-Liberdade e Belenenses-C. A. C. O.), os vencedores não tiveram dificuldades de maior, apresentando pouco a pouco na vanguarda do marcador com apreciável vantagem.

Depois desta jornada, antepenúltima da primeira volta, a classificação geral que sofreu, na verdade, algumas modificações, ficou assim ordenada:

J. V. E. D. Marc. P.					
Benfica	6	6	—	354-213	13
Belenen.	6	5	—	1 349-254	16
Sporting	6	4	—	2 290-248	14
Liberd.	6	3	—	3 249-228	12
C. A. C. O.	6	2	—	4 242-282	10
Nacional	6	2	—	4 230-275	10
Tabacos	6	1	1	4 235-248	9
Atlético	6	—	1	5 201-299	7

No primeiro encontro da noite, o Liberdade fez uma partida repousante, sem forçar grandemente o ritmo do jogo. O seu maior poder de encestamento resolveu, a partir da segunda parte, a contenda a seu favor. A escassa marcação registada no primeiro tempo ilustra de forma eloquente (6-17 a favor do vencedor) a lentidão enervante da partida. O Atlético, que não evoluiu desde o princípio da temporada, despertou, ainda que ligeiramente, no segundo tempo, mas, mesmo assim, a sua bitola de jogo não passou de sofrível.

Alinharam e marcaram:
ATLÉTICO — Martins, 11; Morga; José Manuel; Santos, Duarte, 1; C. Jorge; Silva; 4; A. Martins, 1; J. Machado, 2; Sousa, 1.
LIBERDADE — José Maria, 19; Ildebrando, 6; Lourenço, 1; Nuno; Neves, 13; Louro; Abreu, 1.
Arbitraram: Albino Figueiredo e Artur Resende.

Na segunda partida (Nacional-Tabacos) o equilíbrio foi a nota dominante que, aliado ao entusiasmo e energia física despendida pelos jogadores redundou num espectáculo deveras agradável. Ao ligeiro ascendente do Nacional, no primeiro tempo, contrapôs o Tabacos uma vivacidade digna de nota. De resto, com o retorno de alguns titulares, o Tabacos, no segundo tempo, pôde discutir com mérito absoluto o triunfo final que veio a aparecer nos derradeiros momentos. O americano Delck foi a grande figura da partida. Dois ou três pormenores chegaram para revelar que voltou ao Tabacos com mais capacidade técnica e física.

Alinharam e marcaram:
NACIONAL — Neves, 4; Hugo, 7; Jesus, 10; Ferreira, 9; Mesquita; Abel Sousa; Remédios e Claudino.
TABACOS — Alves, 2; Delck, 11; João Pereira, 17; Brito, 10; F. Fernandes, 5; Amaral, 15; e J. Fernandes.
Arbitraram: Angelo Salgado e Alberto Costa.

No terceiro encontro, o mais importante da ronda (Sporting-Benfica), a vitória pendeu para os «encarnados», que com um final de rompanete tornearam o difícil obstáculo que foi o Sporting. Digase, porém, que os «leões» fizeram a sua melhor partida da época. Barreto e Abílio brilharam e foram os melhores em campo. No lado dos «encarnados», o dueto Julio Campos-José Alberto, salientou-se, contrapondo a acção daqueles dois elementos sportingistas. A partida teve quatro períodos distintos — dois para cada equipa. O primeiro dos «encarnados», com um começo devastador; o segundo do Sporting, com uma reacção a alcançar o empate ao intervalo; o terceiro, no início da segunda parte (talvez o melhor em técnica), pertenceu ao Sporting, e, finalmente, ao quarto, no fim da parti-

da, chamou-o a si o Benfica. O Sporting conseguiu o seu «score» obtendo 20 cestos e 7 lances livres (falhou 11); o Benfica registou a sua marca com 21 cestos e 8 lances livres (falhou 4). No primeiro tempo os «leões» tiveram 36 lançamentos de tabela contra 39 do Benfica; na segunda parte os números encontrados foram: 35 para o Sporting e 32 para o Benfica. Disto se pode depreender que se registou uma boa média de lançamentos. Depois dos 41-41, o Benfica adiantou-se, mas nunca alcançou em todo o decorrer da partida uma diferença superior a seis pontos. O duelo saldou-se por um triunfo «encarnado» a indicar a melhor homogeneidade da equipa benfiquista.

Alinharam e marcaram:
SPORTING — Barreto, 16; Alberto Sousa, 3; Layne, 3; Abílio, 23; J. Mário, 2.
BENFICA — Pires, 6; José Alberto, 16; Furtado, 4; Coelho, 6; Luis Santos, 6; Julio Campos, 12.
Arbitraram: Artur Tavares e António Capela.

No último encontro da noite, o Belenenses, com uma equipa menos forte (dois titulares estiveram ausentes — Fernando e Delgado —

(o primeiro a revelar-se um defeso e atacante de tabela, de primeiro plano), conseguiu desbaratar-se dos jovens do Camp de Ourique, ainda que para tal, no segundo tempo, tivessem de imprimir mais velocidade ao jogo. O C. A. C. O. resistiu, apenas, os vinte minutos da primeira parte. Depois, dois dos seus elementos foram desclassificados (Alvaro Dias e Simões) e os reservas que os substituíram não tiveram talento para manter, pelo menos, o mesmo nível de jogo. O Belenenses só encontrou a sua toada para o fim da partida.

Alinharam e marcaram:
BELENENSES — Franco, 28; Ribeiro, 13; Brito, 7; Neves, 12; Mário Pereira, 2; Gatinho, José Tome, 4; e Adelino.

C. A. C. O. — Alvaro, Dias, Aires, 21; Luis Alves; Macedo, 2; Arnaldo, 2; Correia, 6; Simões, 6; e Virgílio Santos, 1.
Arbitraram: Carlos Quintas e André Costa e Silva.

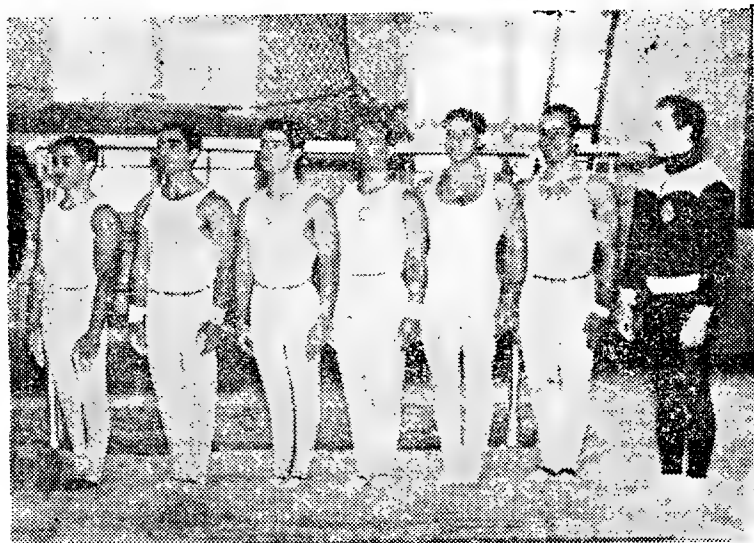
GINÁSTICA DESPORTIVA

Portugal defrontará a Espanha

amanhã, de manhã, em Madrid num encontro de largo interesse

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

realizar-se-á no Frontão «Fiesta Alegre», cedido gratuitamente pelo Real Madrid, e as entidades superiores desportivas resolveram organizar a manifestação com entrada livre para o público, com o claro objectivo de expandir um desporto que, mercê de inúmeras medidas, como esta, está a desenvol-



A equipa nacional masculina, que amanhã defrontará a da Espanha. Da esquerda: Armando Barrento, Luis Queirós, Hermenegildo Candeias, Joaquim Granger, Carlos Abreu e Adelino Barbosa, e o treinador suíço Philippe Déhanne

MADRID, 21.—As equipas de ginástica desportiva representativas de Portugal e Espanha voltam amanhã a defrontar-se. O encontro ver-se-á extraordinariamente no país vizinho. O centro principal da ginástica desportiva é Barcelona, mas, pelo que deduzimos, os Madrilenos fazem esforços profícuos para atrair o interesse do público.

Os Espanhóis são geralmente favoritos. A dúvida está só na diferença que separará os seus grupos dos nossos. Os Portugueses, embora tivessem usufruído da oportunidade de uma preparação mais longa e bem orientada, não estão, porém, em pior momento que quando do encontro de Junho, em Lisboa, do qual obtiveram, por certo, alguma experiência que lhes poderá ser útil amanhã. De resto, também inspira alguma confiança a maneira entusiástica e aplicada como os nossos representantes se entregaram ao treino nas últimas semanas. Por tudo isto, é de esperar uma acção mais feliz por parte de Portugal.

Em Lisboa, registou-se uma diferença total de 16,5 pontos a nosso desfavor: 214,60 contra 205,20 em homens; e 144 contra 136,90 em senhoras. Foram vencedores individuais, Martinez e Elena Artamendi, classificando-se os primeiros Portugueses, respectivamente, em 3.º (Armando Barrento) e 2.º (Esbela da Fonseca). Por outro lado, a Espanha não poderá apresentar a sua melhor equipa de homens, pois Luis Valbuena, campeão nacional, não participará, por sofrer de lesão no menisco contraída no campeonato da Europa, em Copenhague, e que o obrigou a abandonar. Todavia, os Espanhóis estão convencidos de que, apesar disso, o conjunto será mais forte ainda do que aquele que actuou em Lisboa. Nas senhoras, também por lesão, não participará Rosa Belenguer, que será substituída pela madrileña Carmen Gonzalez, que foi suplente em Lisboa. Mas, também em relação a esta competição, os nossos vizinhos se encontram optimistas.

Os Portugueses, todavia, têm impressionado bem nos seus treinos aqui, sujeitos a um programa muito rigoroso imposto pelos seus técnicos.

A formação das equipas

Homens:
PORTUGAL — Joaquim Granger («capitão»), Armando Barrento, Carlos Abreu, Hermenegildo Candeias e Luis Queirós, Suplente: Adelino Barbosa.

ESPAÑA — Hermenegildo Martinez, Emilio Lemona, Ramón Garcia, Enrique Montserrat e Jaime Belenguer.

Senhoras:
PORTUGAL — Dália Sammer («capitã»), Esbela da Fonseca, Teresa Seixas e Helena Cunha, Suplente: Ramira Marques.

ESPAÑA — Elena Artamendi, Renata Muller, Montserrat Artamendi, Elena Gimenez e Carmen Gonzalez.

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECÍLIO AUGUSTO COSTA.

Fernando Soromenho

proferiu uma palestra sobre desporto em Setúbal

SETUBAL, 21 — No cine-teatro do Grande Salão Recreio do Povo, vistosamente engalanado e perante grande assistência, realizou-se ontem, à noite, a sessão solene comemorativa do 49.º aniversário do Vitória F. C., desta cidade.

Presidiu à sessão o sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos, governador-civil do distrito, que se encontrava ladeado pelos srs. major Magalhães Mexia, presidente da Câmara Municipal; coronel Augusto de Carvalho, governador militar de Setúbal; capitão Sirgado Maia, comandante da P. S. P.; dr. Manuel Carqueijeiro, deputado; eng. Nascimento e Oliveira, em representação do director-geral dos Desportos; capitão Ernesto do Rosário, presidente da Associação de Futebol de Setúbal e que representava a F. P. F.; reverendo Fernando Martins e eng. Mamede Fialho, sócio de mérito do clube.

No palco tomaram também lugar os representantes dos clubes de Lisboa e do distrito.

Em primeiro lugar falou o sr. Mário Ledo, presidente da direcção do Vitória, que se referiu à data festiva, fazendo um apelo para que seja dado o indispensável amparo à colectividade.

Em nome do Benfica e Sporting, falaram, respectivamente, os srs. José Castilho e Jorge Almasquê, tendo sido depois apresentado o primeiro orador oficial da sessão, o nosso prezado camarada, dr. Fernando Soromenho que abordou o aliciente tema «A função social do desporto».

Atentamente escutado, o nosso camarada espalhou-se sobre a matéria, apontando as manifestações desportivas como um facto absolutamente indispensável na vida das sociedades e, a propósito, aduziu inúmeros apontamentos históricos que demonstraram a vitória da ideia desportiva quando ela contribui para a boa formação moral do indivíduo, o qual na prática dos jogos e da educação física depura com excelentes meios para estruturar o carácter por forma a enfrentar as vicissitudes da vida.

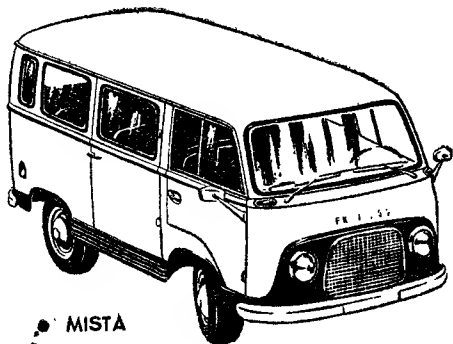
O assunto versado, que surpreendeu pelo arrojo das afirmações, constituiu uma verdadeira apologia de fenómeno desportivo. O caso português mereceu ao orador judiciosas considerações, particularmente quando se referiu à necessidade de se integrar na educação escolar a prática dos exercícios físicos.

Uma prolongada ovação sublinhou o valioso trabalho de Fernando Soromenho.

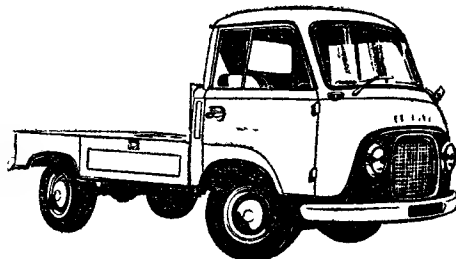
Em seguida, falou o sr. Manuel de Almeida Oliveira que apreciou o momento actual do Vitória, exortando a população de Setúbal a reunir-se em volta da bandeira do clube.

Encerrou a sessão o governador-civil do distrito que, especialmente, distinguiu o discurso do nosso camarada de redacção. Ao clube, dirigiu palavras de incentivo.

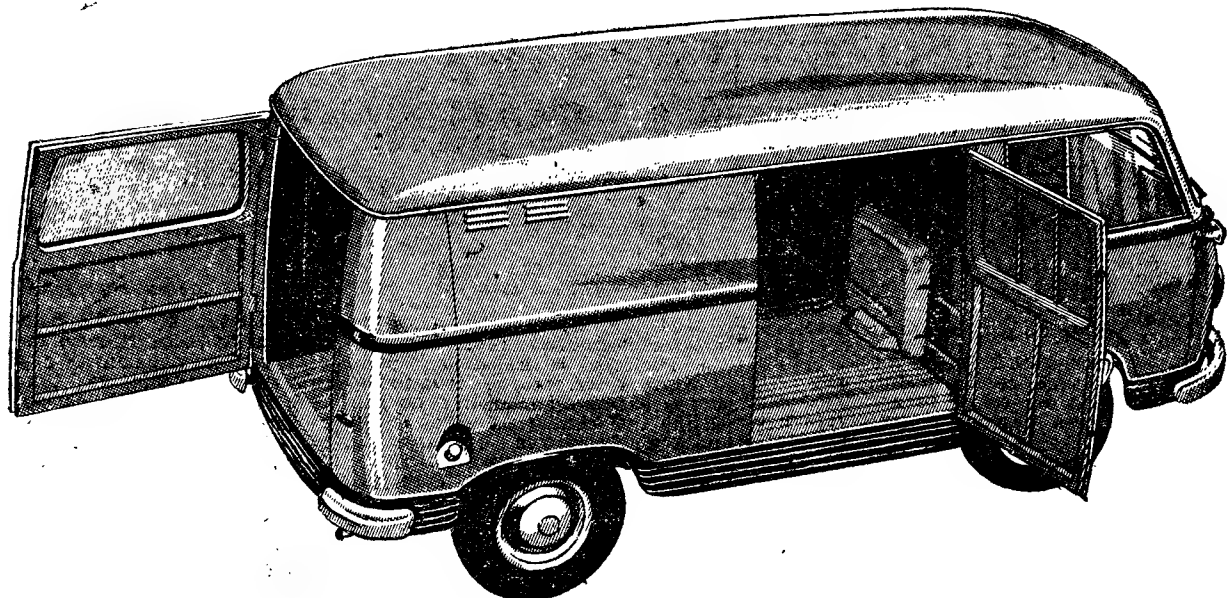
FORD-FK *um veículo para cada fim...*



MISTA



CHASSIS - CABINA



PARA
1.300/1.400
KGS. DE CARGA

MOTOR DE 60 H.P. (SAE)
CAIXA DE 4 VELOCIDADES

A RESERVA DE FORÇA DO MOTOR FK EM CONJUNTO
COM A SUA CAIXA DE 4 VELOCIDADES GARANTEM A
MAIS PERFEITA FLEXIBILIDADE DE USO COM A MAIOR
ECONOMIA E DURAÇÃO

CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

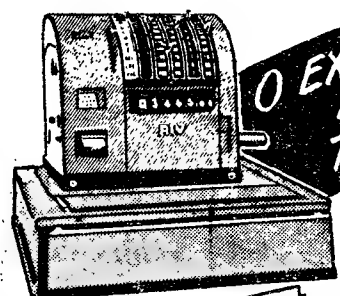
LINCURI, LIMITADA

Avenida da República, 32-A - Telefones 77 70 91/2/3

EM LISBOA

STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO)

Av. F. P. de Melo, 15-A - Tel. 4 96 69 • R. J. Saraiva, 13 - Tel. 77 75 66



O EXPOENTE MAIS
ALTO EM CAIXAS
REGISTADORAS

RIV

MODELO
958

COM NOVOS APERFEIÇOAMENTOS

O PRIMOR E ROBUSTEZ DA SUA CONSTRUÇÃO E A SUA EFICIÊNCIA
E INFALIBILIDADE, SÃO CAUSA DA ADMIRAÇÃO UNÂNIME DOS
ENTENDIDOS E JUSTO ORGULHO DOS SEUS POSSUIDORES!

Demonstrações sem compromisso - e facilidades de pagamento

REPRESENTANTES

AGENCIA COMERCIAL SUECA, L. DA

Av. Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. P.P.C.A. 73311 (3 linhas) - LISBOA

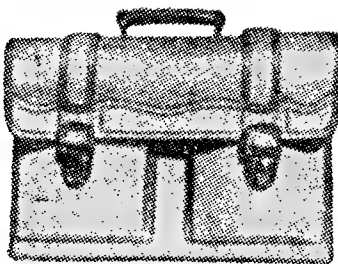
DECLARAÇÃO

Armando Gonçalves, morador na
Rua 4 de Infantaria, 8, r/c-esq., em
Lisboa, vem, para os devidos e le-
gais efeitos, declarar publicamente
que não é MESTRE DE OBRAS,
comprometendo-se perante o Sin-
dicato Nacional dos Construtores
Civis a não mais fazer uso do tí-
tulo de MESTRE DE OBRAS nem
de quaisquer impressos ou carim-
bos com tal designação.

Sede do Sindicato Nacional dos
Construtores Civis, em Lisboa, 20
de Novembro de 1959.

a) Armando Gonçalves

PASTAS



30 anos de fabrico todos
modelos tornados ao comércio
4 "Comprimido" H. Madalena 97

GABARDINAS

NOVAS CORES E MODELOS
DESDE 530\$00

CASA MAX

193-A, R. D. ESTEFÂNIA, 193-F

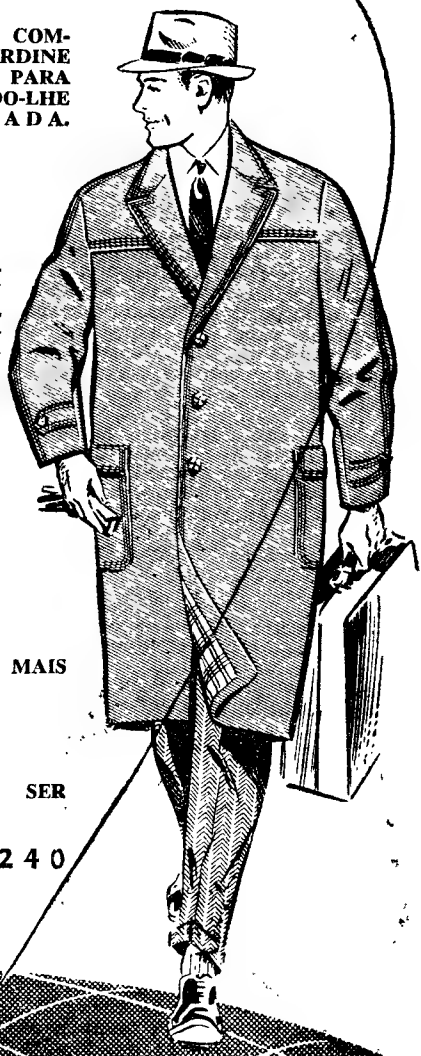
**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

A CIENCIA CRIOU UMA NOVA COM-
BINAÇÃO PARA A SUA GABARDINE
DE OUTONO. PESO PERFEITO PARA
CONFORTO E CALOR, DANDO-LHE
A IMPERMEABILIZAÇÃO DESEJADA.

ADÃO, CAMISEIROS

FEZ O MAIS BONITO IMPERMEA-
VEL PARA USAR NO OUTONO?
SIM, COMEÇA COM NOTÁVEL
COMBINAÇÃO DE CORES DESTI-
NADAS APENAS AO SEXO MAS-
CULINO, JUNTAS NUM NOVO E
EXCITANTE FABRICO, DE LONGE
SUPERIOR A QUALQUER IMPER-
MEAVEL DE NYLON VULGAR,
JAMAIS VISTO OU PENSADO.
ADÃO TRACOU ESTA GABARDINE
E ESTA QUALIDADE DENTRO DE
DISTANCIAS DA MODA E DE
MODO A PROPORCIONAR-LHE
TODAS AS VANTAGENS DE PESO,
CALOR E CONFORTO, DO MAIS
FINO E DELICADO FIO DE NYLON.



MANTÉM-SE SEM RUGAS MAIS
TEMPO
BELAS CORES «CHANGEANT»
SÃO MACIAS AO TACTO
SÃO MAIS CONFORTÁVEIS
TEM DISTINÇÃO
E NATURALMENTE... PODEM SER
LIMPAS A SECO

2 3 4 - RUA AUGUSTA - 2 4 0

HERDADES E QUINTAS

COMPRAS, vendas, hipotecas, ad-
ministrações, arrendamentos, explo-
rações em sociedade, fiscalizar ren-
deiros, etc. Tenho profundos conhe-
cimentos e colaboração Engenhe-
ros-Agrónomos e Feitores Agríco-
las. Dou amplas referências e ga-
rantias profissionais, morais e ma-
teriais. Trata M. Lécas Espada, Pa-
rede, Linha de Cascais, Telef. 047290
todos os dias até 12 horas.

VISITA AO ALGARVE E A SEVILHA

Com vista a proporcionar aos
srs. Passageiros maiores faciliti-
des para se poderem deslocar ao
Algarve e a Sevilha durante as
quadras festivas do NATAL e ANO
NOVO a C. P. fará circular diári-
amente os comboios semidirectos
8011 e 8012 (os conhecidos rápidos
do Algarve) nos seguintes perio-
dos:

—o c.º 8011 (sentido Lisboa-Algar-
ve), de 20 a 27-12-959 e de 30-12-959
a 6-1-960,
boa), de 20 a 27-12-959 e de 31-12-959
—o c.º 8012 (sentido Algarve-Lis-
boa) a 7-1-960.

São asseguradas, nos referidos
períodos, também diariamente as
respectivas ligações de barco e de
autocarro de e para, Ayamonte,
Huelva e Sevilha.

Echarpes de Lã
Mohair
TORRE EIFFEL

104-Rua do Carmo-106

REMODELAÇÃO

da sede da Federação
das Sociedades de Recreio

A Federação das Sociedades de Cultura e Recreio, com sede na Rua da Palma, 256, onde estão agregadas cerca de 700 colectividades do País, remodelou todas as suas dependências, cuja inauguração se efectua, solenemente, no próximo dia 26 deste mês, com a presença de vários elementos oficiais que para tal foram convidados.

Hoje, a direcção desta colectividade convidou os representantes da Imprensa a visitarem as instalações remodeladas. A sala de recepções encontra-se bem mobiliada e confortável, assim como o amplo salão destinado a festas e conferências. No museu, onde se encontra o património de cerca de 30 colectividades que se extinguíram, vêem-se taças, objectos de arte, troféus, etc. A biblioteca encerra cerca de 400 volumes, alguns deles raros e outros esgotados, de certo valor material, quase todos eles na sua totalidade oferecidos pelo pintor sr. Alfredo Candido, que foi antigo director desta colectividade.

DUAS FESTAS

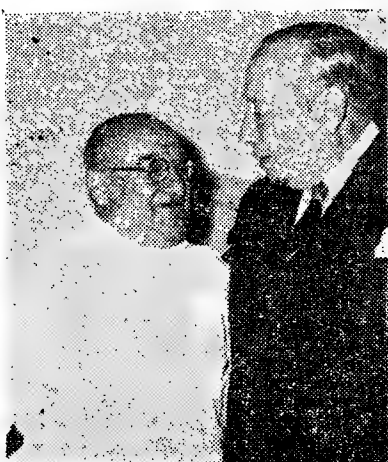
nos Bombeiros de Oeiras

OEIRAS, 21.—Para assinalar a passagem do seu 68.º aniversário a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta vila, promove hoje, à noite, uma festa, na sua sede, com a colaboração do conjunto Flórida, e amanhã um baile, das 16 às 20 horas.

CASA DO POVO

em Vila Franca de Xira

O ministério das Corporações desloca-se amanhã ao concelho de Vila Franca de Xira para inaugurar o edifício da Casa do Povo. A cerimónia efectua-se às 16 horas, seguida de sessão solene em que usarão da palavra o ministro e o presidente do Município de Vila Franca. A construção do edifício importou em 453.500 escudos.



O homenageado com o enfermeiro-mor dos H. C. L.

ATINGIU HOJE

o limite de idade

o director de Fisioterapia
do Hospital de Santa Marta

A's 13 horas, no Hospital de Santa Marta, foi prestada homenagem ao sr. dr. Brás Nogueira, director do Serviço de Fisioterapia do mesmo hospital, que abandona as suas funções por ter atingido o limite de idade, após 44 anos de serviços hospitalares.

Estavam presentes os srs. dr. Mário Carmona, enfermeiro-mor dos H. C. L., dr. Rafael Ribeiro, administrador dos H. C. L., drs. Carlos George e Gomes de Oliveira, respectivamente directores clínicos dos Hospitais de S. Marta e Capuchos, corpo clínico de S. Marta e pessoal de todas as categorias.

Usou da palavra o sr. dr. Mário Carmona que recordou a velha amizade que o unia ao homenageado, acrescentando que o via afastar-se com muita pena, por imposição da lei. Salientou depois os inestimáveis serviços que o sr. dr. Brás Nogueira prestou aos hospitais.

Foram processados

78 comerciantes

por especulação

Brigadas móveis da fiscalização da Intendência-Geral de Abastecimentos estão a exercer, em todo o País, larga vigilância dos preços, especialmente dos generos alimentícios. Foram numerosíssimos os locais de venda visitados, verificando-se um numero elevado de infracções, que parece denunciar a tendência para o incremento de abusos especulativos. Foram instaurados processos contra 56 comerciantes, em Lisboa e várias localidades do País. Destes, 21 referem-se a especulação com bacalhau e a ocultação deste; 8 a azeite; e 16, a chouriço e gorduras.

Também por especulação na venda de peixe, foram processados 23 retalhistas, dos quais 18 em Lisboa, em peixarias e nos mercados municipais.

Mais duas firmas processadas

Por virtude de queixas recebidas, foram organizados processos contra duas firmas de reparações de viaturas automóveis em Coimbra e uma em S. João da Madeira, esta ultima arguida de ter facturado 5.626\$00 pela reparação de uma moto, quando o seu custo não deveria exceder 3.140\$00. Uma das firmas de Coimbra é acusada de pretender cobrar, pela reparação de uma camioneta, a importância de 12.878\$00, quando os peritos a avaliaram em 10.000\$00.

Estação fluvial

do Porto Brandão

Ao fim da tarde foram abertas no Ministério das Obras Publicas as propostas dos concorrentes à adjudicação das obras para a construção da Estação Fluvial do Porto Brandão, orçadas em 695.000\$00. As propostas apresentadas vão ser submetidas a estudo para aprovação final.

NECROLOGIA

Amadeu Eduardo Faria

Faleceu hoje o sr. Amadeu Eduardo Faria, de 68 anos, sargento-ajudante reformado do Exército e combatente da guerra de 1914-18, casado com a sr.ª D. Maria da Glória Faria, enfermeira subchefe dos H. C. L. e pai da sr.ª D. Ema Faria Venda e do sr. Vitor Hugo Faria. O funeral efectua-se amanhã, às 18 horas, da igreja da Pena para o talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Paulo O'Sullivan

Em comemoração do primeiro aniversário do falecimento, que hoje ocorre, do rev. Paulo O'Sullivan, eclesiástico dominicano da Província Irlandesa, que residia 64 anos em Lisboa, desde muito novo, na Casa do Corpo Santo e a quem o nosso País muito ficou a dever, foi celebrada de manhã, pelas 9 horas, missa por sua alma, na igreja do Corpo Santo, de que o extinto foi reitor durante anos.

A cerimónia religiosa, que foi mandada dizer pela Comunidade do Corpo Santo, decorreu no altar-mor, com a presença de muitos fiéis.

sendo oficiante o actual reitor Raymond Dowdall.

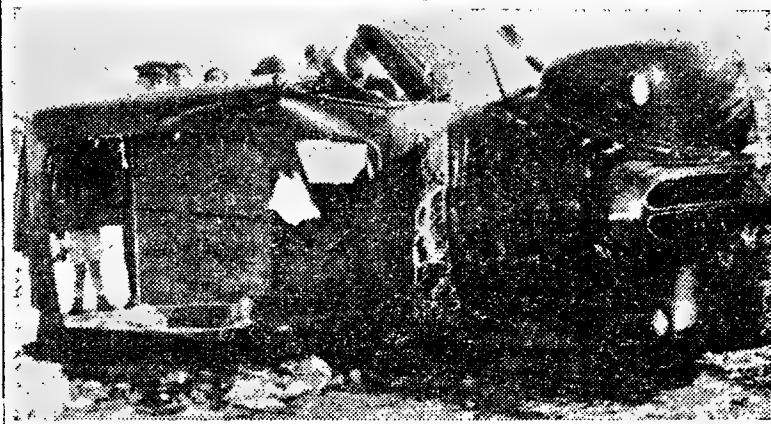
Estiveram presentes ao acto muitos membros da Comunidade do Corpo Santo e da colónia irlandesa em Lisboa, Terceiros e Terceiras de S. Domingos e várias individualidades portuguesas.

DEPOIS DISTO...

apenas sofreu

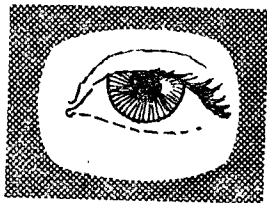
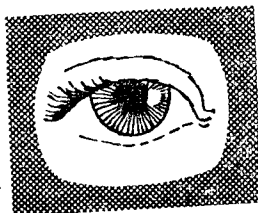
escoriações nas pernas

Na avenida que corre junto ao rio Tejo, paralela à Avenida da Índia, em frente do Pavilhão da F. I. P., um automóvel conduzido pelo caixeiro-viajante sr. Laurentino Pereira, residente na Travessa da Madressilva, 35 r/c., sofreu uma derrapagem aparatosa indo depois embater num poste. O carro ficou bastante danificado, como pode ver-se na fotografia que publicamos. O condutor do carro, todavia, foi levado à sala de observações do Hospital de São José, onde os médicos verificaram que ele apresentava ferimentos nas pernas, felizmente sem gravidade, pelo que depois de tratado recolheu a casa.



O automóvel após o choque

VÊ
MELHOR



QUEM

VÊ
TV
COM
UM
HMM

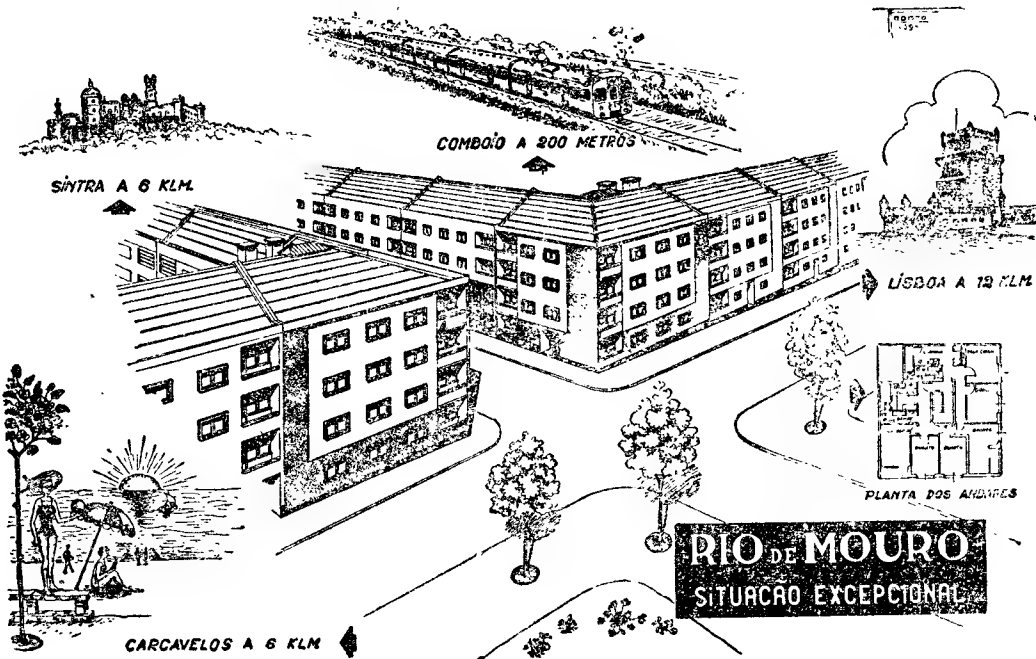


"HIS MASTER'S VOICE"

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
95-RUA NOVA DO ALMADA-99 • LISBOA

ADQUIRA UMA CASA PARA SI

A 15 minutos de Lisboa, próximo de Sintra e da praia, c/ comboio eléct. à porta, situação privilegiada, magnífica vista panorâmica sobre Sintra, óptima construção, blocos adquiridos por A FINANCIADORA para revenda no regime de propriedade horizontal situados, na Rua A, lotes 26 e 37 — Rio de Mouro. Residências que estão a ser concluídas sob melhor orientação e que devem estar prontas dentro de cerca de 30 dias.



Facilidades de pagamento, aproximadamente 45%, até 10 anos, apartamentos c/ 3 casas (casoalhas), cozinha, casa de banho e desp. Para famílias numerosas podem ainda reservar-se dois apartamentos contíguos, conforme planta. Preço cerca de 1.400\$00 por m2. Tem diversas comodidades, entre as quais destacamos: águas quentes e frias, «porteiro eléctrico Multivox», etc...

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO

S. A. R. L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3, 2.º — LISBOA

TELEFONES 24446 - 368287 - 368288 E 28586

PREFIRA OS NOVOS SISTEMAS DE
AQUECIMENTO
ELECTROLAR

RADIADORES AUTOMÁTICOS A ÓLEO
CONVECTORES CALOR NEGRO
RADIADORES INFRA-VERMELHOS

5 ANOS
DE GARANTIA

PORTO - R. 5.ª DA BANDEIRA, 392-TEL. 24709 - LISBOA - R. 2.ª AIR 3-3-TEL. 89944

UNIÃO EUROPEIA de Radiodifusão

No Palácio Foz, esta manhã, efectuou-se a reunião ordinária da Assembleia Geral da União Europeia de Radiodifusão.

Foram hoje apreciados os relatórios das comissões técnica e de programas. De tarde, os congressistas visitaram alguns pontos de interesse turístico da capital. A Câmara Municipal ofereceu-lhes uma recepção no Castelo de S. Jorge, ao fim da tarde.

A Radiotelevisão Portuguesa oferece-lhes um jantar no Hotel do Guincho. Amanhã, os congressistas efectuarão um passeio pelos arredores da capital. Os trabalhos prosseguem na segunda-feira.

Acidente de viação na cidade de Évora

ÉVORA, 21. — (Pelo telefone) — Deu entrada no Hospital da Misericórdia, com grave traumatismo no crânio, Luís Esteia Duarte, de 16 anos, aprendiz de serralheiro, morador na Rua de S. Cristóvão, 36, que, quando seguia no seu automóvel e ao descrever uma curva no Largo Alvaro Velho, embateu violentamente numa parede.

Movimento diplomático

O dr. João de Lucena, conselheiro de legação, foi promovido a ministro plenipotenciário de 2.ª classe e colocado na Embaixada de Portugal em Washington.

Português em Madrid

(Continuação da página central)

dez anos que partiu, contava então vinte e cinco Primaveras. Paris era, naturalmente, o primeiro ponto de escala dessa «fuga» aventureira e, personalidade bem vinculada, dotada de incontestável espírito de iniciativa, cedo conquistou um nome no mundanismo cosmopolita da grande Metrópole. Foi proprietário de uma «boite» e restaurante que chegou a ser o ponto de reunião de celebridades internacionais do teatro e do cinema e, durante três anos, viveu intensamente a vida social e artística da Cidade-Luz. Foi amigo de grandes figuras, cujos nomes andam nas primeiras páginas dos

diários mais importantes, conheceu autores célebres, conviveu com pintores e escritores, teve a confiança de costureiros como Schiaparelli.

Andou, depois, por Itália, pelo Brasil, pela América do Norte e cantou-se as histórias mais fantásticas dessa longa viagem. Cita-se, por exemplo, o caso passado em Roma, em que Duarte Pinto Coelho teria tido à sua mesa uma dúzia de prelados, que acharam graça ao convite do jovem português.

Há cinco anos, fixou-se em Madrid, onde abriu uma loja de antiguidades — a «Carpa». Recheada de artigos portugueses e espanhóis, a casa teve um êxito imediato e pro-

porcionou a Pinto Coelho novas e valiosas relações.

Na cave da loja, funcionou uma galeria de exposições, até que as instalações foram mudadas para um palácio da Rua D. Pedro, em Madrid. Além da «Carpa», o estabelecimento inicial, todo o palácio transformou-se numa atraente exposição de objectos de arte e artesanato.

Dentro de pouco tempo, Duarte Pinto Coelho impôs-se nos meios da sociedade madrileña, onde o tratam com simpatia e familiaridade.

Há pouco, quando se pensou em proporcionar uma estadia agradável aos duques de Windsor, logo alguém se lembrou de Duarte e chamaram-no. Os preparativos de «festa flamenco» absorveram-no com entusiasmo e a realização foi mais um êxito.

Todos gostaram e os duques de Windsor, especialmente, não esqueceram a satisfação que lhes causou a festa organizada em sua honra. A duquesa, quase tentada a dançar o «flamenco», não se atreveu, todavia, por não se sentir ainda suficientemente iniciada nos segredos dos passos típicos, mas o duque, muito alegre, acompanhou o baile com palmas, mais ou menos a compasso. E no final, ambos se confessaram encantados com a festa, cujo êxito se deve, assim, em parte a um português.

O PORTO pelo telefone

Melhorou o tempo

PORTO, 21 — Após alguns dias de mau tempo, o dia de hoje apresentou melhor aspecto. Na capitania de Leixões foram arriados os sinais indicativos de mau tempo e as traineiras da pesca de sardinha puderam já sair para o mar, tendo algumas regressado com grande pescaria. Entretanto, na barra do Douro ainda não foi possível o costurado movimento por ser ainda muito forte a corrente.

Deitou fogo ao automóvel

No 2.º Juízo Criminal, em Collectivo a que presidiu o juiz doutor Alfredo Alvarinha, foram julgados Serafim dos Santos Ferreira, solteiro, de 23 anos, empregado comercial, da Rua Afonso de Albuquerque, 641, Gondomar; e Manuel Luís de Sousa Neves, solteiro, de 28 anos, cinteiro, da Travessa da Ponte, 26, em Rio Tinto. O primeiro deitou fogo a um seu automóvel seguro contra incêndio, para receber o prémio da Companhia Aliança Madeirense. O segundo era acusado por aquele como instigador. A Companhia de Seguros constituiu-se assistente no processo, representando-a o dr. Joaquim Ferreira. O segundo, representado pelo dr. Araújo Barros, foi absolvido. O primeiro confessou o crime e foi condenado em 15 meses de prisão, 3 meses de multa a 30\$00 por dia, mil de imposto de justiça, mil e quinhentos de indemnização à Companhia que pagara a mesma importância do imposto.

Escola Raul Doria

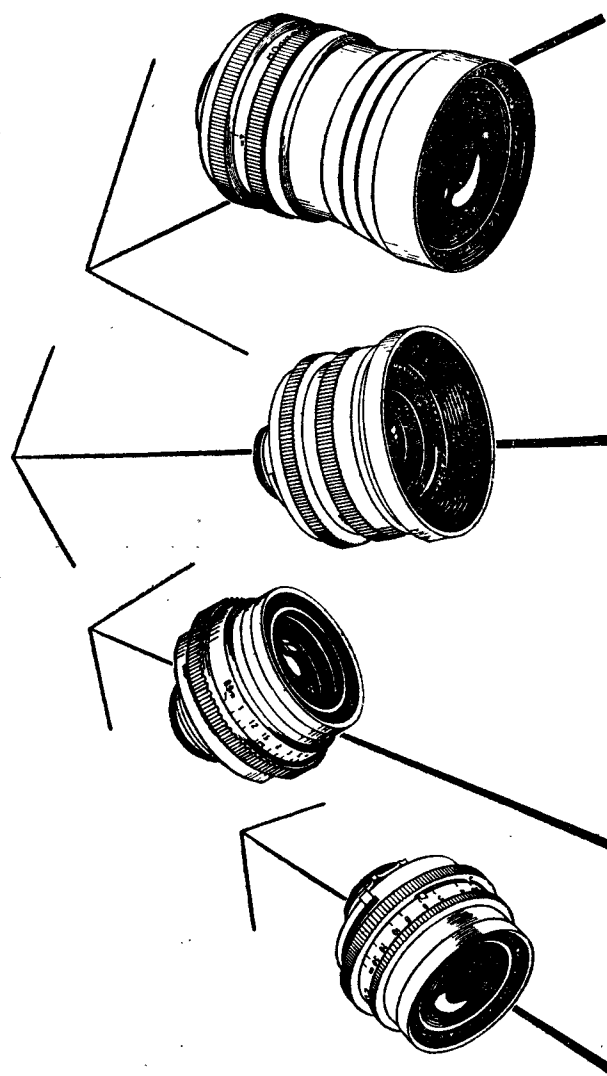
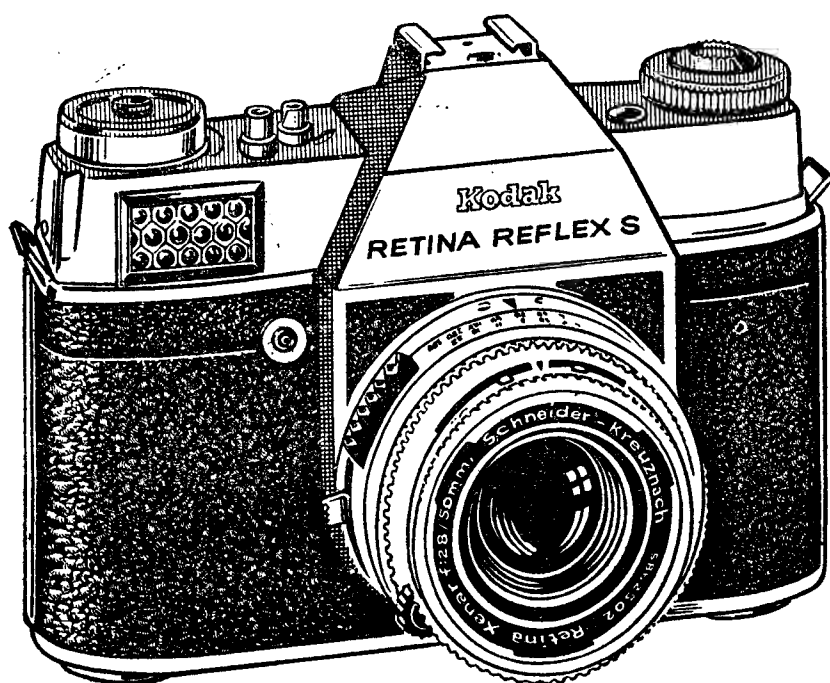
Está já elaborado o programa das festas comemorativas do 57.º aniversário da fundação da Escola Raul Doria, organizado por uma comissão de antigos alunos que representam várias gerações. Assim, no dia 28, às 11 horas, será rezada missa a grande instrumental; às 15, prova de perícia automóvel no Lima; às 22, baile de gala no salão nobre da escola. No dia 29, às 15 horas, ginástica automóvel no campo da Constituição. No dia 30, às 16 e 30, sessão solene no pavilhão da escola; e às 21 e 45, espectáculo artístico. Finalmente, no dia 1 às 13 horas, almoço de confraternização.

CARTAZ DO PORTO

SA JÁ BANDEIRA — As 21 e 30.
«Patate».
NUNO ALVARES — As 21 e 30 — «O mar», pelo T. E. P.
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O homem que enganou a morte».
COLISEU — As 21 e 30 — «O amor começa à meia noite».
BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30 — «Itessurreição».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Afrodite, deusa do amor».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Eddie, o seductor».
S. JOAO — As 21 e 30 — «A cidade perdida».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «O teatro do crime».
JULIÃO DINIS — As 21 e 30 — «O homem do Oeste».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Voltou a Avó Isabel».

KODAK RETINA REFLEX S

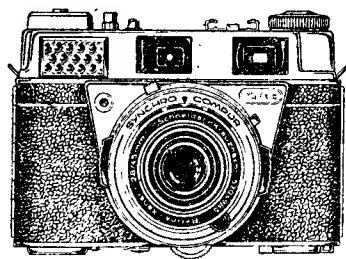
O MÁXIMO REALIZADO EM MÁQUINAS DE PRECISÃO



TAL autêntico cérebro em corpo são, a Retina Reflex S realiza todos os desejos do fotógrafo. Óptica integralmente intermutável (objectivas de 28 a 135 mm).

Reflex monocular com visor pentaprismático apresentando a imagem quase em tamanho natural. Isenção de parallaxe. Controle automático de exposições. Objectiva Schneider-Xénar f: 2,8/50 mm. Focagem por meio de estigmómetro. Obturador Syncro-Compur de 1 a 1/500 seg. e pose.

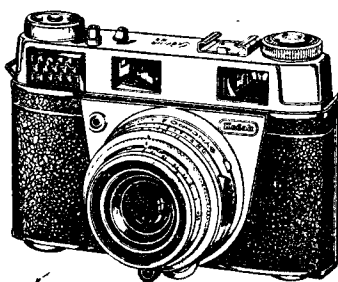
Esc. 5.400\$00



RETINA IIS

Indicador automático de profundidade de foco. Xénar f/2,8/45 mm. Obturador Syncro Compur.

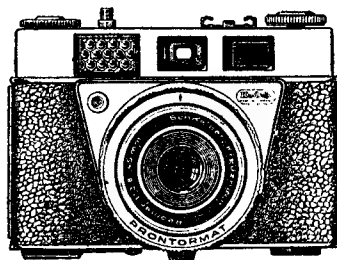
Esc. 3.300\$00



RETINA IIIS

Um único ajuste determina a exposição. Óptica intermutável Xénar 1/2,8/50 mm. Obturador Syncro Compur.

Esc. 4.200\$00



RETINETTE IIA

Automatismo e simplicidade verdadeiramente revolucionários! Reomar f/2,8/45 mm. Obturador Prontomat.

Esc. 2.100\$00

Peça detalhes para pagamentos suaves ao seu Revendedor Kodak

KODAK PORTUGUESA LIMITED • RUA GARRETT, 33 • LISBOA

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O arquitecto Carlos Rebelo de Andrade, regressado de África, fazia ao «Diário de Lisboa», no dia 21 de Novembro de 1929, declarações que terminavam assim:

— Para se compreender o que a África pode representar para nós, e o que temos de fazer em África, é indispensável que se facilitem excursões intelectuais, que serão optimamente recebidas e servirão para o convencimento, para que desapareçam lendas como essa das «febres». Percorri toda a África, parte da América, a Ásia, e só uma vez sofri de febre... adquirida na metrópole, perto de Lisboa...

EFEMÉRIDES

No dia 21 de Novembro de 1946 morreu o dramaturgo e poeta espanhol Eduardo Marquina.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A orquestra de Frank Pourcel; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores; no intervalo: solos de órgão; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — As 18: Temas portugueses; 18 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 7.º concerto de Outono em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Peter Maag, e o trompetista Adácio Pestana. No intervalo: Noticiário regional e música de tecla; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Concerto pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Temas de poesia; 22: A Sonata, op. 1, para violino e piano, de Katchaturian; 22 e 20: Cartas a um músico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? «Requiem», de Fauré; «Sinfonia n.º 5, em dó menor op. 67», de Beethoven; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 18: Teatro de brincar; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por música; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — As 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Voz desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 15: Música seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Lectura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Chuva de estrelas; 20 e 15: Programa futebol; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As últimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Música para o seu fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 45, programa juvenil; 21 e 40, «Portugal de Além-Mar», entrevista com o prof. Délio Santos e o filme «Acção missionária no Oriente»; 22 e 5, «Teledesperto»; 22 e 30, festa portuguesa, transmitida directamente do Hotel do Guincho; 23 e 30, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 45, «Naquele tempo...», pelo célebre dr. António dos Reis.

CONCERTOS

As 18 e 15, no Teatro Nacional de S. Carlos, realiza-se o 7.º concerto de Outono, em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Peter Maag, e o trompetista Adácio Pestana, serão executadas

das obras de Mozart, que preenchem toda a primeira parte, Beethoven e Wagner.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «O lugre».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «Lucy Crown».
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Gata em telhado de zinco quente».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
ABC — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Gimba».
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.
AVENIDA — A's 18 e 30 e 21 e 45 — «O soldadinho medroso».

CINEMAS

TIVOLI — «O diário de Anne Frank».
S. LUIS — «Romance em Capri».
S. JORGE — «Os audaciosos».
IMPERIO — «História de uma freira».
EDEN — «A lei».
POLITEAMA — «Herodes, o grande».
MONUMENTAL — «No Sul do Pacífico».
ODEON — «Amores reais».
ALVALADE — «Romance em Capri».
CONDES — «Tormenta ao sol».
ROMA — «Gangsters falhados».
AVIS — «Carmen».
OLIMPIA — «Legião dos condenados».
RESPELO — «Orfeu negro».
JARDIM — «Missão no alto mar».
PROMOTORA — «O salário do diabo».
IDEAL — «O segredo do diabo».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfca — Estrada de Benfca, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfca, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfca, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15 à Avenida G.omes Pereira, 2-A, Tel. 784833; Carto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma — Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 77034; S. Agres — Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Latina — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld. — Rua J. lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 888172; Freitas — Rua Zófilo Pedrosa, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld. — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 653438; Salutar — Rua B, 75-A-B

HOMENAGEM

ao presidente da Câmara do Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 21. — Deixa a presidência da Câmara Municipal do Entroncamento, o sr. José Duarte Coelho, que durante 34 anos esteve à frente dos destinos do concelho, assinalando-se a sua administração por uma série de melhoramentos.

Na terça-feira há um jantar de homenagem para que estão inscritas algumas centenas de pessoas. Da comissão de honra fazem parte: o governador civil de Santarém, brigadeiro Lino Valente; presidente da Junta do Ribatejo, dr. Artur Proença Duarte; presidente da comissão distrital da União Nacional, dr. Jorge Manuel Moita, etc.

(Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, à Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botânico-Química, Ld. — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Mace — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld. — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 638220; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 21 — 19 e 2 (3m,41). Dia 22 — 7 e 20 (3m,57); 20 (3m,35). Dia 23 (Quarto minguante) — 8 e 26 (3m,50); 21 e 10 (3m,33).

BAIXA-MAR

Dia 22 — 0 e 41 (1m,51); 13 e 22 (1m,47). Dia 23 — 1 e 44 (1m,63); 14 e 32 (1m,54).

PATRA

Eau de Cologne



UMA GRANDE COMPOSIÇÃO

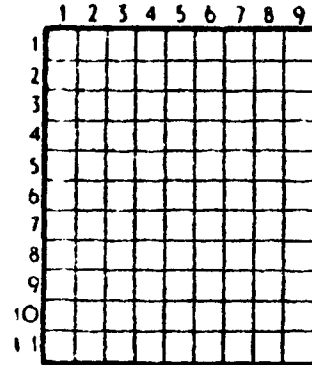
Preferido em mais de 60 países

DISTRIBUIDORES:
SOC. COM. MATTOS JAVARES, Lda.
Rua dos Sapateiros, 39-3.º LISBOA
Telef. 311 01

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3831



HORIZONTAIS: 1 — Faixa. Pé de animal. 2 — Datas. Estimai. 3 — Acrescentei. Pronome pessoal. 4 — Criadores. 5 — Artigo definido. O mais. 6 — Luz da Lua. Serra de Portugal. 7 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Parte. 8 — Lameiros. 9 — Preposição. Porém. Utenílio. 10 — Navio antigo. Igual. 11 — Cidade da Judeia, pátria de José que deu sepultura a Jesus.

VERTICAIS: 1 — Nome de uma letra. Nome de um astro. Rio de França. 2 — Mas. Ponto cardeal. Oceano. 3 — Zero. Arvore terebintácea. Interjeição de dor. 4 — Abriam. 5 — Vila e concelho do distrito do Porto. 6 — Boatos de revolta. 7 — Patrões. Saudáveis. Pronome pessoal. 8 — Pequena bigorna de aço sem pontas. Empunhei. Progenitor. 9 — Nesse lugar. Pronome pessoal. Parte do bone.

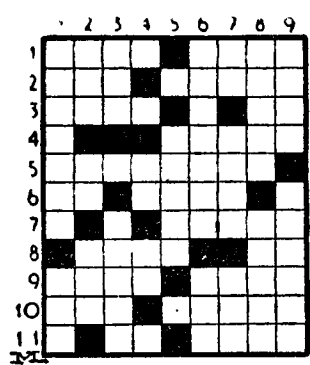
Solução do problema n.º 3830

HORIZONTAIS: 1 — Espo-sende. 2 — Mães. Coou. 3 — Ilacões. 4 — Ara. Tau. 5 — Pagã. Chim. 6 — Os. Ré. 7 — Asi. Ira. 8 — Dr. Lua. Nd. 9 — Agra. Rota. 10 — Roer. Arem. 11 — Assa. Mesa.

VERTICAIS: 1 — Em. Apa. Dará. 2 — Saira. Argos. 3 — Pélagos. Rés. 4 — Osa. Asilara. 5 — Cá. 6 — Eco. Criaram. 7 — Noether. Ore. 8 — Dosai. Antes. 9 — Eu. Uma. Dama.

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1783



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Todas as coisas. 2 — Encostei. Coriscos. 3 — Essa coisa. Reis (abrev.). 4 — Acerto. 5 — Marchetada. 6 — Arguida. Próspero. 7 — Pista. 8 — Receia. Frequen-tar. 9 — Qualquer coisa. Ros-to. 10 — Escudeiro. Originar. 11 — Apenas. Pronome demonstrativo.

VERTICAIS: 1 — Utopia Semelhante. 2 — Quaisquer A mim. Cidade da Galiza. 3 — Aqui está. Risonhos. 4 — Antiga cidade da Caldeia, pátria de Abraão. Pedra de moinho. 5 — Dispare. 6 — Habilidade. Julga. 7 — Grito de dor. Passados. Gemi-dos. 8 — Grande vasilha de aduelas, para pisar uvas ou transportá-las. Fitas. 9 — Dificuldade. Frustrara.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1782

HORIZONTAIS: 1 — Ata-baja. 2 — Nilo. Atum. 3 — Ore. Crera. 4 — Ameal. 5 — Grã. Lata. 6 — Mor. 7 — ACHAR. E. 8 — Raab. Lidá. 9 — Dirigir. 10 — Arenosas. 11 — Mó. Ase.

VERTICAIS: 1 — Uno. GUARDAR. 2 — Irar. Cair. 3 — Alemã. Hãrem. 4 — Tó. E. Rabino. 5 — Cal. Gó. 6 — Barram. Lisa. 7 — Ate. Toei-ras. 8 — FURTAR. Se. 9 — Ama. Val.

(Provérbio: ACHAR E GUARDAR É FURTAR).

A semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. Estão a pagamento durante o corrente mês de Novembro as seguintes:

Contribuição Industrial. Contribuição Predial. Imposto Profissional — profissões liberais. Imposto Profissional — assalariados com o imposto pago em nome individual. — Terceira e quarta prestações trimestrais com juros da mora. Se o pagamento não se fizer até ao dia 30 de Dezembro próximo, dar-se-á o relaxe.

Imposto Complementar. — Primeira e segunda prestações das colectas iguais ou superiores a 2.000\$00, com juros da mora. A falta do pagamento até ao dia 30 de Dezembro importa no pagamento do imposto relaxado.

TAXA MILITAR. — Até ao fim do corrente ano pode ser paga a

anuidade do ano de 1959, em decurso, com a taxa elevada ao dobro — 120\$00. Acabado este prazo, a taxa relaxará sendo, então, cobrada com selos e custas do processo.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL. — Cessação da actividade tributável no período que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro: — Participações. — Verificada a cessação das actividades tributáveis em referência, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — quinze dias contados da cessação —, durante aquele período e até 15 de Janeiro do ano seguinte desde que, como se disse a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação da colecta, competindo a respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder à sua anulação ex-officio.

Recepção aos caloiros

da Faculdade de Letras e do Instituto Comercial

As 15 e 30, começou na Faculdade de Letras, o baile de recepção aos caloiros, com que termina a semana dedicada aos novos alunos, que tem vindo a decorrer. Dão o seu concurso a esta tarde dançante as orquestras de Domingos, Vilaça, Andree Tosi e da Tágide. Colaboram também grandes atracções internacionais.

Também, às 22 horas, no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, haverá um baile de recepção aos caloiros do Instituto Comercial abrihantado pelos conjuntos de Shegundo Galarza e «Melódia Azul».

CARPETES
E PASSADEIRAS
MECANICAS TIPO INGLES
(WILTON)
DA

Fábrica SULTÃO
GRANDE DURAÇÃO
CORES FIXAS
SÓ LÃ

A VENDA NAS CASAS DA
ESPECIALIDADE

A. R. L.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em BUCELAS na AGÊNCIA DE PUBLICAÇÕES.

E' ilusão perigosa esperar para breve uma cisão entre a Rússia e a China Continental

LONDRES, 21 — Círculos diplomáticos autorizados previnem contra a «perigosa ilusão» de que estaria para breve a ruptura entre a Rússia e a China Continental, porque ambos os lados muito têm a perder com isso.

Surge a advertência quando se acentuam os indícios de crescentes divergências, entre os regimes do Kremlin e de Pequim acerca de estratégia política e económica.

As notícias diplomáticas chegam a Londres nos últimos dias indicando o agravamento dos mal-entendidos na aliança comunista e referem-se a vários aspectos da estratégia política e económica dos dois regimes.

Contudo, o exame comparado das diversas informações conhecidas até agora revela que nenhum dos lados se arriscará ao ajuste de contas — agora ou por algum tempo ainda. Segundo todas as aparências, a aliança Moscovo-Pequim é fundamental tanto para o Kremlin como para o regime de Mao, por motivos de carácter tanto nacional como ideológico. Essa análise técnica da questão enumera vários pontos importantes que apoiam a tese exposta por certos meios diplomáticos, de que o eixo Moscovo-Pequim se manterá intacto por muito tempo ainda e por mais que os ânimos se azedem de parte a parte.

1. — Nesta altura, a ruptura afectaria seriamente a posição dirigente do chefe do Governo russo, tanto no campo comunista como interno. Consta que o chefe do Governo da China Continental, Chu En Lai, é que salvou Kruchchev, quando da decisiva revolta do Presidium soviético, há dois anos, dando a conhecer que o regime de Pequim o apoiava.

2. — O bloco comunista ficaria dividido por completo, o que poderia em grave perigo o domínio da Rússia sobre os seus satélites da Europa Oriental.

3. — Além disso, o rompimento representaria a refutação flagrante do papel coesivo da ideologia comunista, tal como o prega o comunismo internacional.

4. — A posição internacional da Rússia ficaria enfraquecida e abalado o seu poder de negociação nas suas conversações com o Ocidente.

A China Continental, por seu turno — afirmam os especialistas — teria também muito a perder com uma desavença:

1. — Militar e economicamente, a China Continental, depende muito ainda dos fornecimentos e do auxílio russos, dependência de que possivelmente não se libertará antes de uma década ou mais.

2. — Presa de uma grave crise económica, devido ao descalabro da sua experiência com as comunas, o regime de Pequim precisa de realizar consideráveis reajustamentos.

3. — A China Continental não possui armas nucleares, por enquanto, dependendo da Rússia até para obter aviões e armas convencionais.

4. — No plano económico, o grau de dependência dos chineses comunistas relativamente à Rússia ilustra-se com algumas estatísticas: cerca de metade do seu comércio externo é feito com a U. R. S. S.; milhares de chineses são enviados para fábricas russas, a fim de se especializarem; alguns milhares de técnicos russos trabalham na China, onde dirigem instalações industriais ou fiscalizam a sua montagem; Moscovo tem concedido e continua a conceder ao regime de Pequim empréstimos no valor de bilhões de rublos.

A interrupção do auxílio soviético

à China Continental equivaleria à ruína económica do país e à possível derrocada do Governo de Pequim. Julga-se, porém, que a dependência acabrunhante se deve atribuir, em parte, a sensibilidade cada vez mais pronunciada do regime comunista chinês e a sua irritabilidade nas relações recentes com o Kremlin. Os dirigentes chineses insinuaram muitas vezes, no passado, que o auxílio que estava a receber da União Soviética não era suficiente e que encorava com desconfiança os projectos moscovitas de ajuda aos países subdesenvolvidos, temendo que concorressem para a redução da assistência que lhes tem sido prestada até aqui. Por outro lado, os governantes de Pequim parecem terem ficado particularmente despeitados com as críticas veementes proferidas recentemente por Kruchchev acerca do projecto das comunas, que o «leader» do Kremlin reprovou, por inadequado.

Contudo, Moscovo não se atreve a hostilizar desmoldadamente a China Continental — sublinha-se nas notícias aqui recebidas. A situação promete prolongar-se, uma vez que uma China Continental mais poderosa e em expansão significa pressão sobre a fronteira russa e, em especial, contra as vastas extensões abertas da Sibéria. — (A. N. I.).

RESERVAS DA A. F. L.

Terminou a 1.ª volta do campeonato

Belenenses-Sporting

Jogo no Restelo, com razoável assistência. As equipas formaram: BELENENSES — Fernandes, Rosendo e Bento; João, Castro e Carlos Silva II; Alemãozinho, Carvalho, Vítor Ilva, Cunha Velho e Estevão.

SPORTING — Carvalho; Valente e Alexandre; Pêrides, Galaz e Ferreira Pinto; Carlitos, Óscar, Monteiro, Cafum e Moraes.

ARBITRO — Manuel A. Neto. Aos 30 segundos e sem que qualquer elemento «azul» tivesse tocado na bola, um centro da esquerda foi bem aproveitado por Pêrides para fazer 1-0 para os «leões».

O Belenenses não acusou o toque e criou uma série de oportunidades, desaproveitadas por Cunha Velho e Vítor Silva.

O jogo prosseguiu repartido pelos dois meios-campos e nessa toada se manteve até ao quarto de hora.

Aos 21 na equipa dos «azuis», João foi substituído por Artur. Entretanto, ligando melhor os seus ataques o Sporting começou a tor-

Prémios da O. N. U.

para a luta

anti-cancerosa

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 21. — A Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma proposta para o estabelecimento de prémios no valor de 100 mil dólares, destinados a galardoar trabalhos que venham a ser realizados, durante os próximos quatro anos, no campo da luta anti-cancerosa.

A proposta foi apresentada pela Bielorrússia e foi aprovada por 63 votos a favor, nenhum voto contra e 13 abstenções. — (A. N. I.).

Vai reformar-se o maior andarilho espanhol

MURCIA (Espanha), 21. — José Sanchio Marbon, de 77 anos, que já por sete vezes fez a volta à Espanha a pé, dará por terminada a sua carreira de caminhante na quarta-feira próxima.

Foi há vinte e cinco anos que iniciou o seu propósito de dar sete voltas ao país. Sanchio Marbon é um velho rijo e nunca esteve doente, tendo sofrido apenas ligeiras constipações curadas com «cognac» e tabaco, segundo ele próprio afirma.

Falando com os jornalistas, Marbon disse: «Já dei dezoito vezes o meu sangue a favor dos hospitais, sem nunca ter recebido um centavo. Na minha bagagem levo cadernos curiosos que são assinados pelas autoridades das terras por onde passo. Em alguns deles figuram poesias e dedicatórias elogiosas à minha pessoa». — (A. N. I.).

«TEM BUBUBU no Bóbóbó»

— êxito do carnaval carioca!

RIO DE JANEIRO, 21. — A «bomba» do Carnaval de 1960 será a marchinha «Ela dá sopa» do conhecido compositor J. Maia que inventou a frase «Tem bububu no Bóbóbó». — (L.).

A unanimidade de opiniões

observada na reunião parlamentar da N. A. T. O.
desmente a existência de crise
no seio da Aliança Atlântica

WASHINGTON, 21. — Os debates na conferência anual dos parlamentares da N. A. T. O. e a votação das moções, fizeram aparecer como que uma concordância de pontos de vista sem precedente, quanto aos grandes problemas da comunidade atlântica.

De facto, durante os anos da sua existência, nunca a conferência tinha mostrado tal unanimidade de opiniões, o que equivale a um desmentido categórico para aqueles que afirmam existir uma crise interna que vai minando a Aliança.

Houve apenas dois membros da Câmara dos Comuns e um deputado alemão que declaram ser adeptos de uma política tendente a «desembarçar-se de compromissos», justamente quando Dean Acheson apenas proclamava a necessidade de firmeza quanto à questão alemã e de Berlim. E não se tratou apenas de um caso isolado, pois todos os parlamentares se mostraram partidários de um aumento de vigilância do Ocidente, especialmente no domínio económico, e na intensificação do auxílio ocidental às regiões subdesenvolvidas.

A moção mais importante aprovada pela conferência foi a que recomenda aos 15 chefes de Governo que se encontrem anualmente, a fim de reforçar o sentimento da comunidade.

A unanimidade verificou-se também na necessidade de proceder, por etapas, a um desarmamento Leste-Oeste, submetido a rigorosa fiscalização internacional.

Quanto ao problema de Berlim-Oeste, todos afirmaram não poder ser solucionado senão no sentido do respeito dos direitos da população daquela cidade e dos laços que a unem à Alemanha Ocidental.

Saindo, enfim, do domínio estritamente atlântico, a conferência aconselhou a criação de uma força internacional de polícia para impedir qualquer infracção ao direito internacional.

Em que medida serão estas mo-

A Igreja

declara miraculosa
a cura de uma parálitica
num santuário de Lourdes

PARIS, 21. — A «Semana Religiosa de Paris» publicou um decreto do cardeal Feltin, arcebispo de Paris, que declara miraculosa e devida a intervenção especial de Nossa Senhora a cura de Yvonne Fournier, registada depois de uma peregrinação a Lourdes.

A cura deu-se em 19 de Agosto de 1945. Yvonne Fournier, em consequência de um acidente de trabalho, sofria de parálisia completa do braço esquerdo, com edema do antebraço e insensibilidade completa de todo o membro. Naquela dia, tendo-se banhado na piscina, «sentiu imediatamente que lhe voltava a força ao braço e mexeu os dedos». Voltara a sensibilidade e as dores desapareceram completamente. Yvonne Fournier trabalha no serviço de radiologia de um dispensário de Paris. Não só recuperou o uso da mão como recuperou também toda a destreza.

O caso foi objecto de demorados e minuciosos exames. Recentemente efectuou-se mais um exame, que confirmou a cura completa. O cardeal, baseado no relatório da comissão diocesana nomeada para estudar o caso, tomou a sua decisão em virtude da autoridade que lhe confere na matéria o Concílio de Trento, embora submetendo essa decisão à autoridade do Papa. — (F. P.).

O debate na O. N. U. sobre o desarmamento

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 21. — A Comissão Política da Assembleia Geral aprovou, por unanimidade, uma moção propondo que todos os problemas relacionados com o desarmamento sejam relegados para a «comissão dos 10» — cinco representantes do Ocidente e outros do Leste — que, nomeada pela O. N. U., deve reunir-se em Genebra no próximo ano, para se ocupar da questão do desarmamento internacional. — (A. N. I.).

ções (nenhuma é executória) seguidas pelo Conselho Atlântico, onde se elabora, a nível ministerial, a política dos «Quinze» acerca dos vários problemas? A ausência de estatutos, bem definidos, coloca a conferência em situação especial. O secretário-geral, Paul Henri Spaak, declarou, porém, que os trabalhos do organismo parlamentar apresentam um grande interesse para a Aliança. — (F. P.).

Farah Diba

PARTIU FELIZ

de Paris para Teherão

PARIS, 21. — Radiante de felicidade, Farah Diba partiu de Paris, por via aérea, de regresso a Teherão, levando consigo — ao que se diz — um enxoval digno de uma rainha, especialmente desenhado por Yves de St. Laurent.

Pouco depois da meia-noite, o avião levantou voo para a viagem triunfal que leva a Teherão, via Roma, a beleza trigueira da nova imperatriz da Pérsia, acompanhada por um séquito de uma dezena de funcionários.

A partida estava marcada para as 20 e 35 horas, mas teve de ser adiada por umas horas, devido à greve parcial declarada entre o pessoal do aeroporto de Orly.

Julga saber-se autorizada a dizer que o noivado do xá da Pérsia e de Farah Diba deve ser anunciado pouco depois da chegada da futura imperatriz a Teherão.

O enxoval da noiva do xá enchia 51 malas. Embora Farah Diba tivesse pago dois bilhetes de avião só para si, teve ainda de pagar à parte o transporte da bagagem em excesso, que pesava 300 quilos. — (A. N. I. e F. P.).

Honras militares em Teherão:..

TEHERÃO, 21. — Chegou ao aeroporto de Mehrabad a futura rainha da Pérsia, Farah Diba. A comunicação oficial do noivado à nação será feita na próxima semana.

Dois horas antes da chegada de Farah Diba, o xá da Pérsia enviou a guarda do seu palácio ao aeroporto de Mehrabad, a fim de que lhe fossem dispensadas todas as honras.

Quando o avião aterrou o comandante do destacamento deu voz de sentido e depois saudou Farah Diba, beijando-lhe a mão. — (A. N. I.).

As declarações

de Montgomery

(Continuação da 1.ª página)

«Muitos Estados membros da O. N. U. não têm qualquer espécie de liberdade e não deveriam atrever-se a criticar os assuntos dos demais países.

«C que importa é que se prossiga aqui na solução dos vossos problemas. Isso deveria bastar a todos».

O marechal Montgomery acrescentou ainda que está interessado em examinar de perto os problemas raciais locais, mas que não tenciona, para isso, entrar em contacto com os chefes indígenas. O meu objectivo, ao procurar documentar-me sobre o assunto — disse ainda o antigo cabo de guerra aos jornalistas — é procurar a forma de dar a sua contribuição a uma paz durável. — (A. N. I.).

ALMOÇO REGIONAL E TARDE DANÇANTE

NO MAIS ORIGINAL E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO

BARRETE VERDE

e m BENAVENTE

Domingo, dia 22 — EMENTAS REGIONAIS — RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — ORQUESTRA — Etc... ATENÇÃO: Neste dia exhibe-se o CONJUNTO «LUZ E VIDA» composto por crianças que tocam vários instrumentos e exibem FOLCLORE. AMBIENTE DE DISTINÇÃO E ALEGRIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO. Transporte e informações na LUSANOVA — Telefones 726115/6

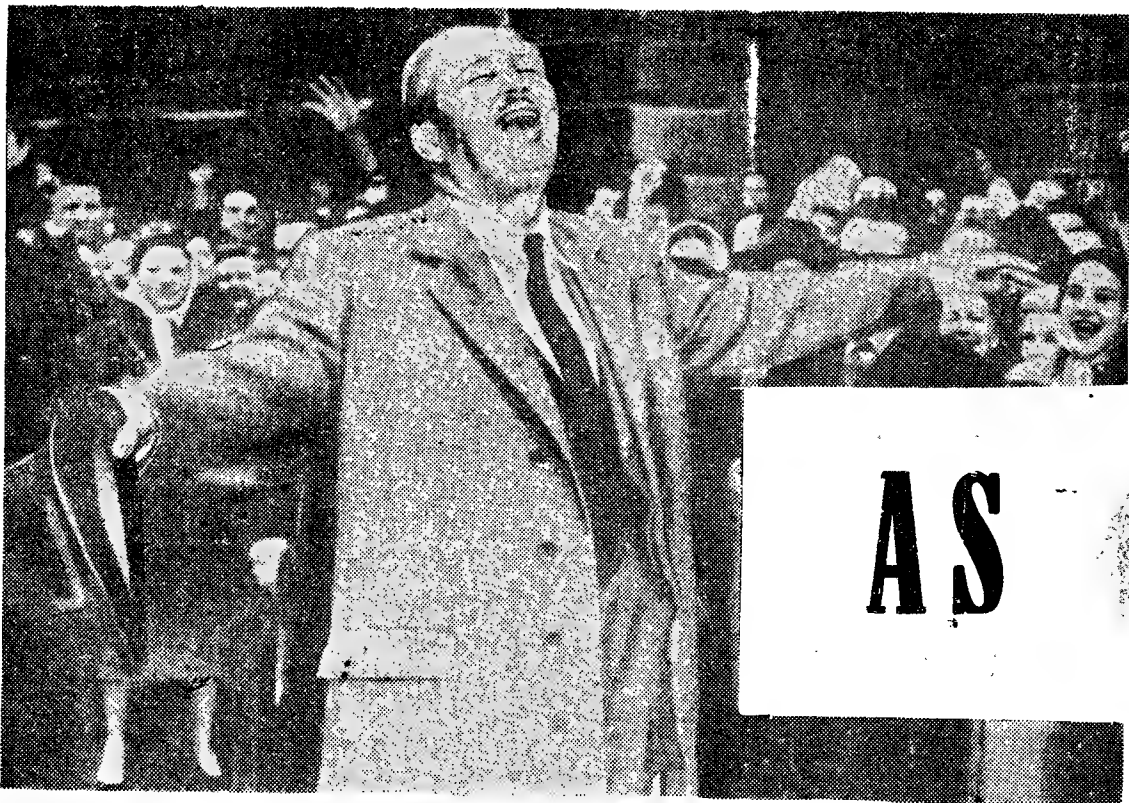
ALMOCE OU JANTE no CARREGADO

Restaurante «IMPERIAL» de categoria.

Prato da casa: «Enxovalado de enguias»

Diferente de tudo

Quartos c/ banho privativo — Telef. 21



AS

A derrota dos Trabalhistas, apesar de prevista por muitos observadores da cena política britânica, não deixou de causar surpresa, pois ninguém contava que o Governo fosse confirmado no poder com uma maioria espectacular de cem lugares. O resultado foi até mais do que um revés comum no prélio eleitoral, já que a acção dos Conservadores nos negócios estrangeiros não apresentava folha limpa e a romagem oportuna do primeiro-ministro a Moscovo tinha qualquer coisa de um acto de reparação perante uma opinião pública inquieta. O êxito da jornada iria permitir que o sr. MacMillan, durante a campanha, reivindicasse para si o raminho de oliveira da candida pombo de Noé e se atribuísse, no alor fogoso da oratória comicieira, lou-

der por que fálhou o seu programa junto da grande massa dos eleitores e discriminar, ao mesmo tempo, os motivos e as causas desse malogro, estridente. Com esse fim se iniciaram já os primeiros e longos debates do Directório laborista num penoso exame de consciência, que faz arregalar o olho jubiloso e consolado do partido vitorioso.

Ora, desses conclave a que preside o sr. Gaitskell, emergiu uma verdade dura e azeda: a de que foi precisamente a nova geração, que é representada pelos indivíduos cuja idade cronológica vai dos 21 aos 30 anos, que deu a vitória aos Conservadores. Aneurin Bevan tinha chamado a atenção para o facto, logo depois de conhecida a decisão das urnas, mas agora pode reforçar o argumento com outra

ros que de justiça a outros pertenciam.

Mas, enfim, nesses dias buliçosos havia que jogar com tudo que se tivesse a mão para ganhar a partida, e tais faltas veniais, embora imperdoadas, cedo foram esquecidas pela Oposição. Para esta o problema grave está agora em compreen-

revelação bem mais curiosa: o electorado guiou-se na sua escolha por razões de ordem interna e desinteressou-se do programa de política externa proposto pelos candidatos. A eleição obedeceu, pois, a motivos de ordem pessoal e doméstica, o que levou alguém a denominá-la uma «eleição egoísta», desprovida de idealismo, indiferente à intervenção armada no Suez, à repressão militar no Quênia e às injustiças cometidas na Niassalândia e denunciadas pelo «Devlin Report», relatório da comissão oficial nomeada pelo próprio Governo conservador.

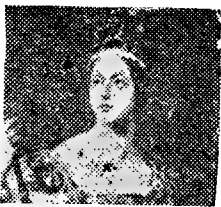
O Inglês foi votar para manter a prosperidade e conforto individuais e pareceu-lhe que o Governo que tornara possível o seu relativo bem-estar lhe oferecia mais garantias do que a Oposição. Para isso contribuiu ainda uma intensa propaganda dos Conservadores através de todos os meios ao seu alcance, em que a Televisão teve uma acção preponderante e a ligeira redução dos

(Continua na página seguinte)

magazine

Diário de Lisboa

Diário de Lisboa



De 1515 a 1909, de Maria Tudor à rainha Juliana, só 15 mulheres foram rainhas. Não esposas de reis, mas go-



vernantes elas próprias. E no mesmo espaço de tempo quantos homens subiram ao trono, com menos razão do que elas?

1.ª — Maria Tudor (1515-1558): Rai-



ha de Inglaterra, filha de Henrique VIII e de Catarina de Aragão. Perseguiu os protestantes.

2.ª — Isabel I.ª (1533-1603) filha de



Henrique VIII e de Ana Bolena. Restabeleceu o protestantismo.

3.ª — Maria Stuart (1662-1695): filha



de Jaime II e de Ana Hyde. Casou com Guilherme III de Orange. Recusou ocupar sózinha o trono.

(Continua na página seguinte)

UM BOM FILHO

Hadi Sarraf estava naquele momento em Teerão. A mulher, Patrícia (Sarraf), pensava nele, em Santa Mónica, na Califórnia. Foi quando recebeu a seguinte missiva do marido: «O papá jura que se nós continuarmos casados abandonará minha mãe. Procura compreender-me. Não posso destruir o matrimónio de meus pais».

E que fez Patrícia? Patrícia, compreendeu. Apresentou ao juiz a carta do pedaço de marido e obteve imediatamente o divórcio.

A justiça americana acaba de fazer uma incrível descoberta. Ao conceder o divórcio à actriz Silvia Lewis, o magistrado de Los Angeles, Clyde Triplett, teve a seguinte inspiração que logo acrescentou à sentença:

«Ninguém é obrigado a gostar da sogra».

Qual o motivo deste pensamento salomónico? A actriz, entre outras acusações ao marido declarava que ele «andava sempre de candieiras às avessas com a sogra».

E' esta a conclusão que se pode tirar duma carta que ao Daily Telegraph dirigiu uma boa esposa. Diz a carta:

«Na minha vida ponho os animais acima de tudo. Se os meus cães e os meus gatos se sentem melancólicos estão autorizados a vir para o meu quarto. Meu marido não está de acordo. Por isso durmo num quarto aparte».

— Qual a sua opinião acerca das viagens interplanetárias?

— Impressionam-me, quase me deslumbram do ponto de vista técnico e como afirmação da capacidade do homem. Por outro lado, as viagens interplanetárias deixam-me céptico ao verificar a falta de um objectivo verdadeiramente humano



Igrejas Caeiro

domínio, nas tentativas até agora realizadas. Os extraordinários e revolucionários meios de transporte e de comunicação que têm aproximado essas realizações, da inteligência.

Presente-se o espírito de competição desenfreada, de ambição de mado os homens, dão-nos a ilusão de ter diminuído a extensão territorial do nosso Mundo. Os esforços que envolvem o prestígio da própria Terra não deveriam partir desta ou daquela nação. Estamos no momento histórico em que os homens, sem abdicarem das particularidades que os diferenciam, devem apresentar-se unidos, perante o mundo exterior que pretendem desvendar.

— Qual é a sua opinião acerca dos foguetões interplanetários?

— É um meio de transporte que, por enquanto, não me seduz. O que mais me entusiasma numa viagem é a preparação do itinerário e, depois, a recordação dos bons e dos maus momentos que a viagem me tenha proporcionado. Qualquer destes prazeres está por agora vedado aos passageiros dos foguetões.

— Qual, na sua opinião, deverá ser o destino da Lua, depois de atingida pelos homens?

— Oxalá a esta hora não se pergunte na Lua que destino há-de ser dado à Terra, quando for atingida pelos lunares. De qualquer forma, esperemos que a Lua não venha a sofrer o domínio dos habitantes da Terra. O homem da nossa época ainda não atingiu a perfeição que lhe permita apresentar-se de mãos limpas nos mundos desconhecidos.

«Na Terra não temos ainda a «casa» em ordem a ponto de podermos fazer visitas dando aos visitados o direito de retribuição.

«A Lua, para nós Portugueses, continuará a ser romantico motivo de inspiração poética.

«Apenas os meninos Americanos e Russos ambicionam ver ainda este Natal nos sapatinhos a linda bola prateada, deslumbrante brincado que não hesitariam em destruir só para ver como é feito por dentro.

«É claro que isto é um sonho. Mas até para sonhar é preciso ter unhas e nestas coisas de foguetões e viagens interplanetárias só os dois grandes colossos é que tocam violão».

utilitários. Desta vez (já que se ultrapassa a atracção da gravidade) é de esperar que os interesses terrenos não tentem os mercados sempre ávidos e atentos às descobertas de novos continentes.

— Qual a sua opinião sobre os foguetões lunares?

— Ignoro se alguém perguntou a Kandinsky o que ele pensava quando em 1925 pintou o célebre «Hinauf» (Subida), representando um foguetão a caminho da Lua. É natural que, fora do mistério da arte ele não pudesse encontrar uma resposta. Como é igualmente natural que os cientistas que conceberam os planos do foguetão lunar ignorassem a aguarela profética de Kandinsky. O maravilhoso desta história é que a imaginação e a realidade acabam sempre por ser uma e a mesma coisa.

— Qual, na sua opinião, o destino a dar à Lua depois de atingida pelo homem?

— Desculpe a inversão dos termos mas penso que a pergunta seria mais correcta se fosse feita da seguinte maneira: qual o destino a dar ao homem depois de atingir a Lua? Por outras palavras: o provável viajante interplanetário não será impellido pela usura ou pelo espírito de cruzada. Ele será o produto de uma sociedade que engloba uma ética correspondente à transcendência do seu feito supremo. É mais. A experiência das Descobertas renascentistas (que hoje podem parecer-nos insignificantes mas que

(Continua na 3.ª página)



Natália Correia

No prazo de quatrocentos anos 15 mulheres reinaram!

(Continuação da página anterior)

de Maria Stuart. Casou com Jorge, irmão de Cristiano V da Dinamarca.
5.ª — Vitória (1819-1901) desposou o



príncipe Alberto de Saxe-Coburgo. Tomou o título de Imperatriz das Índias em 1876.



6.ª — Maria Stuart (1542-1587): rainha de França e da Escócia. Foi educada em França. Com 16 anos casou



com Francisco, delfim da França.
7.ª — Ana Ivanovna (1693-1740): Imperatriz da Rússia. Bateu os Turcos,



dispersou os Tártaros da Crimeia.
8.ª — Isabel Petrovna (1709-1762): filha de Pedro o Grande e de Cata-



rina 1.ª Tomou parte activa na guerra dos Sete anos.

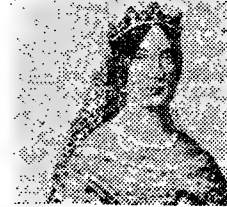
9.ª — Catarina II (1729-1796): foi cognominada Catarina, a Grande. Tor-

nou-se rainha após um «complot» contra Pedro III.

10.ª — Cristina da Suécia (1626-1689): subiu ao poder aos dezoito anos; recusou casar.



11.ª — Maria Teresa (1717-1780): desposou em 1736 o duque da Lorena, Francisco. Os soldados chamavam-lhe



«o nosso rei Maria Teresa».
12.ª — Isabel II (1830-1904): succe-



deu a Fernando VII de Espanha, seu pai. Casou com um nobre de cavalaria — Dom Francisco d'Assise.

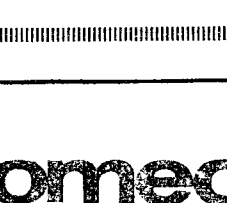


13.ª — Ranavalona-Manjaka III (1862-1917): Rainha de Madagascar, reconheceu o protectorado da França.



14.ª — Helena Maria Paulina Guillermina (1880): Rainha da Holanda. Abdicou a favor de sua filha Juliana.

15.ª — Juliana (1909): Rainha da Holanda. Tem 4 filhas, a mais velha das quais será sua herdeira no trono.



(Continuação da página anterior)

impostos no ultimo orçamento do Estado, já feita com mira no escrutínio próximo. De que o Governo adoptara inteligentemente estas medidas como recurso na conjuntura eleitoral, não resta hoje dúvida, pois mal terminaram as eleições foi dada autorização às Companhias de Transportes Colectivos para aumentar o preço dos bilhetes. E este é apenas um exemplo menor entre outros que se poderiam citar.

Mas para os idealistas políticos o golpe foi muito duro e patenteou a olhos inexperientes uma chocante falta de consciência cívica e uma crise na democracia britânica. Tornou-se difícil de compreender que o cidadão honesto silêncio a vozinha interior e endosse invariavelmente a política do Governo no Ultramar, desde que consiga manter uma razoável situação material na metrópole. É duro de aceitar que, a troco do prato de lentilhas da parábola bíblica, o cidadão de uma das mais prestigiosas democracias do mundo ocidental, renuncie a melhorar a sorte do seu semelhante de cor, ao qual está ligado pelos laços íntimos da Comunidade dos Povos de Língua Inglesa. Demais a mais é desconcertante para os subditos africanos de sua majestade que os zelosos defensores da liberdade individual, tão prontos a oferecer apoio incondicional à sublevação húngara, desperdiçassem agora a oportunidade legal de condenarem uma política, que está em flagrante contradição com o tradicional liberalismo britânico.

Estas e outras considerações do mesmo faz têm aparecido na imprensa responsável e muitos são os que se perguntam se a prosperidade não quebrantou os animos e corrompeu as almas. Ora estará, na verdade, a Inglaterra nadando num mar de rosas, locupletada pelas benesses da cornucópia da abundância, bafejada por um maná celeste que nem o próprio Jeová logrou dispensar ao seu povo eleito?

A acreditarmos as palavras do primeiro-ministro MacMillan «nada as coisas estiveram tão boas», ele teria feito o milagre que só a inveja e o despeito dos seus adversários políticos se recusa teimosamente a admitir.

Assim analisemos de perto a situação económica da realidade nacional. É inegável que o nível de vida das classes laboriosas é hoje superior ao índice dos anos que precederam a guerra. Vários factores contribuíram para essa melhoria e um deles foi o estabelecimento do Estado-Providência (Welfare State) com o ascenso ao poder dos Trabalhistas em 1945. Foi esta a revolução social mais importante na Inglaterra, que alargou o sector nacionalizado, atingindo quase o pleno emprego e criando a escala móvel dos salários. Ao mesmo tempo instituiu-se um sistema de auxílio social com subsídios de família e assistência médica gratuita, e empreendeu-se a demolição de misérrimas colmeias operárias, obra essa que infelizmente ainda está longe de ter atingido o seu termo. O «boom» industrial, tornado possível pelas imensas devastações da guerra, facilitava a recuperação económica do país e mantinha o sistema tradicional de uma larga exportação manufatureira.

No entanto, a afirmação do sr.

MacMillan de que a produção industrial britânica tinha alcançado, sob a égide do seu Governo, o índice mais alto depois da guerra é apenas meia verdade e carece de correcção. Com efeito, ainda que seja o mais elevado, fica aquém do índice de antes da guerra e é inferior ao índice industrial da Alemanha Ocidental, denotando, portanto, comparativamente, pronunciada estagnação em certos sectores, como o da produção têxtil. Se tivermos em conta que a Inglaterra foi excluída do Mercado Comum Europeu e que o desenvolvimento da Alemanha do chanceler Adenauer continua em plena ascensão, poderemos ajuizar do carácter relativo da prosperidade britânica e da ameaça de uma forte e perigosa concorrência que sobre ela impende.

Ponhamos agora de lado estes factos, que serviram para dar a verdadeira perspectiva da actual situação e do seu carácter precário, que só o entusiasmo eleitoral poderia emprestar uma colaboração rósea e permanente, e vejamos os benefícios práticos e imediatamente utilizáveis de que usufrui esta nova classe operária.

Constituída no seu grosso pela geração que foi criada a biberão e abriu os olhos para a vida na atmosfera de algodão em rama do Estado-Providência, ignorando os anos de miséria e das marchas da fome de 1929-1939, apapricada, pro-

E no entanto a triste e lamentável realidade é que esta nova classe operária, «snob», bem pensante e chavina é uma classe endividada até às orelhas, obrigada a economias austeras e enredada no ciclo infernal dos pagamentos a prestações. A fêria ou salário ainda não foi recebido e já leva o seu destino marcado; o dinheiro não chega a aquecer as mãos daqueles que o ganham e muito poucos são os que podem depositar um pecúlio no banco. Com a inflação permanente, os salários chegam para viver o dia-a-dia. Mas, como o Inglês gosta de ser proprietário da sua moradia, o que é mais um sinal de distinção, se não tem capital, tem que recorrer à Caixa. Descubra, assim, nos subúrbios, uma destas caixinhas de fósforos de tijolo com quatro ou cinco pequenas divisões, contrai o empréstimo e corre aos armazéns locais para o trasteio da casa. Aí compra a mobília a prestações, todos os inúmeros acessórios domésticos; mais tarde, aventura-se a adquirir o aspirador, a máquina de lavar a roupa, o frigorífico, o rádio, a televisão, o gira-discos; depois, porque o tempo foge e há que obter o que se puder antes que chegue a velhice com uma míngua reforma ou pensão, que não bastará para fazer face aos encargos, lança-se ao automóvelzinho, contrai novos empréstimos, suspira por serões no escritório e as horas extraordinárias na fábrica. Entretanto vai preenchen-

AS 4 PERGUNTAS

LUÍS DE SOUSA REBELO

(Leitor da Universidade de Londres)

tegida, permeada por uma profunda propaganda, que lhe procura fazer esquecer a sua origem, ela perdeu o sentido de solidariedade da classe a que pertence, e, se obedece às directrizes do seu sindicato, cuja função na Inglaterra não podia ir além da mera reivindicação de salários — a greve política é proibida —, fá-lo apenas por interesse pessoal e não por qualquer idealismo ou razão ética colectiva. Egoísta, indiferente e desinteressada, cultivando com um certo cinismo o «estou-me-nas-tintas», deixa os grandes problemas para os outros.

Acintosamente «snob», envergando a sua origem, como um filho natural, devora com uma volúpia de parente pobre as aventuras perulárias de «ladys» Longbottom no Mónaco, os escandalozinhos amorosos da alta roda e os delírios de grandeza de algum aristocrata no Hotel Dorchester, aguardando o dia em que lhe saia a talada nos prognósticos de futebol para fazer outro tanto ou melhor, e conquistar aquela publicidade deslumbrante, que dará que falar aos seus concidadãos e meterá um ferro de morte ao vizinho. Sim, porque viver melhor do que o vizinho, ter uma televisão, máquina de lavar e um frigorífico antes dos «Jones», a gente da casa ao lado, é a ambição diária que rói a alma destas criaturas, uma marca de distinção social, a prova de que se é alguém.

Nos problemas de política internacional compartilha de todos os prejuízos, paixões e preconceitos das camadas tradicionalistas, e é capaz de um chauvinismo rabiado e impetuoso. A prova ficou feita sobre a crise do Suez, o único acontecimento que conseguiu dividir profundamente a opinião pública inglesa. Ao passo que o «Times», defensor da acção do Governo, e o «Observer», seu acusador, polarizavam duas atitudes opostas da classe média e da alta burguesia, vendo o primeiro diminuir a sua tiragem a favor do segundo, o «Daily Mirror», órgão popular com uma circulação de mais de quatro milhões e meio de exemplares, cuja grande massa de leitores se recrutava entre esta nova classe, acusava uma quebra brusca nas vendas por ter reprovado a intervenção militar. Este espírito nacionalista à antiga vitoriana justifica-se em parte por uma política externa, mais ou menos uniforme, com estranháveis coincidências, dos dois grandes partidos e por uma doutrinação, que nem sempre corresponde à acção, quando os Laboristas detêm o Poder. A sua censura indignada do gabinete de «sir» Anthony Eden já não é, por exemplo, consistente com o seu imobilismo parlamentar sobre a Namíbia — e talvez precisamente — segundo dizem alguns, para não alienar as simpatias desta mesma classe, cujo voto, como acaba de ver, pode ser decisivo.

do cada vez mais desesperançada, mente a folhinha semanal dos prognósticos do futebol, tremendo sempre que o carro tenha uma avaria, e, muitas vezes, até o fatinho que veste anda a ser pago a prestações. Onerado de impostos e de encargos, apanhado no orçamento, timorato e apreensivo, o digno cidadão tem a cara de homem que calça sapatos de defunto, que traz a alma hipotecada, uma alma que não é sua mas de todos os respeitáveis negociantes da «nossa praça», e até o riso soa a falso, como se não fosse dele mas de outrem, e, no olhar vago e frio, parece pairar a suspeita atroz de alguém que nasceu por engano e... a crédito.

Esclavo dos seus tolerantes credores, tolerantes enquanto mantiver o emprego, este livre indivíduo aperta discretamente o cinto. E até o estomago passa a andar a crédito, um pobre estomago com um ar de vendido, enganado, ludibriado na sua fome com sanduíches de queijo ou alface, estonteado com o fumo do cigarro, desconsolado com chávenas de chá ou café ingeridas a todas as horas do dia.

As refeições — muita gente satisfaz-se só com um parco jantar, almoçando quase sempre umas sanduíches — são inesgotável motivo de controvérsia e de horror gastronómico para o visitante estrangeiro, pois, em relação com o resto da Europa, em Inglaterra come-se pessimamente, e quem queira uma refeição decente paga os olhos da cara. De modo que aquele estomago infeliz lá se vai habituando ao regime de dieta, ansioso pelo domingo — dia santo! — em que se tira a barriga de misérrimos com um bifezinho ou carne assada (a Sunday joint!) e se dorme depois a sesta regaladamente, vencido pelos excessos desta orgia culinária...

Tal é, em resumo, o alto nível de vida e a prosperidade de uma grande parte do eleitorado que deu o seu voto de confiança ao sr. MacMillan. Dele esperam que mantenha o presente estado de coisas e que a situação não se agrave, a fim de poderem pagar as dívidas e tornarem-se uma classe inteiramente solvente.

Será o sr. MacMillan o homem providencial, o Desejado da hora que passa? Terá ele os meios para sustar a inflação insidiosa, manter o desemprego ao nível actual de meio milhão? Possuirá ele um plano capaz de fazer frente à forte concorrência económica da Alemanha Federal e, muito em breve, do Japão nos mercados mundiais? Será ele o herói do futuro, o árbitro da prosperidade solvente e da felicidade da pátria?

Estas são as perguntas a que a acção do seu Governo, no período de cinco anos de legislatura que lhe cabe, irá dar a resposta tão ansiosamente esperada.

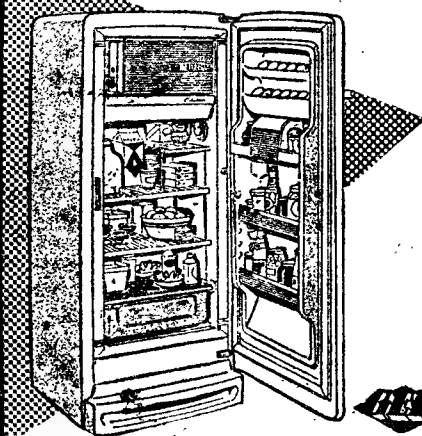
Gelado começa por GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA



A POESIA E O TEMPO O que pensa das viagens interplanetárias e no destino a dar à LUA

A poesia era muito apreciada entre os Aztecas. Os dignitários e suas famílias, incluindo as mulheres mais distintas, caprichavam em distinguir-se na arte poética. Organizavam-se concursos de poesia, no fim dos quais o rei entregava presentes valiosos aos vencedores.

Havia poetas ocasionais, nobres letrados; havia poetas de profissão ao serviço dos grandes senhores e cantavam as proezas dos heróis, a grandeza das dinastias e também, o encanto da vida e as suas tristezas.

Poema e canto andavam a par; eram sinónimos, porque o poema era sempre cantado ou declamado ao som de instrumentos de música. Certas peças escritas, são anotações de forma a mastrarem o ritmo do instrumento acompanhante, e mostram que o poeta tinha consciência da sua alta missão:

Eu cinzel o jade, eu fundo o ouro
[no cadinho]

Eis o meu canto!
Eu incrusto as esmeraldas:
Eis o meu canto!

Também dizia:

Eu, o poeta, senhor do canto
Eu, o cantor, faço ressoar o meu
[tambor].
Possas o meu apelo despertar
As almas dos companheiros mortos!

Ou:

Eu, o cantor, crio um poema
Luzidio como a esmeralda preciosa,
A esmeralda brilhante, resplandece;
[cente];

Eu adapto-me à modulação
da voz harmoniosa do tzintzcan...
Como o tilintar das campainhas
O tilintar das campainhas de ouro...
Assim canto eu a minha canção
[perfumada];

Semelhante a joia luzidia,
Turquesa brilhante, esmeralda deslumbrante,
O meu hino florido á Primavera.

Os Aztecas tinham vários géneros de cantos: entre eles o canto divino, o hino, de que nos ficaram algumas transcrições, verdadeiros tesouros para o estudo da língua e do pensamento religioso dos antigos mexicanos. Esses poemas não eram cantados, mas repetidos, muitas vezes, conforme acompanhavam o ritual, os gestos dos sacerdotes, as danças de máscaras.

Esses cantos religiosos eram transmitidos por tradição e tão carregados de alusões esotéricas e metáforas que se tornam incompreensíveis, por vezes:

A flor do meu coração abriu-se,
Eis o senhor da meia-noite,
Ela chegou, a nossa mãe, ela chegou,
Ela, a deusa Tlazolteotl.

Nasce o deus do Milho
No paraíso de Tamoanchan,
No lugar onde se erguem flores,
Ele a que chamam Um-Flor.

Nasceu do deus do Milho
No jardim da chuva e da bruma
Lá onde se criam os filhos dos homens,
[mens],
Lá onde se pescam peixes de jade.

Eis o dia, ergue-se a aurora,
As aves «quechol» saqueiam
No lugar onde se erguem as flores...

Ou em honra de um deus nacional:

Eu sou Uitzilpochtli, o jovem guerreiro,
Nenhum se iguala a mim.
Não foi em vão que cobri o meu

[manto de plumas de papagaio,
Graças a mim nasceu o sol!
E para a mãe dos deuses:

Abriu-se a flor amarela.
Ela, a nossa mãe com máscara de pele,
Veio de Tamoanchan.

Desabrochou a flor amarela.
Ela, a nossa mãe com máscara de pele,
Ela veio de Tamoanchan.

Abriu-se a flor branca.
Ela a nossa mãe com máscara de pele,
Ela veio de Tamoanchan.

Desabrochou a flor branca.
Ela, a nossa mãe com máscara de pele,
Ela veio de Tamoanchan.

Ah! Ela tornou-se deusa,
Entre os cactos, a nossa mãe,
A borboleta de obsidiana.

Ah! Tu contempestas as Nove Estepes!
Ela alimenta-se de corações de veado,
[dos],
A nossa mãe, deusa da Terra.

O que ficou por ler

O VALOR DUMA DEPUTADA ALEMÃ

Lucia Beyer, louíssima e deputada do Parlamento de Bona, fez uma viagem a África e visitou o jovem Estado de Ghana. Aí recebeu uma proposta de casamento por parte do régulo que, gentilmente, se dispunha a comprá-la a família por vinte (20) vacas.

A senhora, por acaso, não aceitou; mas se tal não sucedesse assistir-se-ia, no Parlamento de Bona, a um acontecimento extraordinário: em substituição da ilustre deputada apareceriam as 20 parlamentares do género vacum.

LEITE CANALIZADO

Em Irsee, na Baviera, inaugurou-se um *pipe-line*, não para petróleo — como de costume — mas para... leite. O *pipe-line* tem 300 metros de comprimento e destina-se a transportar leite dos montes para os vales, num desnível de trinta por cento. A canalização estará em actividade todo o ano.

RESPEITO PELA VELHICE

No Parlamento italiano está a ser estudada a proposta seguinte: que os automóveis com mais de cinco anos de uso, e, por isso mesmo, desvalorizados, seja isentos da taxa de rodagem.

Qual o motivo de tão automovelitria medida?
Favorecer todos quantos preferam comprar automóveis em segunda mão.

O PAÍS ESTAVA INSONSO

O deputado monárquico italiano, sr. Rivera, apresentou ao parlamento uma proposta muito bem temperada.

— Aumentem-se os impostos para os televisores e os frigoríficos mas que se abalem os que incidiam sobre o sal.

Parece que o deputado achava o país muito insono.

MÚSICA INFLAMADA

Vassili Gorethki, que vive em Soldatskaia, tem uma distração obsecante: fazer instrumentos de corda de todas as formas e géneros — guitarras, violinos, rabecões, etc. O mais extraordinário é que a matéria-prima usada são milhares de fósforos.

E os instrumentos tocam.

Soluções: da pág. 7:

Tristão e Isolda
Dulcineia e Dom Quixote
Paulo e Virginia
Aucassino e Nicoletta
Cesar e Cleópatra
Armando e Dama das Camélias

(Continuação da 1.ª página)

foram incontestavelmente grandiosas) preservá-lo-ão dessa mesquinha disputa de territórios que interrompeu o impulso da sua aventura.

Frederico de Freitas diz: É perigoso desencadear forças que de antemão se não saiba poder conter

As perguntas que o «Diário de Lisboa» amavelmente me dirige, ocorre-me responder, lembrando o conceito da balada de Goethe tão conhecida das plateias musicais através da famosa partitura de Paul Dukas, «O Aprendiz de Feiticeiro»: — «É perigoso desencadear forças que de antemão se não saiba poder conter».

O povo na sua sabedoria simples, diz que o tempo anda mudado e que as estações já não concorrem o que lhe é peculiar, atribuindo às explosões atómicas, aos foguetões e ao delírio das incursões planetárias a sua alteração...

«Quanto ao destino a dar à Lua depois de atingida pelo homem»: — Mas, se nem já o sonho é possível, desde que, algures, pelo «Mar da Tranquilidade» e o «Vale da Serenidade» alunou o engenho russo...

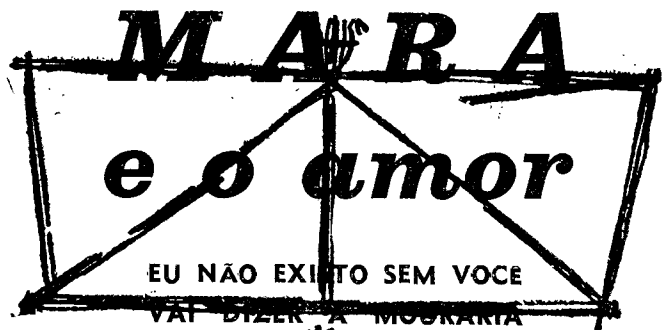


Frederico de Freitas

— Adeus enlevo poético, refúgio de sonhadores...

NOTA: — O «Diário de Lisboa» agradece a todos aqueles que amavelmente colaboraram neste inquérito, dando-nos o testemunho sempre valioso do seu pensamento e da sua sinceridade.

disco da semana



EU NÃO EXISTO SEM VOCE
VAI DIZER A MOURARIA
O AMOR É LOUCO
SE ALGUEM TELEFONAR

7 LEM 3.0 2 1
A VOZ DO DONO

A voz da artista brasileira Mara Abrantes lembra a da vedeta francesa Patachou. Ambas têm em comum uma voz levemente velada, assim como dons semelhantes de humor e humanidade.

Foi o lendário Ary Barroso, o compositor de «Aquarela Brasileira», quem levou Mara para a Televisão e os palcos cariocas. Hoje Mara é uma estrela de primeira grandeza no Brasil e em Portugal.

Neste disco foram-se éxitos de Mara Abrantes, da revista «Com jeito, vai» — «faça como «O amor é louco» e garanta o sucesso assegurado com o bonito «eu não existo sem você».

DISCO PUBLICADO PELOS ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO — RUA NOVA DO ALMADA, 97

O

LIVRO DA SEMANA

Pela primeira vez em Portugal o jovem e grande romancista

MICHEL DEL CASTILLO
(Prix des Neufs-1957)

numa obra de trágicas dimensões, que descende de Cervantes e de Goya

A VIOLA
(LA GUITARE)

Eis um romance da colecção CONTEMPORÂNEA que ninguém poderia desconhecer

•

Próximos volumes da colecção CONTEMPORÂNEA

•

APARIÇÃO
por Virgílio Ferreira

•

COM RAZÃO OU SEM ELA
por Claude Roy

•

UMA FENDA NA MURALHA
por Alyes Redol

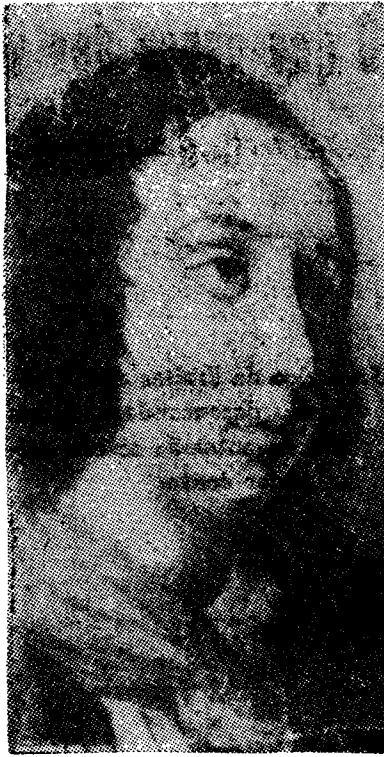
PORTUGALIA EDITORA

magazine

ELES ELAS E O AMOR

Amandina Aurora Lucia, mais conhecida por Georges Sand, casou aos dezoito anos com um jovem de vinte e sete anos. Apaixonada e imaginativa, sonhando com um amor ideal que não encontrou, no casamento, cedo se separa do marido, intelectualmente inferior a ela. Deste casamento falhado ficaram-lhe dois filhos que as más línguas atribuem a um adultério — pelo menos um deles. Mas com verdade ou não, o adultério também lhe não trouxe a felicidade. Georges Sand sentia-se doente.

Tempos depois, nas Termas, encontra um magistrado, Aureolano de Séze, com quem mantém entusiástica correspondência, durante dois anos. Sand julgava ter encontrado, no poeta, a alma gémea da sua. E nesses dois anos, as cartas que tro-



George Sand

cam são cheias de exaltação. Mas... em Paris conhece Jules Sandeau, escritor como ela. Sande, então com vinte e seis anos, apaixonou-se sinceramente por esse jovem de deza-

nove. Ambos assinam as obras com o pseudónimo de Jules Sand, e ambos são felizes.

Contudo, esta felicidade não durou muito. Separados, Georges Sand começa então a sua carreira de escritora. Passeia por Paris o rosto pálido, vestida de homem — verdadeiro escândalo para a época. Sand rodeia-se de todos os românticos; amores, amizades... e decepções. Em cada nova amizade ela julga encontrar a perfeição, mas em cada uma, uma nova desilusão a espera.

Aos trinta anos encontra Alfred Musset, então com vinte e três. Foram momentos de verdadeira paixão. Viajam até Itália; mas Musset está doente. O médico chamado é outra aventura que ela leva a Paris e que dura alguns meses. Depois um advogado passa na sua vida. Mas, ansiosa de amor sincero, natureza profundamente apaixonada, Georges Sand não se pode considerar uma aventureira: é, antes de tudo, uma mulher que insatisfeita, sonhando com alguma coisa que nunca encontrou... até encontrar Chopin.

Frederico Chopin tinha menos sete anos que a romancista. Mas era belo, sensível, infeliz. Talvez tanto bastasse para que Georges Sand se sentisse atraída para esse músico genial. Ama-o. Porém Chopin faz-se rogado; e é preciso que Sand use de todos os seus encantos para o conquistar. Finalmente, em 1838, Sand julga encontrar a felicidade a que sempre aspirara, em vão. Mas Chopin está doente, fraco dos pulmões. Partem para Maiorca. Nunca mulher alguma cuidou, com mais dedicação, do homem que ama. Em todo o tempo que viveu com Chopin, ela escreve, publica. Onze anos decorreram. Mas por maledicências e ciúmes de sua filha, separam-se. E longe dela, Chopin morre da doença que o minava.

Estala a revolução. Georges Sand não pensa no amor de homem algum; pensa no amor dos homens. Faz-se revolucionária. Encontra, nessa altura, um camarada de seu filho, Manseau, que sempre a venerara. Mas de saúde delicada, morre tísico anos depois. Georges Sand julgava encontrar um companheiro para a velhice — ela tem agora quarenta e oito anos — mas vê-se sózinha.

Cansada de tanta desilusão, Georges retira-se para a sua propriedade de Berry e aí dedica aos netos o imenso amor de um coração intranquilo e apaixonado.

Desesperada, ela escreve num dos seus primeiros romances: «Como libertar-me deste mármore que me sobe aos joelhos e me prende como um sepulcro retém os mortos?»

Toda a vida ela buscara o amor; mas sempre encontrara homens muito mais jovens do que ela, todos doentes, frágeis, incapazes de preencherem o vazio do seu coração ardente. Para qualquer deles, Georges Sand foi mais mãe do que amante. Caluniada, em vão procurou toda a vida o amor verdadeiro, que nunca encontrou.



Frederico Chopin

O Abade de Faria, que na realidade nunca teve esse cargo eclesiástico, celebrou-se como personagem do famoso romance «O Conde de Monte Cristo», de Alexandre Dumas. Cria, porém, ao nosso ilustre compatriota uma mais justa celebridade como precursor do hipnotismo científico, porque ele muito contribuiu para o descrédito do «magnetismo animal» de Mesmer ao atribuir a causas exclusivamente psíquicas os fenômenos de sugestão e hipnose.

José Custódio de Faria, que tal era o nome de baptismo do «Abade de Faria», nasceu a 30 de Maio de 1756, em Gandolim, bairro residencial dos ardeiros de Goa, na Índia Portuguesa. Seu pai era descendente de antigos frades convertidos ao Cristianismo e sua mãe pertencia a uma antiga família da mais legítima fidalguia. Mas tendo os pais obtido uma dispensa para separação de pessoas e bens, alguns anos após o nascimento de José Custódio, a fim de um outro professor, o pequeno achou-se na estranha situação de filho legítimo de um frade e de uma freira.

Tendo vindo para Lisboa na companhia de seu pai, o futuro «Abade de Faria» fez aqui os estudos preparatórios e, aos 15 anos, com uma bolsa de estudo concedida pela corte, foi, para o Colégio de Propaganda Fide, em Roma, cursar Teologia. Ordenado sacerdote em 1780, regressou a Lisboa para ocupar o cargo de capelão adido à capela real.

São ainda mal conhecidas as circunstâncias que levaram o Padre José Custódio de Faria a abandonar a sua pátria e as suas funções eclesiásticas, mas o certo é que em 1788 já ele se encontra um novo «mago» conseguira em pouco tempo eclipsar a fama de todos os outros. Tratava-se do médico Francisco Trava em Paris e ali permaneceu até ao atribulado fim dos seus dias.

Em vésperas da grande Revolução, a

magazine

capital francesa servilhava de aventureiros dispostos a explorarem em proveito próprio a sede de maravilhoso de uma classe corrupta, cansada e reciosa. Madame Bontemps lia o futuro da aristocracia no pé de café. O conde de Saint-Germain e um outro charlatão que se fazia passar por conde de Cagliostro recebiam o ouro da nobreza em troca de filtros miraculosos. Mas Mesmer, que fora expulso da Áustria e arribara a Paris em 1778.

Francisco Mesmer não era exacta-

mente um charlatão e estava intimamente convencido de ter encontrado no «magnetismo animal» um novo e eficaz método terapêutico, quando, afinal, apenas deparara acidentalmente no seu caminho com vulgares fenômenos de sugestão e hipnose, mas sem conseguir atinar com as suas verdadeiras causas.

Também não pode atribuir-se a Mesmer inteira responsabilidade pela histórica onda de «mesmeromania» que atacou Paris, muito embora o misterioso aparato de que ele fazia rodear as suas consultas colectivas muito tenha contribuído para fazer do magnetismo «la grande mode» parisiense. As magníficas carruagens das primeiras famílias de França esperavam pacientemente que se abrissem as portas do luxuoso consultório instalado pelo «divino alemão» na Praça Vandôme. A própria rainha Maria Antonieta era convictamente mesmeriana. Sómente o flácido Luís XVI e a douta Academia francesa se recusavam obstinadamente a reconhecer valor científico às curas mágico-magnéticas. Foram o rei e a Academia quem venceram, embora sem convencer, e Francisco Mesmer teve de abandonar Paris qua-

tro anos depois de ali ter chegado o P. José Custódio de Faria.

O contacto do nosso compatriota com o mesmerismo foi, que sabemos, feito indirectamente através das suas relações com o conde Máximo de Puységur, fiel discípulo de Mesmer e verdadeiro criador do hipnotismo.

O conde, «magnetizador» por puro amorismo, à falta de aristocratas históricas fazia as suas experiências com os camponeses dos seus domínios. Um dia teve a surpresa de verificar que um

dos seus pacientes, um jovem pastor, em vez de reagir ao toque magnético por meio de convulsões, adormecia tranquilamente ao contacto das suas mãos. Esse resultado era contrário à regra fundamental de Mesmer, segundo a qual o «magnetizador» deveria provocar o enervamento e não o sono. Puységur tentou por todos os meios usuais acordar o pastor, mas sem resultado. De repente, porém, lembrou-se de lhe ordenar que se levantasse e, com enorme espanto, viu que o rapaz lhe obedecia dócilmente e se punha a caminhar com os olhos fechados. O conde, vivamente interessado por esse caso insólito, prolongou a experiência, fez perguntas que obtiveram pronta resposta e deu ordens que tiveram imediato cumprimento. A luz fez-se então no cérebro de Puységur e o fenómeno da hipnose foi pela primeira vez convenientemente interpretado.

Foi certamente essa experiência que, comunicada pelo conde Máximo de Puységur ao seu amigo «Abade de Faria», levou o nosso compatriota a lançar-se com todo o entusiasmo no estudo do hipnotismo.

Começa então a fulgurante carreira



P O R H E N R I Q U E

Era uma vez... Ah! Sim, dessa vez a brincadeira ia-lhe saindo muito cara. As coisas estiveram mesmo fúscas. Passeata toda a tarde a monte pela Quinta... Merenda por um óculo... — A não ser uns cachos, uns tais cachos moscateis daqueles que só ele sabia onde estavam e que muitas vezes gostava de comer deitado de costas em cima dos torrões do Barrão... E era só abrir a boca, estavam ali mesmo, compridos, lindos... O que valeu foi ter sido no tempo dos cachos... senão teria que dar mais um nó no cordel que segurava o calção num só suspensório a tiracolo — tentativas prudentes de aproximação ao entardecer, já quando a luz Wizar estava acesa na cozinha. — Na cozinha nova, claro, porque na velha, daquela hora, não estava ninguém, a broa cozida, a lavagem para os porcos e a

comida para os cães, feita — Ronda devagar primeiro do lado do tangerinal... Ninguém. Era de esperar. Depois volta por trás, pela eira, a correr como uma seta — aqui a prudência não exigia cuidados; ninguém, a não ser quem está á rasquinha passeia por ali àquela hora —, passa ao alambique e aproxima-se, agora devagarinho, pé ante pé, das janelas iluminadas da cozinha.

Olá! Há mais vozes do que é costume. Poderá ser? Mas parece, parece mesmo... E se fosse? Ele andava longe, não se deu conta de nada. Era mesmo a calhar. Estava salvo. Baril!

O tio João tinha um fraco, por ele... o «Fado Velho» era sempre o «Fado Velho»... e punha água na fervura. Garantido que punha.

Já estava mesmo a ver como as coisas iam passar-se: ele entrava, devagar, parava á porta... Não ia logo assim foito, já se vê, não fosse o caso de apanhar ainda alguma galhetazita antes de o tio se dar conta de que ele estava ali... E o galo? Como estaria o galo? Sim, porque tudo dependia do galo. Ele nem fazia ideia... Devia ser grande e negro como a noite. E se não fosse galo, assim, alto para fora? Se tivesse ficado metido por aí dentro? Devia ser pior... mais sério... E' que tinha sido com muita força, mesmo no meio da testa, em cheio. Pimba!

O raio da pomba de gesso estava mesmo a goito, na pontinha, no biquinho, ao meio do telhado. Tinha tanta piada se lhe tivesse acertado! Há quanto tempo ele e o Bolsa tinham feito a combinação. Era só para ver quem tinha mais pontaria. O Bolsa tinha manias! E o Papá nunca chegaria a saber como aquilo tinha sido. O Bolsa não era queiximhas e se fosse... levava pela tabela. Não, o Bolsa era fixe. Que remédio! Estava também metido na alhada...

Mas logo por azar... Raio de ideia aquela de se ir pôr á janela na altura em que a pedra já ia no ar. E depois a pomba ficava mesmo por cima, por cima da janela e da testa da Milu.

Sé ela lá não estivesse, tinha enfiado pelo sótão que nem cavacas. Mas não, apeteceu-lhe aparecer naquela altura, toda sorridente. Mesmo coisas dela. Vir pôr-se á janela

do Rev. José Custódio de Faria, cuja presença se torna imprescindível nos mais famosos salões da alta sociedade parisiense. E-lhe oferecida a regência da cadeira de Filosofia na Academia de Marselha e abre-se o precedente de nomeá-lo membro da Ordem dos Médicos, embora ele nunca tivesse cursado Medicina. Chega mesmo a conseguir autorização para abrir uma escola de hipnotismo, o que ainda mais aumenta a sua popularidade e a sua fortuna. E por essa altura que Faria elabora a teoria do hipnotismo científico, ensinando que o sono hipnótico não se produz graças a um fluido dimanado do «magnetizador», mas em consequência da sugestibilidade das pessoas em que se opera.

As circunstâncias que motivaram a

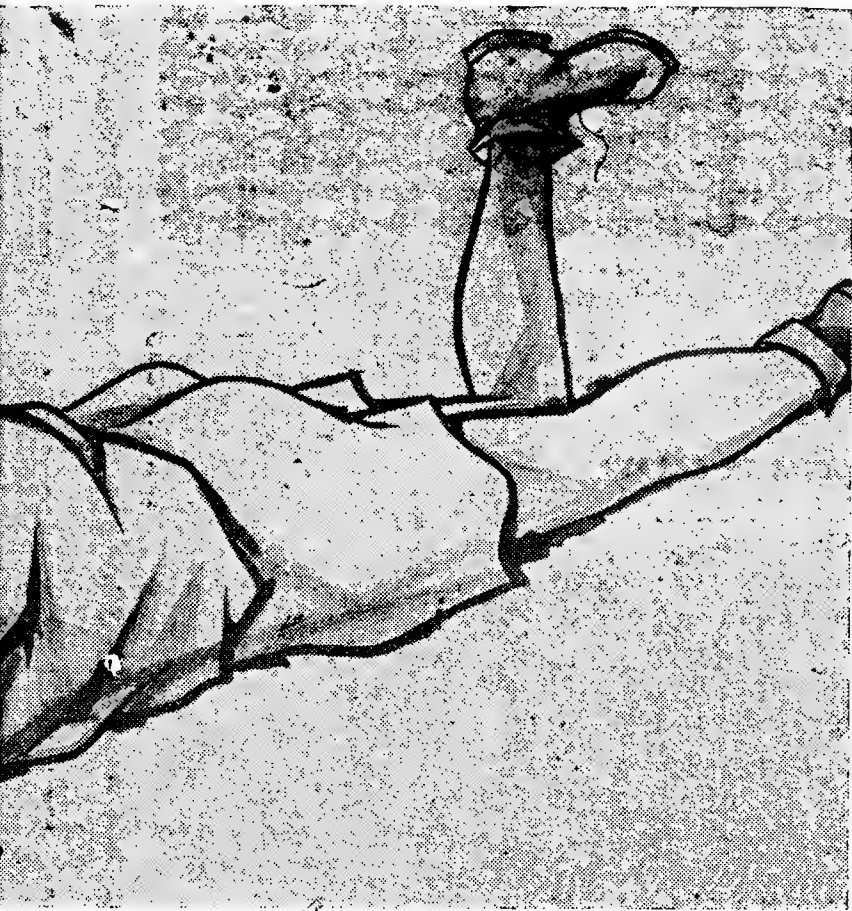
mudança do «Abade de Faria» de uma tão elevada posição para o lugubre cárcere de Estérel não são conhecidas. Segundo o livro escrito por um antigo funcionário da Polícia parisiense, o eclesiástico português fora encarcerado por motivos políticos e teria morrido na prisão, legando toda a sua imensa fortuna — cerca de 320 mil contos, pela moeda actual — a um companheiro de detenção. E foi sem dúvida esta informação que inspirou a Alexandre Dumas o seu célebre romance «O Conde de Monte Cristo».

Tudo isto tem uns certos visos de verdade, pelo menos no que se refere aos motivos da detenção, porquanto se sabe que o fúlgido prelado era useiro em aventuras desse género e já havia tomado parte muito activa na conspiração que derrubou a jovem República francesa. Mas, seja como for, o certo é que o padre José Custódio de Faria é uma notável figura universal e que o nosso País deve honrar-se, porque, como disse o Prof. Egas Moniz, «foi ele, o primeiro a ver o problema da hipnose nas suas próprias bases, com grande precisão e clareza».

ALFREDO BRAS

S. Cristóvão e a velocidade

Em Itália todo o automobilista pode adquirir uma imagem deste santo para pôr no seu carro. Vendem-se por toda a parte. Mas os Italianos julgaram prudente inscrever, no santo, uma legenda: «Não se responsabiliza por mais de 50 quilómetros.



QUE PINHEIRO

— Ron-
do tan-
esperar.
eira, a
aqui a
los, nin-
i á ras-
la hora
rozima-
nante pé,
cozinha.
que é
parece,
sef? Ele
onta de
Estava
aco por
sempre
água na
lha.
o as coi-
ava, de-
io ia lo-
fosse
uma ga-
lar con-
E o ga-
m, por-
Ele nem
de e ne-
fosse
Se ti-
aden-
sério...
uita for-
sta, em
estava
no bi-
Tinha
acerta-
o Bolsa
Era só
ontaria.
o Papá
o aquilo
queizi-
pela ta-
Que re-
tido na
de ideia
na al-
no ar.
mesmo
la e da
mha en-
avacas.
cer na-
e. Mes-
janela

a rir, para apanhar com uma pedra na testa! Chatice!
Apertava-se-lhe o coração. E' que era tudo! A pedra... eles eram tão amigos e ele não sabia como aquilo tinha ficado. Tinha fugido logo, quando a ouviu chorar. E depois, estava servido... estava, estava... Era de um lado a testa da Milu, já se sabe que não tinha sido de propósito... E do outro... quem é que lhe chegaria? A Mamã era a «Bandeira de Salvação», como costumava dizer o tio. Mas naquele caso, não se sabia nada... O Papá, sempre tão bom, mas quando a asneira era grossa e ele batia assim com as costas dos dedos muito pesados, digo eu cá isto! O Luís, sempre era o irmão mais velho e podia fazer muita coisa. E' certo que ele gostava de o mascarar e de lhe pintar uns grandes bigodes e suíças com uma rola queimada... mas isso era quando queria brincar. Numa delas, sabe-se lá! também era capaz de molhar a sopa.

E se ela se pusesse a chorar quando ele entrasse? Estragava tudo, claro; mesmo com o tio João lá, e tudo, já havia de ser mais difícil. Ai! Se Nosso Senhor fizesse com que ele tivesse qualquer coisa... uma dor de barriga muito forte... febre... se fosse febre era melhor... fazia mais impressão, ficavam preocupados e a coisa era mais leve, talvez até passasse...

Bem, mas também podia ser que não fosse preciso... Com o tio João lá! Ai quanto ele não daria para aparecer de repente na cozinha! E se fosse preciso, desapareceria logo de repente outra vez.

Em todo o caso, aquilo podia não ser tão mau como pensava. Às vezes, sabe-se lá! a pedra podia, por qualquer coisa, não ter batido com muita força. Nas histórias, essas coisas acontecem... Porque é que não havia de acontecer também ali? Ele bem podia ter-se deixado ficar um bocadinho e procurar saber o resultado, ver o sítio. Mas não senhor! Mesmo quando um tipo não é caguincha, lá ao fundo das costas começa a apertar-se e a tremer... Porque será?

De qualquer modo, começava a sentir-se mais aliviado. Sempre havia duas saídas. O tio João... E podia ser que não houvesse galo. Quem sabe?

Fortunato Seminara

Colecção Miniatura

Patricia Highsmith

Colecção Vampiro

Stefan Wul

Colecção Argonauta

Estava
na cervejaria

A estátua de Goethe que se encontrava na praça Lembach, em Múnaco, foi retirada em tempo de guerra mas não voltou ao sítio, desde então. Um indivíduo escreveu no pedestal da estátua:
—«Estou aqui ao lado, na cervejaria. Mas não demoro».

Situado a mil milhas de Lisboa e a pouco mais da costa africana, inglesa e americana o Arquipélago dos Açores encontra-se directamente sobre as melhores rotas para a navegação à vela, não apenas da Europa para o Oriente mas também no caminho que conduz ao grande continente americano.

A volta dessas ilhas famosas que a lenda diz constituírem os picos de um velho continente submerso onde se situou a fabulosa Atlântida, navegaram e combateram os mais temidos aventureiros, piratas ou corsários, todos cobiceiros do marfim, da pimenta, do trigo e dos escravos que os barcos portugueses e espanhóis traziam dos seus vastos Impérios.

O mar dos Açores tornou-se cedo um mar de aventura e de pilhagem. De Sagres, o Infante, bem dava murros sobre a mesa das cartas, implorando ao Papa «a negrura do inferno sobre as cabeças desses piratas e ladrões»; e enquanto orava ao «Deus onnipotente para entregar nas suas mãos os velhacos ladrões que enriqueciam á sua custa», mandava navios bem armados para dar caça á pirataria.

Apressada a decadência naval portuguesa durante o domínio filipino, as ilhas dos Açores transformaram-se numa poderosa fortaleza espanhola de protecção aos navios que regressavam das Américas carregados de tesouros e que os «gangsters» do mar disputavam a fio de espada.

Particularmente a ilha Terceira foi o mais forte bastião do poder espanhol contra a Inglaterra na guerra naval que assolou o mar dos Açores durante muitos anos sem grandes vantagens para qualquer dos lados.

Nessa época cheia de aventuras marítimas, puderam os ilhéus açorianos ver passar ao largo das suas ilhas as velas de navios famosos comandados por homens como sir Walter Raleigh, sir Francis Drake,

(o célebre corsário Drake), os condes de Essex e Cumberland, que além de terem sido dos mais famosos e hábeis comandantes navais ingleses, foram também dos mais temidos aventureiros do mar.

Foi junto á ilha das Flores — a mais ocidental de todas as suas ilhas — que teve lugar uma das mais célebres e históricas batalhas navais dessa época heroica da navegação á vela:

Uma poderosa esquadra espanhola composta de um total de 50 navios, entre unidades de linha e barcos de abastecimento, conseguiu surpreender junto á costa o famoso «Revende», um dos maiores e mais bem apetrechados navios de guerra da rainha Isabel. Apanhado de surpresa, por um descuido

fatal do seu comandante, o «Revende» não tem a mínima probabilidade de se escapar ao cerco e aceita o combate nas piores condições. Acossado por todos os lados e sem apoio de nenhuma espécie o majestoso «Revende» avança activa e corajosamente para o meio da batalha com os seus potentes canhões a vomitar fogo para todos os lados. E de tal maneira manobrou e batalhou que foram necessárias catorze longas horas de luta furiosa para o colocar fora de combate.

Desmantelado e completamente arrasado, o magnifico «Revende» afunda-se, logo que os canhões se calaram, levando consigo todos os seus bravos marinheiros e perante a mais respeitosa homenagem de todos os vencedores.

A bem dizer o nome de Fleming pertence tanto á lenda como á História. Um homem pequeno, tranquilo, inventor da penicilina tomou lugar entre os benefactores da Humanidade.

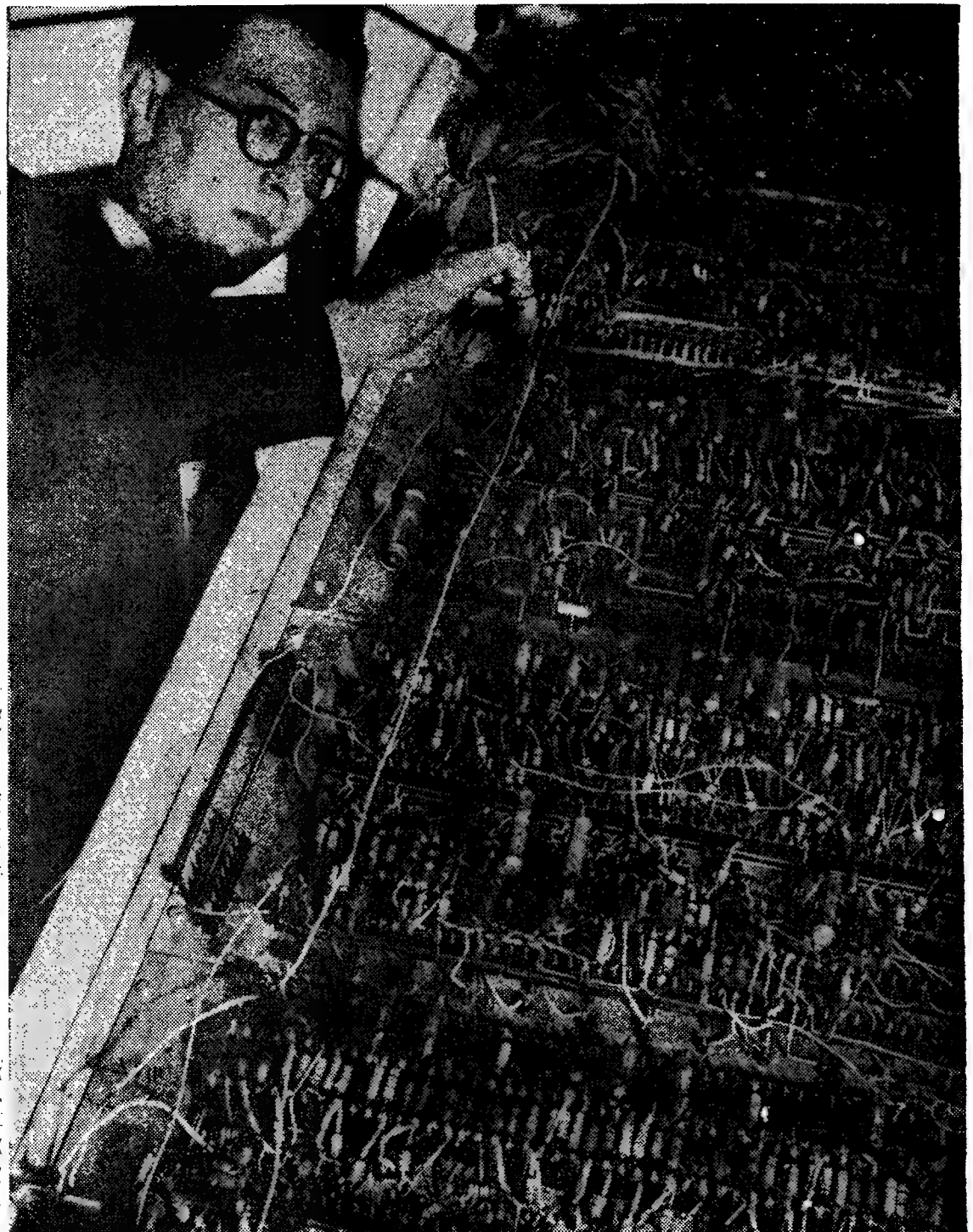
Como acontece muitas vezes na da, nele, anunciava o herói. Saído de uma modesta família, vivendo a vida pacata da família com os irmãos e irmãs, não se tornava notado por ninguém além dos seus companheiros de laboratório; possuía uma habilidade manual que o tornava apto para todas as tarefas delicadas. Mais de metade da sua existência decorreu na sombra de médicos de renome e brilho, quando a descoberta da penicilina mostrou o valor e a originalidade do seu trabalho científico. Claro que para atingir este famoso resultado, Fleming trabalhou anos e anos confiante na quimioterapia antinfeciosa que, no domínio prático

nos deu as sulfamidas e os antibióticos.

Em 1929, notou uma camada de bolor rosado numa preparação química; começou, então, uma série de experiências apaixonantes que o fariam, finalmente, isolar a penicilina... Porém os seus cuidados não terminaram aqui. As primeiras comunicações científicas esbarraram com a indiferença; e foi preciso muita coragem para que Fleming não desistisse. Felizmente encontrou colaboradores como Chain e Florey que, á custa de muitos esforços e trabalhos penosos conseguiram, com ele, preparar a penicilina tal como é aplicada.

Foi isto durante a guerra de 1939-1945. Quantas vidas se não ficaram devendo á penicilina e, portanto ao trabalho silencioso, infatigável, desse pequeno escocês — Fleming?

Um nome que a Humanidade nunca poderá esquecer...



O interior do crânio dum robot moderno; os centros nervosos do cérebro electrónico

A importância do magnésio e do enxofre

O primeiro é necessário para permitir a assimilação, pelo nosso organismo, de todos os alimentos. O magnésio com o cálcio desempenha importante papel na formação dos ossos e dos dentes. Na nossa alimentação, devemos calcular ingerir 300 gramas de magnésio, diariamente, para um bom equilíbrio. O magnésio encontra-se nas partes externas dos cereais, nos legumes e nos frutos. Claro que dos cereais pouco podemos esperar, pois os comemos descortinados.

Podemos calcular que 300 gramas de legumes, 200 de fruta, um pouco de pão completo, diariamente, fornecem o magnésio que nos é necessário. Parece ser certo que, a falta de magnésio permite o desenvolvimento do cancro. O magnésio funciona, pois, como preventivo desse terrível mal.

O enxofre é um protector do fígado, pela sua acção antitóxica. A carência de enxofre parece facilitar o desenvolvimento do reumatismo e da tuberculose pulmonar. Um regime equilibrado deve comportar diariamente uns 5 a 8 gramas deste produto.

Ora, 100 gramas de carne contêm 200 miligramas de enxofre; a mesma porção de peixe, contém 200 a 250 miligramas; os ovos, 200; o queijo, 200; os cereais, o pão, 100 a 150; os legumes secos, 200 a 300; os legumes frescos, 20 a 100; as batatas, 45; os frutos frescos, 5 a 30; e os secos, 100 a 200 miligramas.

Com um pouco de paciência, um lápis e um papel, não será difícil sabermos as quantidades destes elementos tão indispensáveis que devemos ingerir por dia, para obter um bom equilíbrio orgânico e uma perfeita saúde.

Se tem má boca...

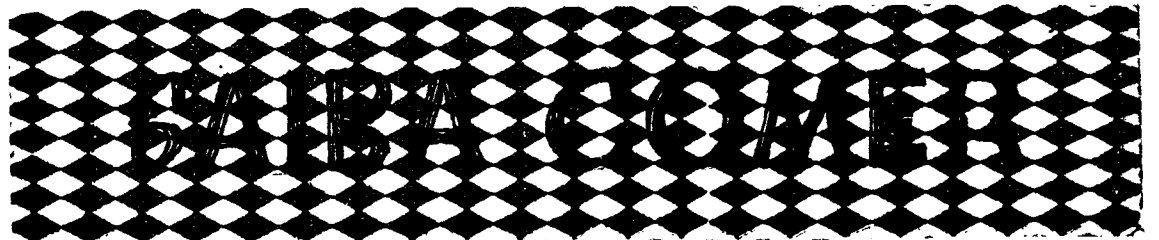
Se não gosta deste ou daquele manjar, não deixe de comer. Procure outro do seu agrado com equivalência de valor nutricional.

Para isso é preciso que saiba que 100 gramas de carne equivalem a:

100 gramas de peixe, doze ostras, 100 gramas de marisco e dois ovos.

Não creio que agora seja difícil substituir uma comida detestada; e ainda mais, que seja difícil variar de ementas. É uma harmoniosa variedade é a chave do equilíbrio alimentar. Mesmo dentro de cada grupo de alimentos deve existir essa variedade. Não é preciso que coma só carne de vaca ou de vitela ou de porco, pelo contrário só há conveniência em alternar o peixe, a carne, os mariscos, os ovos. Assim, o seu organismo receberá os diferentes alimentos de que necessita e que os diferentes alimentos fornecem. O organismo não necessita apenas de proteínas ou de açúcares ou gorduras; nem lhe convém receber alternadamente. Não, o organismo carece, diariamente, de todos eles, para que o trabalho seja perfeito e a saúde se mantenha.

Experimente organizar as ementas de toda a semana, procurando uma harmoniosa distribuição de todos os elementos necessários. Terá esse trabalho por uma vez só, e com o tempo nem já necessita de pensar. A harmonia será perfeitamente natural: saberá de cor quando deve comer peixe, carne e legumes e mariscos, etc. E que simplificação de vida!



3 receitas de urgência

SALADA SURPRESA

4 batatas, 2 maçãs cruas, 125 de beterrabas cozidas, 1 quilo de ameijoas, azeite, vinagre, sal, pimenta, salsa, 1-copo de vinho branco, uma cebola e 1 ovo cozido.

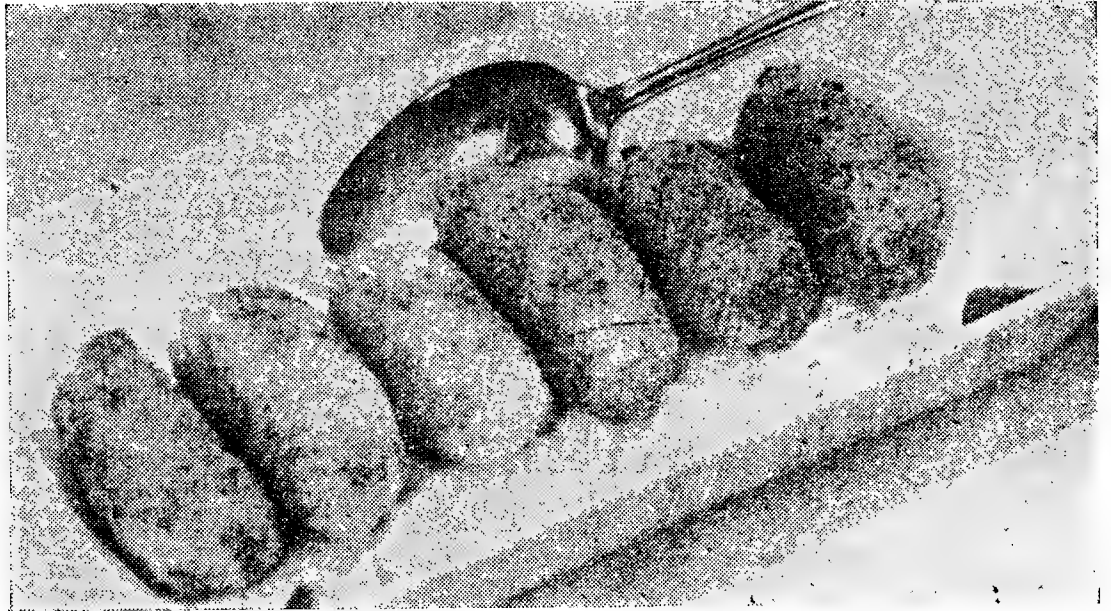
Cozer as batatas com a pele; pe-

do lume e deixar arrefecer. Misturar as ameijoas com molho maionese e colocar no centro da salada. Guarnecer com rodela de cebolas e ovo cozido.

CROQUETES DE BATATA

500 gr. de batatas, 2 ovos, uma colher das de sopa de

turar no puré bem seco, as gemas e a manteiga. Depois de bem misturado, fazer pequenos croquetes iguais, passar em farinha, nas claras bem batidas e no pão ralado. Fritar em azeite bem quente, escorrer e servir sobre um guardanapo, para que escurram bem. Servir quentes com uma salada verde ou a salada acima.



lar; pelar as maçãs; cozer as beterrabas. Cortar tudo em quadradi-nhos pequenos, o mais iguais possível; picar finamente a salsa. Misturar tudo, temperando com azeite, vinagre, sal e pimenta. Num prato redondo, fazer com eles uma coroa. Lavar em muitas águas as ameijoas e cozê-las no vinho branco, pimenta. Em estando bem abertas, retirar

manteiga, 4 colheres das de sopa de pão ralado, 4 colheres das de sopa de farinha, sal, pimenta, alho e cebola.

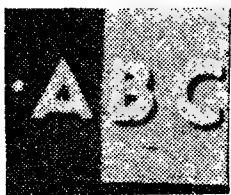
Cozer as batatas descascadas, com uma cebola e um dente de alho. Passar pelo passador (sem a água da cozedura). Não juntar leite. Mis-

PUDIM RÁPIDO DE CHOCOLATE

125 gr. de chocolate, 100 gr. de açúcar, 3 ovos, uma colher das de café de baunilha e 100 gr. de manteiga.

Partir o chocolate e derreter em banho-maria, misturar bem com o açúcar, a baunilha em pó, as gemas, as claras em castelo e a manteiga derretida (sem deixar ferver). Barrear uma forma de pudim e deitar o creme. Pôr no frigorífico durante 4 horas. Para desmoldar, meter a forma rapidamente em água fervente.

Quando ela pensa em malhas...



O Inverno e as vitaminas

Aproveite a época que se aproxima para se revigorar. As frutas ácidas, próprias do Inverno, são um bom auxiliar no equilíbrio de vitaminas. Sabe que as laranjas contêm 50 a 65 mg. de vitamina C, em cada cem gramas de sumo? E as tangerinas, 40 mg.; os limões, 45 mg.

E, ao contrário das más línguas, as frutas ácidas não são descalcificantes. Pelo contrário, o ácido cítrico facilita a fixação dos elementos minerais e especialmente o cálcio.

Mas, além da vitamina C, os frutos contêm vitamina A, B1 e B2 e K (tomate). E não esqueça que a vitamina C tem uma importância primordial para o nosso organismo. Em quantidade suficiente da resistência contra os micróbios, luta contra a fadiga, tem influência no funcionamento endócrino, na evolução dentária, na coagulação do sangue. É pois um dos factores primordiais para um bom equilíbrio orgânico.

Uma criança de 1 a 10 anos, necessita, diariamente, de 40 a 60 mg. de vitamina C; os jovens de 10 a 20 anos, necessitam de 60 a 100 mg.; os adultos, necessitam de 60 a 100 mg.

Damos indicações suficientes para manter este equilíbrio. Prepare os sumos de frutos ácidos e distribua diariamente a quantidade bastante para manter uma boa saúde.

Aproveite o Inverno — a época das frutas ácidas por preços acessíveis.



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

A mulher e a culinária

Não esqueça, cara leitora, que dar de comer pitus ao seu marido, sem perder muito tempo na cozinha e sem gastar demasiado—



é um segredo que procuramos desvendar aqui.

A cozinha deve ser saudável e simples, preparada rapidamente, procurando pequenos intervalos durante a semana, para ter «alguma coisa» à mão para os dias de mais trabalho ou... para as saídas com regresso tardio.

Mas também a cozinha não deve representar um sacrifício; nem de



maneira alguma ser um motivo de desleixo.

Por muito «espiritual» que seja o seu marido... ele não será insensível a um bom prato bem apresentado. Mas para isso não é necessário que a mulher faça salã na cozinha. Basta procurar as receitas que aqui lhe damos...

magazine



TRISTÃO



DULCINEIA



ARMANDO



CLEÓPATRA



ISOLDA



PAULO



NICOLETTE



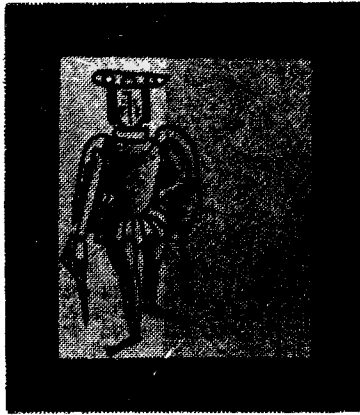
CESAR



DAMA DAS CAMELIAS



DOM QUICHOTE



AUCCASSINO



VIRGINIA

Todas estas personagens célebres viveram, na vida, uma odisséia amorosa que nunca mais esquecerá. Aqui, o apaixonado e a apaixonada estão separados. Será o leitor capaz de os unir?

dois prémios

CAFÉ HAG

1º - Qualidade

2º - 1 lata grátis em cada 5 latas de CAFÉ HAG SOLÚVEL



Junte 5 tampas e receberá, completamente grátis, 1 lata de CAFÉ HAG SOLÚVEL

a era das oficinas de construções e reparações humanas

CAPÍTULO I DO ROMANCE DO MESMO NOME, DA AUTORIA DE DIÓGENES LAÉRCIO

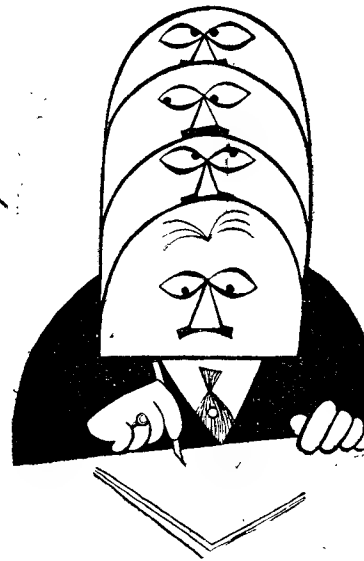
Os acontecimentos do nosso tempo sucedem-se em ritmo de tal forma veloz que eu e o meu cunha-



do Crispim somos obrigados a encontrar-nos todas as noites. Antigamente as coisas não sucediam desta forma e só aos domingos, depois do jantar ele vinha até ao quinto andar aonde moro, para filosofarmos sobre os sucessos de mais vulto ocorridos durante a semana.

É verdade que no tempo da guerra também não se passava um serão em que não fumássemos a nossa cachimbada da paz, ouvindo as emissoras de ondas curtas e materializando as notícias das batalhas com os dedos a deslizar num mapa que todas as noites vertíamos carinhosamente sobre a mesa da casa de jantar.

Hoje voltámos, como disse, a esta camaradagem de armas. Já não temos mapas, mas fazemos muita despede de revistas estrangeiras, às vezes em línguas que soletamos como uma gaguez cheia de boas intenções. Quando a campanha repenica, lá em baixo, na por-



ta da rua, eu levanto-me, esfrego as mãos, sorrio e vou esperar o meu cunhado. Ainda embalado no elevador, o Crispim grita-me coisas como esta:

— Então, já se viu o outro lado da Lua!

Eu desaperto, um «formidável», puxo o harmónio da porta do elevador e de posse do meu cunhado troco com ele uma palmadinha nas costas. Já o café nos espera e a bebericada, enquanto minha irmã e minha cunhada falam do preço das coisas, eu e o Crispim desfraldamos a nossa confiança no progresso e num futuro melhor para os nossos filhos.

Pois outro dia chegámos a esta conclusão: ensombrados pelos grande êxitos dos foguetões lunares, nós nem prestámos a devida atenção aos fantásticos progressos da cirurgia a que os jornais se têm

referido nestes últimos tempos. Enxertar cabeças, pernas e corações num ser vivo é feito que toca as raízes do incrível. Tão incrível — observei outro dia ao Crispim — que os romancistas da ficção científica ainda não se atreveram a «prever» mais esta conquista da ciência e terão de se resignar a ir a reboque dos acontecimentos — eles que pretendem andar sempre à testa das descobertas que se farão daqui a pelo menos cem anos.

O meu cunhado rompeu uma destas noites o silêncio que se instalara entre nós e disse lentamente:

— Vem aí a era das oficinas de construções e reparações humanas.

A previsão era ousada e eu não a atingi logo. Ele então desabotou-se em pormenores:

— Falo em Estações de Serviço para nós, seres humanos. Terão serviços de cirurgia anti-rádica.

— Anti-rádica? — admiro-me.

Crispim fechou os olhos, recostou-se na poltrona e, de cabeça deramada para trás, fez ficção científica:



vive intensamente estas previsões. E eu que tenho menos imaginação, peço-lhe que dê asas a esta minha ansia de viver no presente e no futuro. Quando ele chega, á noite, e nos acondicionamos nas poltronas, eu pergunto-lhe sempre á queima-roupa:

— Que viste, de novo?

E ele então conta-me as suas expedições ao futuro. Coisas pasmosas! Minha sogra benze-se. As esposas da família esvaziam uma exclamação. Pois se há-de chegar um tempo — e o Crispim já o viu — em que a cirurgia transformará em bípedes todos os quadrúpedes humanos! Vai ser um alívio. E apurar-se-ão as tendências de cada pessoa por meio de enxertos. Por exemplo, os oradores terão

— Estou a ver um chinês que entra na Estação de Serviço. Desapareceu. E agora? Lá está de volta. Olha, olha!... Mas tem cara de europeu... E o mesmo sucede a um negro, a um pele-vermelha...

— E que vê mais? — pergunto empolgado.

— Vejo um branco que se tornou chinês.

— Mas então acabou-se o racismo!



— O velho racismo acabou-se. — O velho? — queres dizer que há outro «agora»?

— Sim, mas um racismo científico. Com enxertos sucessivos «está» em caminho de se conseguir estabilizar a raça humana, pura. Ele diz «está»... Meu cunhado

uma cabeça de galo o que lhes permitirá cantar sempre de poiteiro. Numa noite do ano 2000 o Crispim assistiu a um espectáculo de «music-hall». Trouxe-nos ao serão uma novidade fantástica: as coristas tinham quatro pernas de calibre 33 (o padrão de beleza nes-

sa altura). Claro que as esposas da nossa família fizeram coro grego com a minha sogra: que o Crispim era um concupiscente, que o Crispim era um pontomineiro de alto lá com o charuto (expressão da mãe dele, ou seja a mãe de minha mulher). Julguei que os espectadores femininos das aventuras futuristas do meu cunhado deixariam de lhe dar crédito. Mas ele defendeu-se ferozmente, mostrou a sua inocência: no ano de 2000 era assim, e da mesma forma que as coristas tinham quatro pernas tam-

do revelou-nos que no ano 2000 há sujeitos que mandam enxertar uma barriga sobressalente. Fazia uma figura comovente, com seus dois ventres siameses e um apetite do mesmo estilo. Mas passamos uma existência trágica: querem sentar-se e não podem; querem parar de comer e não podem; não podem dominar o vendaval que puseram á solta.

O mesmo sucede — embora com outros órgãos — com os maiores arrecadadores de lucros dos diversos planetas. Mandaram enxertar



bém os administradores das grandes companhias possuíam quatro cabeças.

A harmonia que este exemplo revelava fê-las mais cordatas. Quiseram saber pormenores sobre os quatro cabeças. E como Crispim lhes explicasse que eram quatro belas caveiras gêmeas, as boas senhoras transferiram a sua curiosidade para outro aspecto da questão: que é que fazia cada cabeça.

Crispim sorriu-se. Não faziam nada, não tinham qualquer especialização, mas faziam com que um só esqueleto tivesse quatro votos, coisa muito importante nas assembleias gerais do ano 2000.

O nosso espanto, porém, subiu ao rubro quando o meu cunhado observou que a maioria da população não tinha cabeça.

— Jesus! Credo!

Isto disseram em coro as três senhoras. Eu não disse nada, mas contei pelos dedos se chegaria ao ano 2000. Calculei que não e senti forças para declarar que o Crispim mangava connosco. Mas meu cunhado caçoou de mim. Que eu era bronco. Que a «coisa» estava mesmo á vista. Então não é verdade que quem não tem cabeça não paga nada? Pois fora essa a solução radical que os contribuintes tinham encontrado para os seus problemas: cortaram a cabeça e guardaram-na em casa num guarda-joias forrado de algodão em rama. De regresso a casa atarrachavam-na e, na rodazinha familiar, davam-se ao luxo de ter miolos.

E o prazer de andar com a cabeça debaixo do braço!... Havia no ano 2000 sibiritas que não queriam outro vício.

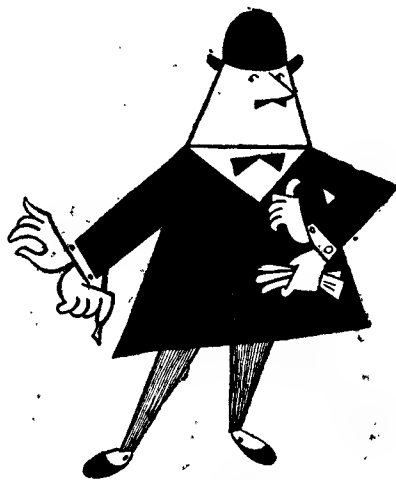
Aqueles sujeitos do género «sim-não-ó quem dera-mas...», esses não possuíam nuca; em seu lugar, outra cara; e quando uma sorria, a oposta apresentava um ar de sentidos pesames.

Meu cunhado Crispim ia-nos pon-do ao facto destas maravilhas da ficção científica enquanto o relógio, com burocrática indiferença, ia ali-viando de tempos a tempos as suas badaladas. Era um encanto. Uma noite falávamos do como se comeria naqueles tempos e meu cunha-

duas mãos, de forma a ter sempre as contas em dia; e, em seguida enviavam-nas todas á escola.

Nós julgámos que o Crispim fazia troça de nós. Minha sogra aplacou-lhe uma palmada na omoplata e chamou-o mangão. Mas o Crispim protestou. Garantiu que no ano 2000 todas as actividades humanas estarão nacionalizadas — e que por isso os homens de quatro mãos terão uma dedicada às minutas, duas á contagem, e a ultima aos apertos da dita.

As esposas da família, às vezes, põem-se aos segredinhos, descossem-rizadas cheias de sentido figurado. Quando lhes perguntamos o que é, elas riem-se ainda mais, e não querem esclarecer-nos. O pior é que o Crispim se encrespa: julga



que estão a duvidar das informações de ficção científica que ele generosamente nos fornece.

Então cala-se e pergunta se não seriam horas de tomar o chá. As esposas levantam-se logo e nós jogamos um bocadinho de gamão.

BULGARIA

SUPERFÍCIE — 110.842 quilómetros quadrados.

HABITANTES — 7.269.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Sofia capital (600.000 habitantes); Plaidit (150.000); Varna (77.970); Ruse (53.420); Bargas (43.684); Pleva (22.500); Sliven (31.000).

CLIMA — A Bulgária tem um clima continental bem marcado, com invernos muito frios e Verões muito quentes, chuvas pouco abundantes no Verão.

MONTANHAS — A cordilheira dos Balcãs atravessa o território bulgaro de O. a L., uma extensão de mais de 500 quilómetros. Os pontos mais altos do território são, na cadeia de Korn, 2.010 metros, 2.375 metros em Yumruksal, e 2.926 metros no pico de Musala.

RIOS — O Danúbio marca 392 quilómetros da fronteira com a Roménia; o Struma e o Mesta vão desaguar no Mar Egeu e o Maritza de 514 quilómetros vai desaguar no mesmo mar.

GOVERNO — A constituição em vigor é a de 4 de Dezembro de 1947, inspirada na constituição russa. A Assembleia Nacional conta 254 membros, sendo eleita por 4 anos. Escolhe o Presidium de 15 membros, sendo o presidente deste o Presidente da República. Há só um partido político — a Frente Patriótica.

O presidente do Presidium é Georgi Daulianov.

O presidente do Conselho é Autor Yugov.

EDUCAÇÃO — A educação primária é livre e obrigatória, havendo 8.631 escolas com 907.846 alunos. A instrução secundária é livre, havendo 167.000 alunos. Há 20,4 % de homens e 42,8 % de mulheres analfabetas. Há 5 universidades.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — A população vive em geral da agricultura, cerca de 80 %. As culturas principais são o trigo, o milho, a cevada, centeio, algodão e tabaco. A pecuária inclui 1.856.000 bovinos, 7.829.000 ovinos e 1.713.000 suínos. As indústrias são sobretudo de cortumes, peles, sapatos, bebidas, sabões e cimentos.

CAMINHOS DE FERRO — 4.296 quilómetros.

ESTRADAS — 36.400 quilómetros.

LÍNGUA — A língua oficial é o bulgaro, mas o turco é igualmente muito falado.

RELIGIÃO — 84,4 % da população pratica a religião ortodoxa grega, havendo 13,5 % de maometanos, 8 % de judeus, 8 % de católicos e outras religiões.

MOEDA — A unidade monetária é o leu.

EM PORTUGAL — O Conselho Económico aprovou o plano de financiamento do Plano de Fomento para 1960. No hó-quei em patins, Portugal ganhou o Campeonato Latino. No último jogo derrotou a Espanha por 6-1. Anuncia-se a morte do industrial corticeiro José da Silva Barreira. Encerrou os seus trabalhos o Simpósio internacional sobre nialamida. Foi atribuído a Joaquim Rodrigo o prémio Diogo de Macedo. O sábado foi muito trágico, com várias mortes nas estradas.

NO ESTRANGEIRO — Os temporais têm-se feito sentir muito na América. Há já 24 mortos nos Estados Unidos. Maria Callas e o industrial Meneghini separaram-se em boa harmonia. Em Londres realizou-se o cortejo do Lord Mayor, tendo nele figurado um grupo bebendo vinho do Porto. Na Grã-Bretanha os pedidos de socorros à navegação têm sido constantes por motivo do temporal.

EM PORTUGAL — Em Évora foi condecorado o governador de Badajoz. O prof. Reinaldo dos Santos proferiu em Aveiro uma conferência sobre «A concepção do barroco nas Artes Plásticas». No jardim-escola João de Deus foi lembrada a memória do dr. João de Deus Ramos. Regressou da Terra Nova o «Gil Eanes» que percorreu 15.000 milhas na assistência aos bacalhoeiros. O cardeal-patriarca presidiu ao encerramento da Semana das Vocações Sacerdotais. Na Vidigueira foi inaugurada a cooperativa dos olivicultores. Em Cinfães foi inaugurado o hospital sub-regional.

NO ESTRANGEIRO — Nas ilhas Hawai entrou em actividade o maior vulcão do Mundo. Fizeram-se sentir abalos de terra no Sul da Itália e ilhas gregas. Adenauer reconheceu, antes da conferência com a Rússia, acordo completo entre as potências ocidentais. No final do Congresso da União Nacional Republicana foi aprovado um voto de confiança à política do presidente de Gaulle. Em Roter-

dão houve um incêndio a bordo do porta-aviões brasileiro «Minas Gerais».

EM PORTUGAL — Em Lisboa, o ministro dos Estrangeiros recebeu a Grã-Cruz da Ordem El Sol do Peru. A Lisboa chegou o «Monte Brasil» com o fogo a bordo quase extinto. O general Costa Lopes foi nomeado comandante da Guarda-Fiscal. Rendeu 250 contos o pedimento para as vítimas do cancro. Em Queluz ardeu uma fábrica de enfiamento de desperdícios. Do Tejo largaram os navios hidrográficos americanos. Tomou posse a comissão nacional de Estatística Demográfico-Sanitária. Chegou a Lisboa, o prof. Galvão Teles, que se mostrou satisfeito com os trabalhos de Haia.

NO ESTRANGEIRO — O Papa João XXIII nomeou mais oito cardeais, elevando a 79 o Sacro Colégio. O Prémio Goncourt foi atribuído a Schwastz-Bast. No México caiu um avião morrendo 42 pessoas. Em Londres, o secretário do Comércio de Portugal conferenciou com sir Reginald Maudling. O secretário de Estado dos Estados Unidos, Christian Herter, disse ser urgente um acordo entre os dois blocos. No Rio de Janeiro o embaixador de Portugal entregou as credenciais à Faculdade de Medicina.

EM PORTUGAL — O sr. Presidente da República assistiu à cerimónia de abertura das aulas na Academia Militar. Em Alcochete vento ciclónico arrancou um portão de oito toneladas e matou um homem. Refugiu-se em Sinus um cargueiro britânico, com avaria nas máquinas. Cairam os primeiros nevões na Serra da Estrela e em Trás-os-Montes. Está em Lisboa o comandante da Escola Superior de Guerra, de Paris. O ministro da Marinha felicitou o comandante do «Monte Brasil».

NO ESTRANGEIRO — Em Estocolmo, o secretário do Comércio de Portugal declarou-se satisfeito e esperançado

no futuro da Associação Europeia de Livre Comércio. Morreu no Rio de Janeiro o compositor Heitor Villa-Lobos. Adenauer chegou a Londres e iniciou conferências para aplanar divergências. O cardeal Tandini foi nomeado arcebispo da Basílica de S. Pedro. Em Washington há acordo entre os países da N. A. T. O para a cooperação na conquista do espaço.

EM PORTUGAL — Anuncia-se a revisão das aposentações, reformas, reservas e invalidez. A informação é dada na Lei de Meios agora publicada. O cardeal-patriarca falando ao clero condenou certas atitudes ousadas dos meios eclesásticos. Foi inaugurada em Fafe a Escola Comercial e Industrial de Fafe. Chegou a Lisboa o escritor francês Avri Massis. O Presidente da República condecorou os antigos presidentes das camaras de Gouveia, Batalha, Peniche e Almeida. No Sector I foi homenageado o espadista José Julio.

NO ESTRANGEIRO — Diz o «Daily Sketch» que a princesa Alexandra de Kent casará com o príncipe Harald da Noruega. Em Salamanca o prof. Cordeiro Ramos foi feito doutor «honoris causa». Adenauer visitou Winston Churchill na sua estadia em Londres. O presidente do Paquistão disse que a ofensiva russo-chinesa no Indico visa a dominação mundial. Encontram-se em Estocolmo os representantes à reunião ministerial dos Sete.

EM PORTUGAL — Foi publicado o relatório da Lei de Meios. Em Lisboa e no resto do País fez-se sentir violento temporal. Um vereador propôs na Câmara Municipal de Lisboa o regresso ao traçado antigo da Avenida da Liberdade. A Federação das Indústrias Britânicas entregou cem contos para os serviços sociais do Exército. Na Academia Militar, o general francês Arnoux de Maisson Rouge realizou uma conferência em que disse que o caso da Argélia será solucionado como o general de Gaulle anunciou. Partiu para Madrid a missão portuguesa da VII conferência dos Estados-Maiores Peninsulares. No Vimeiro realizou-se o enterro de D. Elisa de Oliveira Salazar.

NO ESTRANGEIRO — Está reunida em Estocolmo a convenção dos sete para o comércio livre. Em Inglaterra anuncia-se que a efígie da Rainha será impressa em notas do Banco de Inglaterra. O Governo belga obteve um voto de confiança sobre a sua política de Ruanda-Urundi. Em Paris foi homenageado o embaixador António de Faria. Ao falar em Washington, Spaak disse que aumentava a ameaça comunista.

EM PORTUGAL — Em Ponte do Lima, o subsecretário de Estado da Educação inaugurou uma cantina escolar. No palácio Foz principiou a assembleia geral da União Europeia de Radiodifusão. Anuncia-se que vão ser construídos dois navios para as carreiras de África com capacidade superior a dois mil passageiros. Foram homenageados 77 funcionários das C. R. G. E. O embaixador da Suécia apresentou as credenciais ao sr. Presidente da República.

NO ESTRANGEIRO — Numa explosão em fábrica de pólvora do Japão, houve 27 mortos e 300 feridos. O primeiro-ministro da Costa do Marfim disse que «quem dominar a África, dominará o Mundo». A declaração foi feita nas Nações Unidas. Adenauer disse em Londres ser partidário do «statu quo» em Berlim.

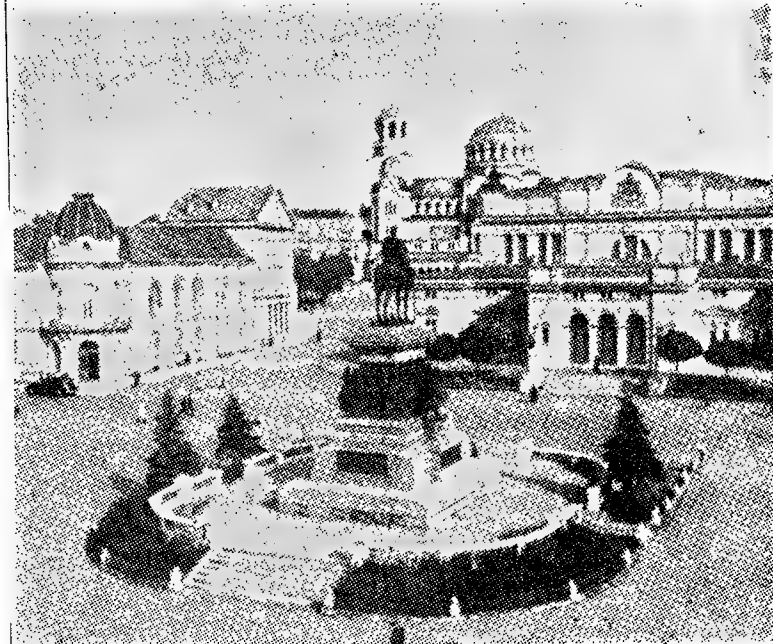
Manjerico

Diz-se em português *manjerico*, em francês *basilic*. O étimo é o mesmo: o vocábulo grego *basilikón*. Desta forma se chegou, por corruptela, a *manjerico*, com troca da bilabial inicial oral pela nasal e nasalização subsequente da vogal *a*, por acção da lei fonética da inércia. A palatalização do *s* explica-se por influência do *i* e a passagem da lateral intervocálica a vibrante não surpreende. *Manjerico* é, logicamente, um derivado regressivo de *manjerição*.

EVITAR

Na expressão corrente «quero evitar-lhe um desgosto», o verbo evitar é empregado analogicamente, não com absoluta propriedade, no sentido de *poupar-lhe* um desgosto. Na verdade *evitar*, que vem do latim *evitare* (*via*), significa etimologicamente «afastar do seu caminho», «esquivar».

TIRA-TEIMAS



Uma das praças principais de Sofia

AGORA EM RECAUCHUTAGEM



CROSS RIB

O MELHOR PNEU PARA GRANDES CARGAS MAIS QUILOMETROS COM MENOS ESCUDOS

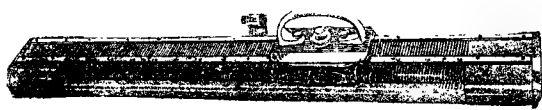
REVUL

RUA 1.ª DE MAIO, 73 A 77 — TELEFONE 638308 — LISBOA

Agentes Oficiais dos Pneus «GOOD-YEAR»

Aceita Agentes nos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal

MAQUINAS DE TRICOTAR AUTOMÁTICAS



Matador

LINHA 1960

10 NOVOS MODELOS DIFERENTES

TODOS OS PONTOS

PRESTAÇÃO DESDE 77\$40

Demonstrações:

Lisboa: «VAPEDRONE» — Rua da Vitória, 54-56 — Telefone: 25632

«MEIA DE VIDRO» — Rua Augusta, 158

Porto: Moreira & Leite, Lda. — Rua Firmeza, 403 — Telefone 30335

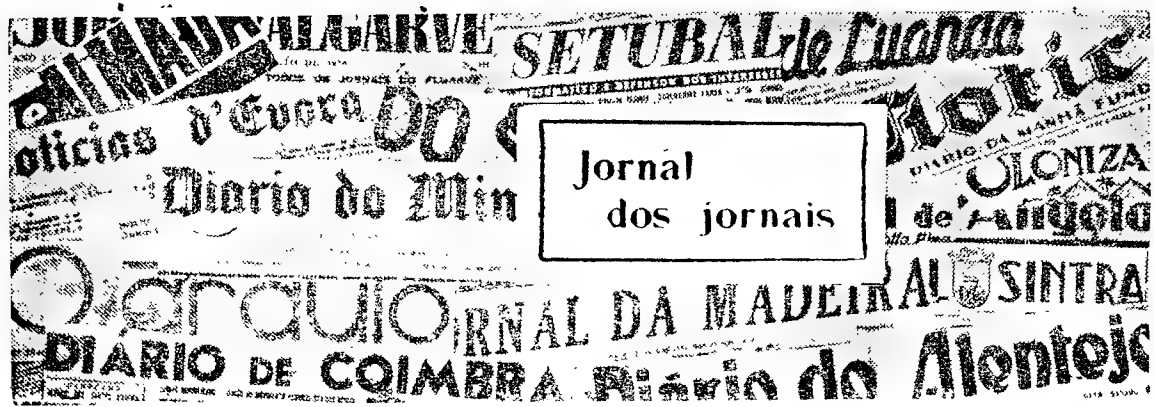
czar da Rússia

Yul Brynner que foi um dos Ka ramazof na película superficial de Richard Brooks, e coronel soviético num filme sombrio, vai surgir agora na tela como Paulo I, filho da grande Catarina e de Pedro III. O título da obra é «O rei louco». Yu. Brynner sobe na hierarquia social eslava...

JEAN-PAUL SARTRE:

— Rasputine ? Talvez...

Está a preparar-se em França a realização de um filme sobre a figura inquietante de Rasputine. O nome do realizador ainda não é conhecido. Porém, o produtor entrou já em contacto com Jean-Paul Sartre e convidou-o para escrever o argumento. Jean-Paul Sartre não deu tempo para reflectir.



Carreiras de camioneiros Monumento

entre a estação de comboios e o Bairro Económico de Queluz

Já ventilámos o assunto, chamando para ele a atenção de quem de direito: entre a estação do caminho de ferro e o bairro de Casas Económicas, de Queluz, é necessário estabelecer uma carreira de camionagem para o transporte colectivo de passageiros.

O problema reveste-se de todos os aspectos que justificam a imediata criação dessa carreira:

1. — É de interesse público dar a distância que separa os dois pontos de interesse e dado o facto de, um deles — o Bairro — constituir um aglomerado populacional de 300 famílias cujos chefes trabalham na capital e de que as crianças em idade escolar frequentam os estabelecimentos de ensino desta vila — afastados de suas residências — ou mesmo de Lisboa;

2. — Não constitui prejuízo — nem próximo, nem afastado — para o caminho de ferro porque não estabelece concorrência com ele, pelo contrário: tem por fim levar-lhe os passageiros à própria estação;

3. — Não é abrir precedente no concelho visto que, na sede, entre a vila e a estação do caminho de ferro, a Companhia Sintra Atlântico explora uma carreira de transportes colectivos urbanos.

A questão do estabelecimento da carreira é, portanto, da parte de quem de direito, uma questão de boa vontade e de interesse de defender o público.

Os habitantes do Bairro de Casas Económicas, de Queluz, que são os

principais interessados, podiam representar à Câmara Municipal de Sintra neste sentido, para que esta entidade, por sua vez, colaborasse na solução do problema, o que facilitaria as coisas em benefício de todos e, principalmente, no interesse de Queluz.

Não há dúvida de que a criação de uma carreira urbana de transportes colectivos, entre a estação do caminho de ferro e o Bairro de Casas Económicas desta vila, não é um luxo, é uma necessidade tanto mais que, se há pontos do Bairro que ficam a um quarto de hora da estação, outros há que distam vinte e cinco minutos ou mais, o que tanto de Inverno como de Verão é duro de calcular, sobretudo para as crianças que frequentam as escolas primárias ou secundárias, desta vila ou de Lisboa.

«A Voz Académica», que já em 30 de Setembro sugeriu a criação da carreira, volta hoje a falar no assunto e espera que os próprios interessados o movimentem também. Para o efeito, colaborará incondicionalmente com quem quiser meter ombros à empresa.

(«A Voz Académica», de Sintra).

a Norton de Matos

O «Boletim Informativo» da Câmara Municipal de Nova Lisboa, informa:

«Em sessão de 16 de Setembro, a Câmara apreciou o parecer emitido pelo júri nomeado por deliberação de dois do corrente mês, e no consta da acta numero trinta e quatro, da série deste ano. Neste documento, o júri, sobre o único trabalho admitido, cuja proposta ao concurso foi apresentada pelo escultor David de Sousa, emitiu o parecer de que não reúne condições suficientes para ser classificada na primeira selecção destinada aos quatro melhores classificados, conforme a previsão do artigo n.º 1 do correspondente programa de concurso e caderno de encargos. A Câmara concordou inteiramente com o parecer emitido pelo júri, mas atendendo a que o escultor David de Sousa terá feito despesas com a maquete que apresentou, a acompanhar a sua proposta ao concurso, deliberou, por unanimidade, não só homologar a decisão do júri, mas também compensar o concorrente com a quantia de cinco mil escudos, a título de subsídio a pagar pela conta especial dos donativos para a construção do monumento em causa, para atenuar os encargos que suportou.

(«Diário de Coimbra», de Coimbra).

A Pousada de Sagres

Em Sagres, iniciaram-se há já bastantes dias e prosseguem com toda a actividade, os trabalhos de

construção da magnífica Pousada de que a povoação vai ser dotada, importante melhoramento integrado nas Comemorações Henriquinas que vão ter lugar em 1960 e que se espera já esteja por essa altura completamente concluído.

A importante obra, levada a efeito pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, sob projecto do distinto arquitecto sr. Jorge Segurado, foi adjudicada à Empresa de Construções Lourenço Simões & Reis, de Lisboa. Abrange uma área de 37.500 metros quadrados dos quais 2.500 são ocupados com edifícios, e está orçada em 5.440 contos.

A nova Pousada, que fica constituindo mais uma importante unidade hoteleira de que o Algarve vai ser dotado, constituirá um centro de atracção para nacionais e estrangeiros, pois que, erguida na Ponta da Atalaia, domina um vasto e surpreendente panorama e é facilmente apreciada de uma concorrida linha de navegação que lhe passa relativamente perto.

Posto que a nova Pousada apaça, por vezes, designada com o nome de São Vicente, podemos informar que contra essa denominação protestou a Delegação Algarvia áquelas comemorações, alegando, e muito bem, que a Pousada é construída em Sagres e não em São Vicente, e não convir, com mais essa designação moderna, aumentar a confusão toponímica que, entre ambos os locais, é frequentemente feita por muitos escritores antigos.

Como é natural que este elementar desejo daquela delegação venha a ser satisfeito, natural é também que a nova Pousada fique sendo designada apenas por Pousada de Sagres, nome suficientemente eufónico e indiscutivelmente verdadeiro.

(«Correio do Sul», de Faro).

BEBE BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

CADERNO DE UM REPÓRTER

A difícil arte de talhar cozer e assar castanhas a fogo lento

por CONSIGLIERI SA PEREIRA

As tabernas de outrora, renascentes agora, nesta hora de tipismos, pois só agora se lhes dá o justo valor. A taberna antiga, com seu cheiro a sacristia medieval, rescendia também a pedaço de presunto devidamente curado e, em especial, preenchia em cada esquina ou prédio, a importância de foro popular, onde os adolescentes, um pouco menos envergonhados que os de hoje, envergavam a «toga pretesta» das suas primícias em que o engenho corria.

Enfim, a taberna antiga, de que os «cafés» de hoje não podem, nem de longe, dar a mínima ideia, quer no seu papel social quer no seu modo de imitar muito as barbearias de luxo, com a luz facetada dos espelhos e o fulgor dourado dos candilabros pendentes dos grossos braços o «café» repetimos, nem é centro de reunião nem centro de cavaco. Tinham ainda as tabernas antigas, as autênticas e não as que apenas servem para viciar o corpo e incutir-lhe hábitos de pouco lustrano abandono, a função de preparar o estomago para a ceia. Tudo o que excedesse o prato de azeitonas, a fritura da pastelinhos de bacalhau, outro primor da nossa cozinha tradicional que se perdeu na memória de todos, era completado pelo odor forte, castiço, das castanhas assadas ou cozidas, cuja polpa só saía cá para fora quando elas eram devidamente talhadas com facas próprias e temperadas com «erva-doce» e sua mão cheia de sal. Um mundo que já se vai, perdido na estranhas reminiscências desta Lisboa mundana, nada portuguesa e muito exigente, em que a tudo se chama a francesa «boite».

A conversa, as castanhas e o jogo

Tinha a sua gíria própria, os seus axiomas peculiares, a gente hoje irreconhecível dos «cafés» da Baixa. As castanhas jogavam-se, a golpes de dados e, nos dedos macios, não fulguravam gemas nem anéis de prego — quem se lembraria de tal coisa num ambiente apenas temperado pelo cheiro forte a sabonete de barbearia também local? Havia pessoas que, em toda a sua vida, apenas saíam do seu poço para ir à Baixa — e com dificuldade! — uma meia dúzia de vezes, quando muito. Outros apenas comandavam o negócio ou os afazeres dos negócios com o primor e o trabalho da arte em que, devotadamente, o autêntico artesão executava a tarefa encomendada. Nada a mais e nada a menos. Bairrismo extremo, típico, sem misturas, nem adjectivos. E todos desejavam, nos seus últimos momentos, rever, saudosos, os amigos de existências inteiras.

As velhotas e os «vicentes»

Nessa Lisboa, resmungona e típica, tudo estava polvilhado de velhotas: podia, mesmo, dizer-se que as animava uma estrutura vitalidade, já no amanho dos pastelinhos de bacalhau, já no corte e tempero das castanhas, ao aproximar-se o rigor das inverniais, de que se riam os latagões do meu tempo e melhes davam atenção os saudáveis rapazes, de sangue limpo e de nervos à prova de tudo. Outro elemento decorativo ornamentava a porta das tabernas, onde se preparava, no segredo público dos fogareiros a fogo brando, a cozedura ou a assadura das castanhas, elevadas a petisco regional — e, mal saíam as Trinidades, tudo era recolher às casas próprias, onde pouco depois todos dormiam, do rapaz ao avô, passando pelo chefe da família, já entrado em anos. Foi preciso o volitar de muitas calendas, o dia-a-dia dos ca-

lendários e dos diários, a quebra de todos os valores, para transmutar a face ao globo de costumes em que consistia este viver apagado, velado e feliz. Nem os corvos, nem as velhinhas desse tempo, se sentiam infelizes com os seus trabalhos diários; antes aceitavam, corajosas e arcavam com suas responsabilidades até ao ultimo momento de suas existências!

Cozer, assar e fritar

— arte para poucos!

Cada velhinha tinha o seu modo peculiar de fritar o pastelinho. Mas todos eram sumarentos de bom azeite, ninguém se atrevia a misturas iníquas, dado o carácter popular do prato do dia de todas as ementas e — nesse tempo! — tudo era rescender às honras do bacalhau, das batatas e da salsa picada e temperada com jeito e ternura de avós! Hoje, tudo mudado, as avós vestem peles caras, vão ao cine e falam em termos difíceis. Nesse tempo, em que Lisboa era capital e se honrava das suas pequenas diferenças de bairro para bairro, muitas vezes só perceptíveis aos seus indígenas — essa Natividade ia, de princípio ao fim do ano, sem que ninguém se atrevesse a meter o bedelho no viver dos outros vizinhos. Bastava conhecer os que viviam na rua ou travessa, para todos se sentirem muito honrados com a saudação concertada de antemão:

— Boa tarde, bom dia, salve-o Deus, vizinho!

Ninguém se intrometia na vida alheia, para evitar a coisa desagradável de, nesse viver restrito, alguém se lembrar de ir ver o que cada qual guardava nas entranhas. De amores, nem falar! Quem poderia duvidar da saúde e do equilíbrio desses bem plantados rapazes, cujos pés se enraizavam no solo e cujas mãos nunca dispensavam a cintura daquela que, a seu gosto, o coração elegesse? Também entre mulheres as dúvidas e as loucuras eram pouco menos que desconhecidas. Alguma que outra desaprovação, «ao pisar o risco», conforme a frase que resumia todos os conceitos de bairro sobre moral familiar e o porte individual de cada pessoa, logo se sentia posta de lado e julgada com a extrema severidade de autênticos juizes romanos em tribunais de César!

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

95 Rua Nova do Almada 95

LISBOA

REQUISIÇÃO DE BILHETES

DE ASSINATURA

NOS CAMINHOS DE FERRO

A C. P. comunica-nos que as requisições de bilhetes de assinatura devem ser apresentadas nas estações com antecedência de 8 dias úteis, conforme disposições da respectiva Tarifa, a fim do seu fornecimento não sofrer atraso e consequentes prejuízos para os Srs. Passageiros.

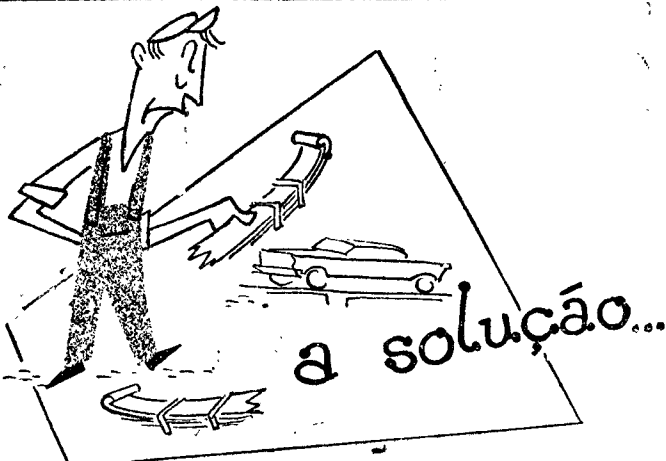
Dados e inconvenientes que impedem de futuro, as estações não podem fornecer os bilhetes de assinatura no acto da requisição, por dificultarem tal prática.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA

RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anórectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ª, 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.



está no emprego do aço sueco já tratado, pronto a usar

o aço que faz as boas molas

DANNEMORA
208



F. RAMADA

ACÇOS E INDÚSTRIAS, S. A. R. L.

OVAR — Tel. 70-140-213

LISBOA • PORTO • ÁGUEDA • LUANDA

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ERAM seis horas e a loja estava vazia. Ben Walker estava a arrumar as fichas de livros e fazia-o com uma lentidão divertida. Não se importava que os rapazes do liceu viessem desarrumar-lhe os livros. Sempre significava qualquer coisa aquele interesse furioso pela leitura, mesmo considerando que as prateleiras mais atingidas eram as dos livros de aventuras. Ben Walker tinha sessenta e dois anos e conhecia toda a gente daquela pequena cidade. Conhecia-os e sabia perdoar a sua pequena hipocrisia. Os rapazes que lhe invadiam a loja eram filhos de outros rapazes que tinham vindo anos antes, há uns trinta anos. Mas quando a porta de vidro se abriu com violência e aquele pálido jovem nervoso entrou, Ben Walker teve de franzir o sobrolho e ajustar os óculos. E foi obrigado a concluir que estava cansado e velho e já não conhecia toda a população da pequena cidade.

— Está só?... — perguntou o outro, lançando em volta um olhar medroso.

— E' claro que estou só. São seis horas e a cidade está a jantar. Porque não vai fazer o mesmo?

— Não janto às seis horas. Não sou desta cidade...

Ben Walker sorriu. Afinal não tinha que recear nada. O rapaz não era da cidade e ele podia continuar a pensar para consigo que conhecia toda a população.

— E' então forasteiro. E pensa demorar-se muito?

— Alguns minutos.

Ben Walker continuava a arrumar livros.

— Quer então comprar um romance? Qualquer coisa que o ajude a passar o tempo de uma longa viagem?

— Não. Venho assaltar-lhe a casa. Um revólver cintilou na mão tremula do rapaz. Ben Walker voltou-se lentamente, ajustou os óculos e olhou o outro. Soltou depois uma enorme gargalhada.

— Absurdo! Assaltar a livraria de Ben Walker. Isto não é uma loja. E' uma biblioteca publica. Eu não vendo livros. Dou-os ou empresto-os.

— Abra a caixa registadora! — ordenou o outro, sem convicção.

Ben Walker dirigiu-se para a caixa, um vasto aparelho pesado e pré-histórico. Abriu-a.

— Veja. Três dólares. Quer três dólares? Tome-os.

O rapaz tremia de cólera e de pânico.

— Não troce de mim. Estou armado. Tenho vinte e dois anos mas estou armado. Quero todo o dinheiro que tenha nesta casa.

— Optimo. Fique com esses três dólares. E também com o que tenho aqui. Ben procurou qualquer coisa no bolso enquanto o rapaz segurava com mais força a arma. Afir-

A LIVRARIA

Texto integral

por

WILLIAM JOHNSON

nal era uma enorme carteira. Ben abriu-a, tirou uma nota de cinco dólares e estendeu-a ao rapaz.

— Oito dólares ao todo! E' tudo quanto tenho, meu filho.

— Não me chame filho. Sou um homem. E estou armado.

— Porque escolheu a minha livraria?

— Porque quis. Não dou explicações.

— Escolheu-a porque é um rapazinho. Viu que eu sou velho e a loja está deserta.

— Não me obrigue a disparar!...

— Para disparar é necessário sangue frio para o fazer e o mais elementar conhecimento dessas armas. Está a empunhá-la de maneira errada. E' até natural que não tenha força suficiente para premir o gatilho. Esses gatilhos são difíceis.

O rapaz recuou aterrado e derubou uma estante.

— E' o seu primeiro assalto?

— E'... — confessou o outro.

E depois, com uma ponta de orgulho:

— Sempre fui honesto!...

— E porque não continua a sê-lo?

— Porque preciso de dinheiro para chegar a Nova York.

— Nova York é muito longe. Que pensa fazer quando lá chegar?

— Não sei. Montar um negócio. Prosperar. Viver.

— Mas se nem sequer tem dinheiro para a viagem?!

— Conseguirei montar um negócio!

— Desta maneira, claro.

— De qualquer maneira.

— E deixará de ser honesto. Não merecerá o respeito de ninguém e desprezará-se. Além do que será imediatamente preso. Que probabilidades julga ter?

— Muitas. Estou armado.

— E os outros, não estão?

O rapaz caiu sobre uma cadeira e deixou cair a cabeça entre as mãos.

— Tenho de chegar a Nova York! Tenho de chegar!

— Já leu alguma coisa sobre Nova York?

— Vi dois filmes. E' uma cidade formidável!

Ben Walker procurou livros nas estantes, fez uma pilha e pô-la em frente do rapaz.

— Tem aí O'Henry, Damon Runyon e Saroyan. Leia-os para conhecer Nova York.

— Não posso perder tempo!

— Quantos anos disse que tinha? Vinte e dois. Você não tem tempo, tem todo o tempo.

— Não posso voltar atrás. Terei de fugir desta cidade. O sr. vai denunciar-me. E eles virão atrás de mim.

— Pode recomçar. Não precisa de fugir. Não o denunciarei.

— Ficar aqui? Mas que posso fazer aqui?

— Arrumar os livros que derrubou. Arrumar os livros que os outros derrubarem. E ler nos intervalos.

— Mas Nova York...

— Nova York não foge. Terá tempo de ganhar honestamente o preço da passagem de comboio. E também o dinheiro suficiente para montar o seu pequeno negócio.

— Oito dólares...

— Leva tempo. A honestidade não é fácil. A facilidade está nesse revólver.

O rapaz olhou para a arma e ficou a rir.

— Está descarregado.

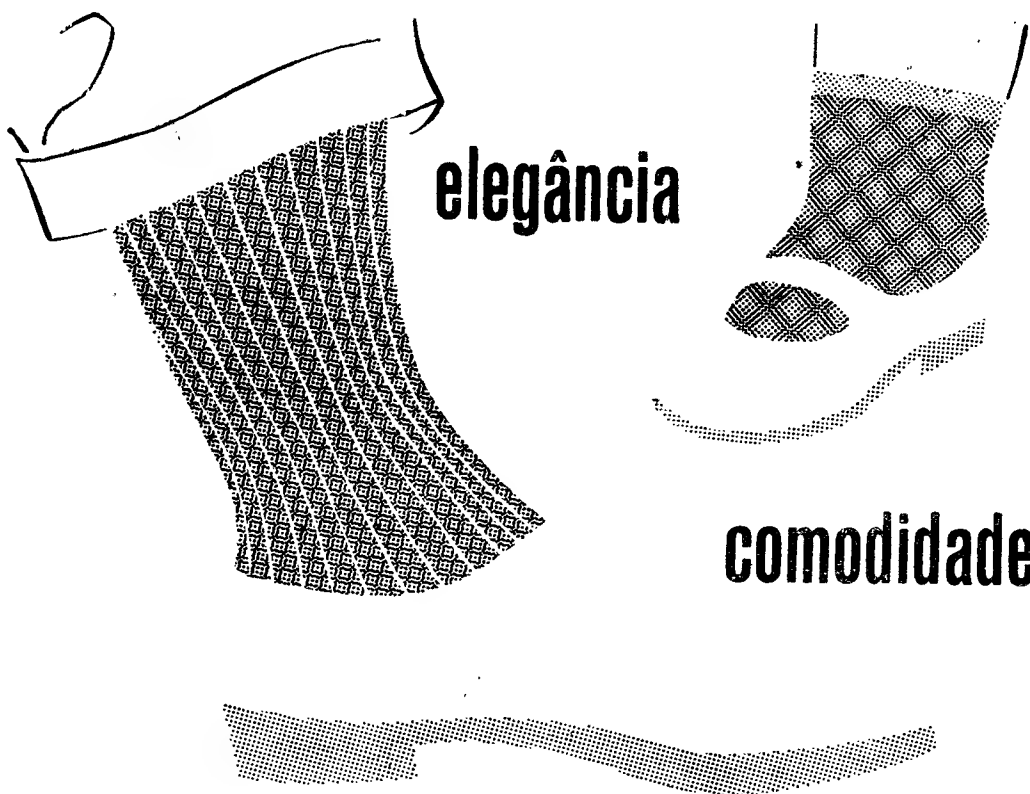
— Dê-mo.

O rapaz entregou a arma. Ben Walker riu com ele.

— Agora ajude-me a arrumar os livros, meu filho.

E o rapaz:

— Sim, sr. Muito obrigado...



Extraordinária elasticidade, resistência fantástica, imunes à traça — estas são algumas das qualidades reunidas nas peúgas e meias fabricadas com o fio-espuma "HELANCA". As propriedades porosas do fio "HELANCA" garantem uma regulação de temperatura ideal: frescura no verão, calor no inverno. As meias e peúgas em que figure a etiqueta "HELANCA" acompanhando a marca do fabricante, oferecem aderência e perfeição. Nunca descaem nem se amarrotam, e a pele respira livremente. As melhores marcas de fabrico usam "HELANCA". Por isso exija também e sempre a etiqueta "HELANCA".

® É a marca registada de Heberlein & C.º A.G. Watwill (Suíça) que concede a etiqueta designação de "HELANCA" somente àqueles artigos confeccionados com este fio-espuma e segundo as suas próprias prescrições e normas de qualidade rigorosamente controladas.

FIO Helanca®

HAVAS-L

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM

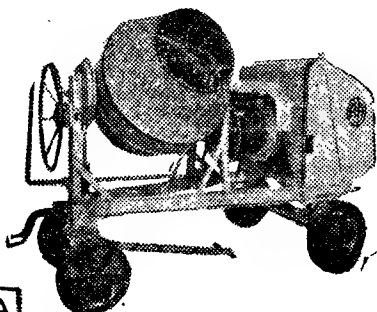
GUINCHO

DE 180 E 210 L

ACCIONADAS POR MOTOR

PETTER

DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

ALFREDO ALVES & C.º (FILHOS)

E FABRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 8 - LISBOA - TELEFONES: 31710/819

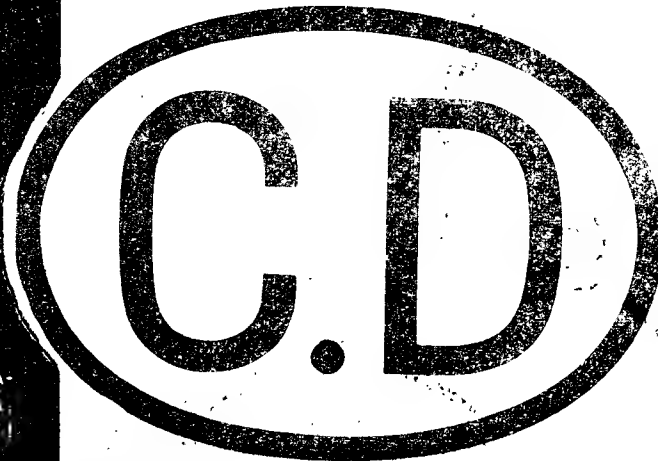
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEMÃO DO OURO, 38 - LISBOA - TELEF. 66 47 88

PEÚGAS E SOQUETES

PARA HOMEM E CRIANÇA FABRICADOS COM FIO

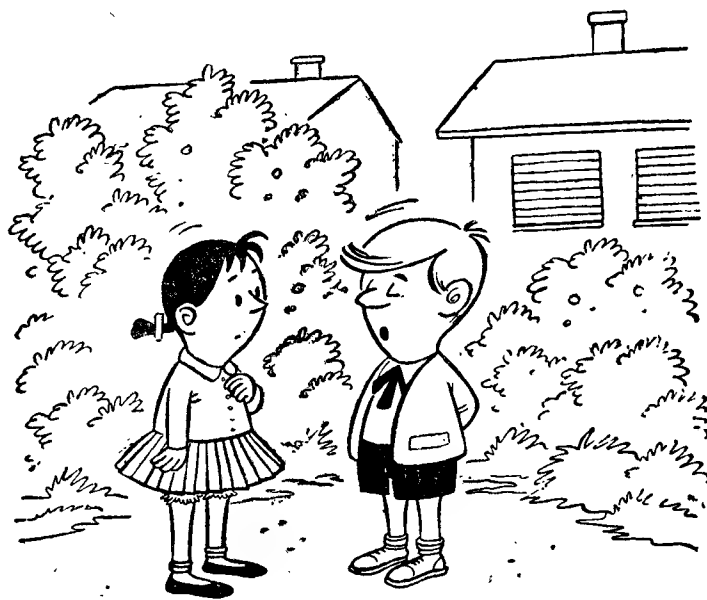
Helanca

VEJA TAMBÉM AS NOVIDADES EM PEÚGAS DE Lã DE ADMIRÁVEIS PADRÕES!



O RISO DA SEMANA

Precocidade



— E se nos casássemos, Luizinha. Já estou farto de ser um solteiro.

Cumpridor exemplar

A orquestra preparava um grande concerto, mas havia muitos músicos que faltavam aos ensaios.

No dia do ensaio geral o maestro dirigiu-se ao primeiro violinista:

— O senhor foi o único que cumpriu exemplarmente os seus deveres. Não faltou a um único ensaio. Felicito-o.

— Muito obrigado, maestro, foi o máximo que eu pude fazer, já que não posso vir tocar amanhã ao concerto...

Habilidade comercial

— Neste carro pode o senhor conduzir com a maior facilidade doze pessoas.

— Doze pessoas?

— Sim, por duas vezes...

Grande presidente

Logo que tomou posse da presidência da Câmara a primeira coisa que fez foi mandar construir um abrigo para o relógio de Sol, a fim de evitar que se atrasasse.

SEM PALAVRAS



Eufemismo

Aquele pai era muito delicado, de modo que quando chegou à maternidade e quis saber o sexo do recém-nascido, perguntou à enfermeira:

— Em crescendo usará baton ou gilete?

A solteirona, na escala zoológica, não tem classificação especial. É um ser humano, mas irritável. Ocupa um lugar entre a solteira e a casada, e se tem muitas afinidades com a divorciada por se encontrar na disponibilidade, é também uma espécie de sucedâneo da viúva, cujo futuro é quase completamente feito de passado.

A solteirona é ainda uma vaga aspiração, a viúva a saudade.

Pode até dizer-se com toda a propriedade que a solteirona é uma viúva «avant la lettre».

A sua maior semelhança é com o funcionário público na situação de licença ilimitada, que está sempre em condições de voltar ao serviço, que não tem ordenado, mas que está livre de aturar chefes e directores gerais. Acima destes, nada! Absolutamente nada!

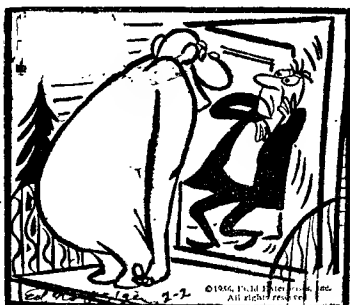
A solteira espera, a casada já não espera, mas desespera, e a solteirona, que anos e anos esperou em vão, não espera nem desespera: é apenas o vazio, o deserto, a ausência, o abandono eterno, onde já nada se espera.

O copo de água

As 4 da manhã ainda os convidados do casamento, completamente embriagados, continuavam a gritar, a dançar e a fazer estremecer todo o prédio. Já fartos de tanto barulho os vizinhos do lado puseram-se a bater na parede a ver se os faziam sossegar. Foi então que um deles reclamou muito indignado:

— Que diabo, isto não são horas de estar a pregar quadros na parede.

Desemprego



— Compreendo: você é um animal em busca de Jardim Zoológico.

Há duas espécies de solteironas: as solteironas propriamente ditas, e as solteironas por disposição da lei. As primeiras são no porque sim e as segundas porque não, porque a lei lhes não permite fazer aquela viagem que as levaria à Terra da Promissão, que será o casamento e que se ficam no apeadeiro do Isolamento sem nunca chegarem ao seu destino, que havia de ser o dia de grande gala da festa da boda.

Não chegam a atingir a mais bela missão da mulher na Terra — a Maternidade, mas também não são de todo inúteis porque algumas dão as mais excelentes e desveladas tias. Não são casadas, não são mães, mas exercem as suas funções. Também há senhoras casadas que não dão filhos à sociedade e ninguém as lança por esse motivo ao ostracismo.

É isso que na Pérsia faz a desgraça das imperatrizes, entre os outros mortais é apenas uma carência.

Não dão de mamar, mas dão como ninguém o biberon. E com que disvelos o fazem! Como elas são quase sempre melhores do que as mães e — porque não dizê-lo? — melhores até muitas vezes do que as próprias mães!

Reabilitemos, pois, as solteironas, que, no seio das famílias, embora irritáveis, embora nervosas, embirrentes e cheias de picuinhas, são sempre uma utilidade e fazem o que podem.

ALFREDO FRANÇA

Aquele homem era a delicadeza em pessoa. A mãe gabava-se sempre da boa educação que lhe dera e explicava:

— Imaginem como ele é rigoroso no cumprimento das boas normas! Não é capaz de abrir a porta do guarda-fato sem bater...

Formidável burra

Naquela terra as raparigas andavam sempre à caça de velhos, muito velhos para casar.

Duas delas encontram-se e falam de uma terceira.

— Sabes que a Sofia já se casou? E que sorte! Parece que o marido é milionário e tem 80 anos.

— Isso dizia ele, mas tem só 65.

ALPINISMO



— Socorroooo!!!

«Seis gramas de Paraíso» Um caso sério

Santos Fernando, que já nos tinha dado um livro, dá-nos agora outro — «Seis gramas de Paraíso».

Não se pode dizer que seja uns mãos rotas porque, tendo a faca e o queijo na mão, podia ter sido um pouco mais largo e chegar, pelo menos, aos 250 gramas.

Verdade seja que, naqueles seis gramas, ele mete uma tonelada de graça e bom humor.

— Então, conseguiram fazer o homem falar? — perguntava o comissário de polícia.

— Custou muito. Tivemos de empregar os processos mais violentos. Agora, porém, há duas horas que está falando e não há maneira de o fazer calar.

A VERDADEIRA CAUSA

Levaram o atropelado para o hospital e, quando ele voltou a si, a enfermeira foi identificá-lo:

— O seu nome?

— Fulano de tal.

— Casado?

— Não; não foi isso. Acidente de moto...

Fora do seu lugar

É uma rapariga encantadora, mas tem umas dificuldades na sua vida e procura um velho amigo a quem pede um auxílio. Ele é muito gentil e sem hesitar vai passar-lhe um cheque. Ela olha por cima do ombro dele, e, com a maior gentileza também, elogia-lhe a letra:

— Que bela caligrafia! Os seus zeros então são admiráveis! Que lindos! Ora faça lá mais um!

E ele fá-lo, ao lado, numa ponta do mata-borrão.

Conselho útil

Quando se vai jantar a casa de um amigo nunca se deve pôr o talher no prato de modo que não se veja logo que lá estão a faca e o garfo, isto para sossego da dona da casa.

(Com licença dos modernistas)

Já me sinto quase cego
De tanto te andar a olhar;
Quem me dera mais mil olhos
Porque eu gosto de cegar.

Alfredo França

VIZINHOS



— Tenha paciência, mas os seus ressonos não me deixam ensaiar o contra-baixo.

J U V E N I L

PREGÕES

Estamos no Outono.
A manhã está fresca.
Saio a caminho do meu liceu.
Como apetece andar na rua!
Ouço aqui e além
«Século», «Notícias!»
Mais além vêm duas peixeiras
Com suas canastras
Para irem buscar peixe.
Quantos pregões, cedo,
Nas manhãs quentes de Verão,
E nas frias de Inverno
Se ouvem por esta Lisboa fora!
Quantas vidas desgraçadas,
Quantas crianças quase abandonadas
Com o seu maço de jornais debaixo do braço!

por FERNANDA ELISABETH (15 anos)

GIGANTES DE PORTUGAL

Homem de génio, o autor das «Odes Modernas», dos «Sonetos», da «Causa da Decadência dos Povos Peninsulares», não chegou a produzir a obra verdadeiramente excepcional que seria de esperar dele. Ficou, no entanto, como um dos homens mais extraordinários do nosso século XIX. Aliava a genialidade um íntegro carácter que o velho Herculano elogiou como um dos nobres do seu tempo.

A sua obra poética — os «Sonetos», sobretudo — representa um caso novo na História da Literatura Portuguesa — o caso novo que saía do lirismo habitual da nossa poesia. Dos seus «Sonetos» se disse que eram a expressão das dores do pensamento.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 27 de Novembro, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, número de ficheiro (caso o tenham) e menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande poeta e filósofo que hoje homenageamos.



A PESCA DO BACALHAU

Por JOSÉ CARLOS MORAIS — 16 anos

Todos os anos, por alturas do quarto mês, se fazem ao mar as frotas bacalhoiras de vários países. Cerca de três ou quatro dezenas de lugares portugueses deixam as nossas águas para galgar o Atlântico até aos bancos da Terra Nova. É uma viagem difícil, prolongada. Seis ou sete meses no mar, arriscando a vida, deparando com tempestades, icebergs, falta de isco e outros problemas ainda, para conseguir trazer aos homens um alimento precioso.

Partem os navios carregados de sal, levando em si quase dois milhares de pescadores. A primeira parte da viagem é feita a navegar, sempre a navegar, rumo aos bancos. Uma vez lá chegados, é distribuído a cada pescador um pequeno bote individual, pintado de encarnado e conhecido por dóri. O primeiro trabalho dos pescadores consiste em arranjar estes dóris, levantando um pequeno mastro, montando os bancos e os aparelhos, abrindo espaço para guardar o peixe. A partir de aí uma tarefa sempre igual e exaustiva lhes ocupa o tempo todos os dias. Só quando há tempestade, ou não existe isco suficiente, ela é interrompida. Mas não se julgue por isto que os pescadores se atemorizam com pequenas tempestades. Tantas vezes os homens deixam o seu navio, enquanto chove, faz frio e as vagas quase correm o convés. E isto sem contar com encontros imprevistos com algumas baleias, que os vêm cumprimentar amavelmente, partindo-lhes o dóri, arrebatando-lhes o peixe, o isco e os aparelhos, não contentes ainda com os terem obrigado a um banho gelado e a permanecer na água até que encontrem o navio ou os venham buscar.

Pelas quatro horas da manhã começa a faina. Primeiro prepara-se o isco, que tem de ser muito poucado. E só depois os dóris são lançados à água. Rápidamente os pescadores afastam-se do navio. Em breve os que ficaram já os não vêem. Durante cerca de dez horas os homens lá ficam no mar, balouçando num dóri, à espera que o peixe se tente pelo isco.

Pelas cinco da tarde, começa a chamada. É içada uma bandeira enorme, feita de uma saca, e isso equivale a uma ordem de regresso ao navio. Duas

A PROPÓSITO DO FILME «LA GRANDE PÊCHE» DE HENRI FABIAN

horas depois, no máximo, todos estão de volta. Há dias em que nenhum dóri deixa de vir cheio até à borda, quase a afundar-se. Noutras vezes, porém, só as primeiras linhas conseguem trazer mais alguma coisa que dois ou três bacalhaus.

Este método que só hoje começa a ser substituído na frota bacalhoira do nosso País, já foi, no entanto, ultrapassado há muito pelas frotas estrangeiras. Os navios mais modernos possuem redes gigantes em forma de sa-

cos que deitam ao mar, seguras por cabos fortíssimos. Então o arrastão desliza velozmente, e enquanto o peixe é recolhido, a água escapa-se pelas malhas. Essas redes são recolhidas, momentos depois, e despejam no convés montes enormes de bacalhau, para voltarem novamente a ser lançadas. Este trabalho faz-se várias vezes por dia, em bom ritmo, conseguindo resultados muito superiores e sem os inúmeros inconvenientes da pesca individual.

Não acaba aqui a tarefa do pescador. Uma outra se segue, talvez ainda mais difícil pela habilidade que requer. Tentemos descrevê-la. Um dos pescadores, o «troteiro», abre o peixe com duas ou três facadas, mas sem lhe cortar a cabeça. O bacalhau é atirado para outro

(Continua na página central)

QUEDA DUM RECORDE

POR ANTÓNIO REBOLO BENTO — 18 anos — Amigo n.º 1331

Na ânsia desesperada de ultrapassar o «record» mundial da hora, o ciclista lança-se vigorosamente numa luta desenfreada e vertiginosa contra o tempo, atacando as curvas da pista a uma velocidade louca, redobrando de cadência à entrada das rectas.

Debaixo de si a bicicleta parece chiar, atingindo uma velocidade tal, que é íntimo o contacto entre as rodas e o terreno dir-se-ia que corria, antes voava.

Das bancadas do estádio, em uníssono e perfeito sincronismo, ecoa um brado incitante e encorajador, que vai subindo gradualmente, elevando-se a excitação e a expectativa até atingirem em breve o máximo da potencialidade humana. «Vamos! Animo, rapaz! Pedala com mais força! Pedala mais! Mais!...».

A temperatura aumenta, as respirações comprimem-se e todos os sentidos se fixam naquele ser que, já fora de si, caminha cada vez mais veloz, alheio aos princípios mais elementares da resistência humana.

De cabelos desgrenhados, olhos tumefactos e congestionados, profundos sulcos de esforço cavados nas faces duras e robustas, gotas de suor contínuas escorrem-lhe pela testa e vão-se misturar com a saliva que de quando em vez lhe sai pela boca numa tentativa de humedecimento dos lábios ressequidos e sequiosos.

De há muito já que o suor se dispersou por todo o corpo, caindo em gotas pesadas e quentes no terreno alcatrçado da pista, depois de ter banhado abundantemente todos os recantos mais escondidos dos músculos tensos e duros como pedras. As mãos febris e humedecidas encorregam-lhe do guiador e os pés nervosos mal assentam a extremidade nos pedais, suportando um esforço duplicado, pois o selim jamais foi utilizado.

45 minutos de prova: As aclamações redobram. Lá em baixo um vulto sustenta uma luta titânica, que mantém tudo na mais excitante «suspense».

(Continua na última página)



HOJE: 2.ª SESSÃO DE CINEMA

Diário de Lisboa

A falta é inadvertida mas o reparo é justo

O Amigo n.º 266, José Luís de Abreu Cotrim acaba de tomar uma atitude que nos deu profunda satisfação: criticou abertamente, correctamente, lealmente, sem esconder todos os reparos que se lhe afigurou justo fazer-nos. Assim mesmo é que é necessário, Amigo! A nossa estima por ti aumentou.

Referia-se o José Luís Cotrim ao facto de termos anunciado que publicáramos o seu trabalho de crítica ao artigo do José Carlos Jonça de Moraes — Produção + Comunicação = Progresso — e afinal comunicámos no n.º 1 do «Juvenil» que estava encerrada a publicação da série de artigos sobre o assunto. O nosso Amigo tem razão no seu reparo, mas não deve interpretar a falta como menos consideração. Se fosse este o caso, não teríamos afirmado que publicaríamos o seu artigo. Também supôs o José Luís Cotrim que decidiríamos não publicar o seu artigo ou porque a questão já se arrastava há muito e era oportuno encerrá-la ou porque a sua crítica era demasiado demolidora. A ambas as hipóteses teríamos de dar a mesma resposta. Na verdade, amigo, quando decidimos uma coisa, não o fazemos de animo leve; se, portanto, anunciamos que aparecerá

no «Juvenil», o seu artigo, deves admitir, sem qualquer reserva, que qualquer ocorrência muito excepcional e também não voluntária impediu que cumprissemos o prometido. Pois bem, amigo, essa coisa excepcional e não voluntária foi — primeiro — o extravio, por outro «dossier» de colaboração dos leitores, do teu artigo e de outro, sobre o mesmo assunto, da Amiga n.º 1008 — Maria Helena Santos; em segundo lugar, não estando arquivado no sítio devido, e tendo a atenção dispersa pelas três centenas de cartas do «Juvenil», que lemos todas as semanas, varreu-se-nos totalmente da ideia que ainda havia mais dois artigos para publicar. O teu reparo obrigou-nos a passar uma revista, de alto abaixo, pelos vários «dossiers» de colaboração juvenil (Poesia, Conto, Narrativas, Artigos, Cinema, O que pensam os jovens, A conversa da semana, etc.) e fomos deparar com os dois artigos na pasta das «Narrativas».

Desculpa, Amigo! Hoje, como se desprende, publicamos o teu artigo, com o respectivo comentário de um dos directores do «Juvenil».

2

Imprensa «Juvenil»

Aos nossos amigos António Rebolo Bento e António Nunes de Almeida ficámos a dever a amabilidade de nos remeterem, o primeiro, a «Tentativa», jornal do Centro Escolar do Liceu de Beja, de que foi director, e o segundo, o «Querer», órgão do Centro Escolar do Liceu Gil Vicente. Muito gratos pela vossa gentileza, amigos. Na próxima semana faremos as críticas que nos pedem aos «vossos» jornais. E uma pergunta: poderemos contar que continuem a enviar-nos, para o futuro, todos os números?

QUAL É A COISA QUAL É ELA?

Mais uma adivinha para os nossos Amigos responderem:

O que é que anda, anda, anda e nunca chega a casa do dono?

Não sei se é difícil, se é fácil. Os Amigos é que vão dizer. É mais uma adivinha do engraçado livro «Qual é coisa qual é ela», da autoria de Fernando Pires de Lima, que a Portugália editou. Um belo livro para os longos serões de Inverno. Vamos, pois, Amiguinhos, pensem e respondam até o dia 27, para a nossa redacção: Rua Luz Soriano, 44-48. Não deixem de habilitar-se aos belos prémios de «Juvenil», concorrendo a este engraçado concurso.

Amigos, vamos jogar!

1774 — Vitor Manuel Morgado Ribeiro (Lisboa); 1775 — Francisco da Silva Carvalho (Lisboa); 1776 — Raquel Arminda de Faria (Carcavelos); 1777 — Ana Maria Azevedo (Lisboa); 1778 — Maria da Graça Martins (Lisboa); 1779 — José Luís de Araujo (Lisboa).

A PRIMAVERA

A Primavera é a estação das alegres flores. Os campos, enchem-se de relvas e ervas daninhas, As árvores cobrem-se de mil cores, E as fontes de águas límpidas e fresquinhas.

As flores brotam da terra mãe, Como quem quer abrir os olhos à luz do Sol, E as crianças brincam também À bela sombra dum girassol.

As andorinhas alegres e joviais A voar chilreando Constroem seus ninhos, procurando, Um lugar seguro perto dos beirais.

Assim é a Primavera Alegre, viçosa e terna Como a rosa na roseira Duma pureza eterna.

MARIA DE LOURDES RIBEIRO MARTINS
13 anos — Amigo n.º 1763

que p
feito d
carote,
leiros
assalta
o barã
pronto
des ju
te com
que es
de que
terroga

e eles
capaz
— Na
os circ
O Ge
carote,
agarr
mo faz
depois
gou-se
— Co
apertai
vida é
veis a
Crep
la. Voz
sim ter
porém,
carote
inquiet
valeiro
no sen
muito
se pas
friamer
taria e
sino? M
era cu
quer q
no mei
branca,
formidã
preocuj
regação
mecava
Perth i
e renov
culpa:
— Se
buscar
apresen
lho ma
teria o
anos se
A vo:
dizer q
guem il
lência
— Cu
Lança
xou cai
— se par
no amo
guiu a
estranh
voltou-s
— Cá
puder a
castelo
seio. Po
mais ve
— Ma
res? —
Lança
interloc
a minin
— E?
rei não
rei Art
rasse o
dois ac
Uma
agraciã
th. Resp
— Enl
rei. Cor
a meni
bada e
que é
campon
contin
— Poi
— Poi
Qual é
qualque
— Ma
— lhas as
— Toi
lões de
te. Mai
tar-se-ã
povo ar
— Sei
— Indo.
v. — Em
uma ve
caçada?
Era l
o senho
guinte p
contra
drique
pre vig

PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Meu amigo:

Se aprecias, ou, ao menos, desculpas, a franqueza, permitir-me-ás dizer que o teu artigo não me agradou demasiado. A franqueza e a sinceridade também fazem parte desse tal Progresso de que falas e são, tanto, ou mais, necessárias do que a técnica; sem elas construiríamos uma falsa Civilização, que, com o peso dos anos e o Progresso, ruiria precisamente no sítio em que elas tivessem faltado.

O teu artigo não me agradou, primeiramente, porque cheirava muito ainda a essa bafienta filosofia dos livros, que tu talvez agora manejes. A tua pouca idade também, meu amigo, não te deu ainda tempo de arejar com essa outra filosofia da vida, que a idade, o dia a dia nos impõem, quer se queira quer não.

Mas, além desta observação geral, há certos pormenores em que discordo do teu modo de ver.

Tu afirmas, por exemplo, não existir o «self-made man». Mas talvez não seja bem como dizes, porque (e isto acontece-nos a todos, muitas vezes) o sentido em que tu interpretas essa expressão não é o único em que tal se pode fazer.

E até sou levado a crer que a interpretação mais corrente é esta: o «self-made man» é aquele homem a quem, de muito novo, a vida, ou mais concretamente, os outros homens capricharam em se opor. Ele resistiu e, por si só, sem a ajuda directa desses que de mais perto com ele conviviam, trabalhou-se, educou-se, fez-se e impôs-se. Tu podes-me objectar que este homem para vencer teve de se servir de meios que gerações anteriores lhe proporcionaram. Está certo; mas o que faz o «self-made man», o que o destaca de tantos outros, que estavam nas mesmas condições do que ele, é a inteligência e a sua utilização. E nisso o atavismo conta pouco.

Mais adiante, José Carlos, tu defendes uma tese talvez pouco exacta logo nas suas premissas.

Então, para ti, a liberdade opõe-se a necessidade-carência?

E achas que essa necessidade é vencível e que pode transformar-se em liberdade através da técnica? Tu confundes os sentidos da palavra necessidade, passas de um sentido a outro e aí está o sofisma que vicia a tua argumentação, José Carlos.

Necessidade no sentido para que se opõe a liberdade, quer dizer a qualidade de ser necessário, o carácter de obrigatoriedade, de se impor, de não admitir escolha, de não permitir querer ou não querer.

Necessidade no sentido para que tu te levavas, meu amigo, no sentido de ter carência de, ou na mistura que tu queres fazer de um e

outro sentido, não tem nenhuma relação essencial com liberdade.

A justificação e defesa da tese parece-me, antes poder ser, em resumo esta: A técnica é admissível porque é um produto da inteligência humana na medida em que ela, com inteira liberdade, procura simplificar os seus processos de trabalho para suprir as suas necessidades, mais compensadoramente.

Adiante tu falas da comunicação de conhecimentos e conquistas de geração para geração e das grande importância ao problema de essa comunicação se interromper. Pões depois as conclusões dando-se essas hipóteses de interrupção.

Mais uma vez aqui não estou muito de acordo contigo.

Vou dizer-te, resumidamente, algo do que penso a esse respeito.

Primeiramente, esse perigo não me parece por demais eminente e isto porque, na sucessão das gerações, uma não surge quando outra se extingue; antes, quando uma aparece, outra está no máximo de rendimento e outra está a desaparecer. Há sempre, pois, uma que liga outras duas e que se estende por elas comunicando com ambas: de uma recebe, a outra concede.

Tu há-de-me permitir duvidar que, mesmo no caso de essa comunicação se não dar, ainda estivéssemos na idade da pedra lascada. E penso que não porque então a raça humana já teria desaparecido. Eu explico-te. Cada espécie viva, animal ou vegetal, tem, dentro das possibilidades de que dispõe, de fazer uma evolução, de se adaptar ao meio. Ora o homem, além dos recursos da sua natureza animal, dis-

põe ainda de inteligência. Se ele a não acompanha e esta desaparece, acontece às espécies que não se adaptam: desapareceria. Progredindo, as outras atropelam a que as não acompanha e esta desaparece.

Além disso, por exemplo e comparações, que fazes, parece-me, meu amigo, confundires espécie e indivíduo, esquecendo que cada um tem um ciclo evolutivo próprio e diferente, embora, como muito bem notas, se intercomunique.

E, agora, permite-me só mais uma observação e esta sobre a educação.

Não concordo nas diferenças de educação (e aliás, pela própria etimologia da palavra se pode ver) cação a que tu chamas casual eu chamaria formação. E isto porque educação (e aliás, pela própria etimologia da palavra se pode ver) necessita sempre de alguém que conduza, mas que conduza consciente e intencionalmente. Não tomo a palavra intencional no sentido do que tu lhe pareces dar limitando-a a queles a que geralmente chamamos educadores. Considero intencional a educação realizada por alguém que faz, ou manda fazer, uma determinada acção porque é educativa e não porque, em si, seja educação. Para mim a educação é um meio e nunca um fim como tantas vezes se procura fazer e que origina a rigidez que ela toma e os poucos resultados que muitas educações têm.

A educação consiste essencialmente numa adaptação racional ao meio social em que se vive e não a um meio social ideal.

(Continua no próximo numero)

Soluções dos concursos do numero anterior: Gigantes de Portugal: BOCAGE.

Qual é a coisa, qual é ela? — A letra Z.

VENCEDORES

1. — Amigo 1778 — Maria da Graça Martins (Lisboa).
2. — Amigo 1062 — Maria Magrinda Leote Cavaco (Lisboa).
3. — Amigo 963 — Alice Vassalo Pereira (Lisboa).
4. — Amigo 1779 — José Luis Ribeiro Araujo (Lisboa).
5. — Amigo 1444 — Manuel Marcelino Pena Costa (Lisboa).
6. — Amigo 246 — Maria Fernanda Brito e Silva (Amadora).
7. — Amigo 962 — Luis Guilherme Ribeiro de Carvalho (Monchique).

ATENÇÃO!! Os prémios devem ser levantados na Av.ª de Roma, n.º 78, 2.ª, esq., todos os dias uteis, das 9 às 13 — das 15 às 18.30, cinco dias após a publicação. Os prémios destinados á provincia seguem pelo correio, como habitualmente.

Chamamos a atenção dos nossos Amigos para a necessidade de levantarem os seus prémios no prazo de um mês (30 dias), findo o qual perderão direito aos prémios que, reverterão para novos concursos. Atenção, pois, aos prazos para levantamento dos prémios.

Os prémios, constituídos por obras das Editoras

deverão ser levantados na morada abaixo indicada.

MAIS NOTÍCIAS!

Depois dos famosos

TRÊS

MOSQUETEIROS

de ALEXANDRE DUMAS (Pai) a PORTUGÁLIA EDITORA acaba de publicar na sua

BIBLIOTECA DOS RAPAZES

mais um romance célebre

OS MERCADORES DE PELES

de BALLANTYNE

Não esquecer, na mesma colecção,

O CAPITÃO FRACASSE

de TEÓFILO GAUTHIER

Obra de um grande escritor francês do século passado

GRANDES LIVROS DE HISTÓRIA

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenham a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a

GRÉCIA NO TEMPO DE HOMERO

EGIPTO NO TEMPO DOS FARAÓS

CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL

FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARC

e aos Aztecas e aos Incas.

SAO EDIÇÕES:

LIVROS DO BRASIL

A

CALMADO o borborinho que encrespou toda a sala, o desconhecido viu-se muito pálido para Lançarote e ergueu a mão com a palma bem aberta voltada para a frente:

— Ah! senhor que pratiquei o mais vergonhoso feito da minha vida! Confundir Lançarote, o espelho de todos os cavaleiros com um sujo assassino que assalta aldeias indefesas!... Eu sou o barão de Perth, senhor, e estou pronto a todos os castigos que achardes justos. Ataquei-vos deslealmente com meus dois companheiros porque estava firmemente convencido de que eris o Cavaleiro Maldito. Interrogai, senhor, os que me cercam

briu-lhe lágrimas nos olhos. Pobre cavaleiro! Se não se conseguisse descobrir o estranho mistério ele acabaria doido.

Despedido o ultimo convidado, cada um foi para os seus aposentos. Já deitado, Lançarote ficou muito tempo a discorrer sobre os variados acontecimentos do dia. Passou em revista todos os rostos a que fora apresentado: como descobrir em tal floresta qualquer suspeita? Uma cara antipática é por força um criminoso?

De subito ouviu um grito angustiado:

— Hendrique! Hendrique!

E mais sumido:

— Porque me abandonas?

Lançarote ergueu-se de um pulo, vestiu-se com todas as suas armaduras e abriu a janela. Pouco depois a voz continuou a soar. Os apelos tornavam-se mais insistentes. Nessa altura alguém bateu desesperadamente na porta do quarto. Lançarote

tinamente. Tomou uma expressão de feroicidade desvairada e gritou que sim, que sim.

— E homens para nos acompanharem? Poucos: ai dois ou três.

Hendrique sacara do punhal e ao fazê-lo brilhar á luz do archote que alumia o quarto riu-se com um riso terrível.

— Será agora que meus terrores terão fim?

Lançarote insistiu se haveria ou não dois bons guerreiros que os acompanhassem.

— Arranjarei, decerto — afirmou Hendrique — Gontrão e Knut são homens para a vida e a morte.

E dizendo isto saiu logo. Pouco tempo depois voltava com os dois homens de armas. Todos os quatro desceram, fazendo o menor ruído possível para não alarmar o castelo. Chegadas á cerca, montou cada um em seu cavalo e saíram por uma porta lateral das muralhas. Logo dispararam a galope para o local



ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

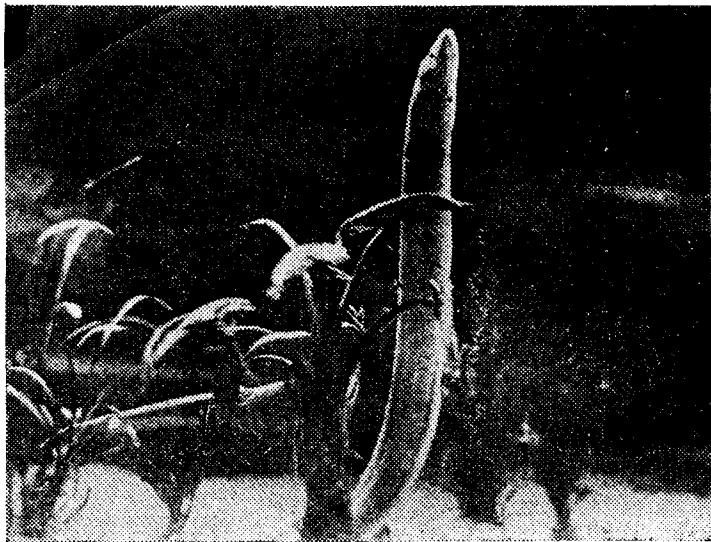
A enguia tem o corpo fusiforme, muito semelhante ao das cobras; tanto mais que não tem patas e as barbatanas são muito reduzidas, mal se percebem. Vivem nas represas, nas lagoas ou nos rios de águas tranquilas, enterradas no lodo. Nadam, não com auxilio das barbatanas que quase não têm, mas impulsionadas pelo movimento ondulante de todo o corpo longo. Estão espalhadas pela zona tropical e toda a água temperada, habitando as gretas das rochas e entre os recifes de corais.

A vida das enguias de água doce é, na verdade, curiosa e digna de admiração, pelo esforço inaudito que representa a sua proleção.

Até há pouco tempo, a sua reprodução era um mistério. Hoje sabe-se que, no momento próprio, isto é quando atingem o estado adulto, todas as enguias deixam os rios e outros locais onde vivem tranquilamente, para sofrer a mais incerta das aventuras. Das costas da Europa e da América, elas saem para o mar e caminham aos milhares, até ao Atlântico Ocidental, a sudeste das Bermudas, até o mar dos Sargachos. Lá põem os ovos a uma profundidade de 1000 metros ou mais. Em seguida, morrem. Os ovos sobem á superfície ou pouco menos e aí ficam dando origem depois a larvas leptocefalas. E' sob esta forma, em dimensões que mal se vêem, mesmo de perto, que elas caminham para os rios que os pais abando-

naram, alimentando-se e crescendo durante a viagem; finalmente, e-las chegadas a casa, que é como quem diz aos locais onde vivem até adultas, para então renovar o ciclo vital mais assombroso que se conhece. Uma vez chegadas aos rios, as pequenas enguias — não têm então mais que uns 6 centímetros — espalham-se por locais de águas tranquilas, lagoas e represas. Para atingir estes locais afastados dos rios que subiram, elas saem da água e caminham por entre a erva húmida.

Durante o Inverno, as enguias enterram-se no lodo, alimentando-se de todos os animais que encontram no fundo das águas, es-



pecialmente de noite. Na época quente, as enguias adultas chegam a engolir rãs e até vêm á superfície para atacar aves aquáticas.

As enguias que ficaram em lugares de onde lhes é impossível sair, atingem proporções imensas e nunca se reproduzem.

E já que falamos na vida curiosa e admirável das enguias, é interessante contar a lenda que corria sobre elas, quando o mistério das migrações ainda estava por desvendar. Contava o povo que as enguias nasciam de crinas de cavalos que vinham beber aos rios ou lagoas. Caidas na água, estas crinas engrossavam e davam origem ás enguias.

Esta lenda deve a sua origem á observação, por certo, dos vermes escuros e bastante largos que vivem nas águas paradas e eram tomados por enguias jovens, representantes da fase intermédia entre as crinas e as verdadeiras enguias.

Hoje, esta lenda não é já crível, pela razão simples de que o mistério que envolveu, por séculos, a reprodução das enguias, está completamente esclarecido e não deixa duvidas algumas.

O facto de elas procurarem aquele local e não outro do Oceano Atlântico, ou outro Oceano qualquer, parece dever-se ao facto de as correntes se encontrarem naquele local e formarem aí, uma massa de água tranquila (a mesma razão parece presidir á formação do chamado mar dos Sargachos, depositados ali pelas mesmas correntes). Nascidas as enguias, são tão minúsculas e leves, diáfanas até, que facilmente são levadas á deriva até encontrar o caminho do regresso. Regresso que representa mil perigos, dos quais muitas delas não escapam.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS



te abriu-a e logo Hendrique entrou na sala, de escantilhão, com o pavor a decompor-lhe as feições.

— Senhor! Senhor! Acudi-me. Lá está ele. Não o ouvis.

— Ouvi, sim, e acorramos ao chamado. Sereis homem capaz de me acompanhar e de combater?

Hendrique transformou-se repen-

onde a voz continuava a soar lamentosa e angustiada:

— Hendrique! Hendrique.

Num ápice atingiram a floresta. Aí pararam.

— Afastemo-nos uns cinco metros uns dos outros e avancemos sempre atentos ao que nos cerca. Caso (Continua na ultima página)

Amigo n.º 1492 — António Manuel Simões Coutinho (Porto): Obrigado, o livro vai seguir. Mas para a outra vez, indica logo o nome do livro, para evitar ter de andar á procura.

Amigo n.º 1622 — Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz): Ainda bem que gostas dos livros que te enviamos. Na verdade, temos a preocupação de os escolher conforme a idade, o desenvolvimento intelectual... a boa qualidade do livro. E, com certeza gostarás também deste que te vamos enviar agora e te coube no concurso.

Amigo 1616 — Maria José Fonseca (Lisboa): Na verdade, a sessão parece ter agradado bastante; lá te esperamos na próxima. Não volta, não.

Amigo 1273 — António Ramires (Faro): Ficamos á espera das Lendas. Fazes bem em querer mostrar o Algarve sob os seus aspectos menos conhecidos. Bons figos, boas amendoas, deliciosos bolos e... belas Lendas, além das belezas naturais que apontas! Tens razão, Amigo, é preciso conhecer bem o Algarve, para se amar ainda mais essa bela provincia. Não digo isto para ser agradável, mas porque tenho... uma costela, pelo menos, de algarvio. Bairrismo, portanto.

Amigo 357 — Fernando Rodrigues (Porto): Não percebo a piada do livro, porque enfim, deves ver por esta correspondência que estamos sempre prontos a enviar os livros, mesmo quando se extra-

viam. Mas uma vez enviados, não podemos saber se os receberam se não; só vocês nos podem dizer se sim, se não. Qual era o livro que ficou por receber? Agradeço que mo digas. Quanto aos jornais, tomamos nota do pedido; mas se não os recebeste, tem paciência e manda dizer quais são eles, sem que tenhas de mandar a sua importância, se já a enviaste.

Amigo 1636 — Mário Simões Marques (Lisboa): Podemos trocar-te o livro. Vem na próxima semana buscá-lo e escolherás entre os existentes, um que não tenhas ainda. A tua ideia sobre a crítica aos filmes seria ótima, se nos sobrasse papel; mas, bem vês... o espaço é tão pouco e os trabalhos tantos! Agora, se te referes aos que o «Juvenil» exhibe, então, sim é outra coisa e é caso para pensarmos bem sobre a sugestão.

Amigo 962 — Maria Alzira Semião Seixo (Moita): Tens razão, Amiga. Simplesmente os livros a que te referes não foram ainda recebidos. Devem estar na morada indicada, na próxima quinta-feira. Quererás vir buscá-los? Se, contudo, te causa transtorno, uma vez que já cá vistes, em vão, nós os mandaremos pelo correio. Na próxima semana, começaremos uma nova secção em que se indicam os trabalhos dignos de publicação e os que o não são. Procura então. Espero que venhas á sessão de cinema; lá nos encontraremos. Também eu não fui á anterior, mas espero ir á próxima.

TROTE

QUEDA DUM RECORDE

(Continuação da 1.ª página)

Esconde-se o Sol. As nuvens chegam. Começa a chover.

Faltam cinco minutos e nem a chuva consegue fazer esmorecer sequer por um instante o interesse sempre palpitante da tentativa de «recorde», nem tão pouco afrouxar a cadência do generoso atleta que, alheio a tudo, cada vez pedala mais violentamente.

A assistência, como que obedecendo a uma ordem superior e dominada por uma mola comum, ergue-se agora nas bancadas e verdadeiramente cega aplaude de pé pedindo mais e mais, à vista da queda da antiga marca mundial, aclamando com calor.

«Tchac... tchac... tchac...». É a última volta e a passagem da bicicleta é vivamente saudada. Já sobem foguetes no ar, enquanto num derradeiro e último esforço o brioso atleta dá tudo por tudo. É o momento decisivo. «Vamos! Não esmoreças! Corre!...».

Entra na recta final. É o delírio. Aproxima-se. Faltam 40 metros. 30. 20. 10. Cortou a meta esgotado e exausto, tombando na herma esquerda da pista. É atendido pelos técnicos e massagistas e quando se soube da decisão final dos cronometristas e do júri, a festa foi festa rija e até o Sol, há pouco encoberto, vestiu os seus trajes de gala para aplaudir e associar-se às manifestações.

O «recorde» caiu. O público aplaudiu. O atleta sorriu.

Amigo n.º 1.331



Entrevista com o realizador Ernesto de Sousa | Continuação do número anterior

existe no povo de Lisboa, que nós conhecemos melhor. Poderia até afirmar que «Dom Roberto» será um filme, onde poderemos descobrir o tom de um certo realismo poético. Aliás encontramos esse mesmo sentido de poesia no livro «A raiz e o vento», de Leão Fenedo.

«O argumento do «Dom Roberto» assenta em bases verídicas. Contamos a vida de um artifice de fantoches que se ignora a si mesmo como artista. Nómada, ele vai de terra em terra levando aos ombros a sua desconjuntada barracota e fazendo rir com a sua arte as crianças e os adultos. Poeta, vive sonhando até que o encontro com a realidade lhe mostra que esta é mais rica do que o sonho».

Não quisemos abusar da amabilidade de Ernesto de Sousa inquirindo mais pormenores sobre o que será esta nova produção cinematográfica nacional. Com o que ficou acima registado julgamos que será suficiente para os nossos leitores fazerem uma ideia, um tanto pequena é certo, do interesse e da beleza que «Dom Roberto» terá. E continuámos:

— O que gostaria de ensinar com o seu filme?

— Sabe, ensinar em arte é uma expressão arriscada, dado que a

criação artística nunca é uma obra de pedagogia directa...

— Acha então impossível ensinar em cinema? — atalhámos.

— Não, de forma nenhuma. Pode-se e deve-se exprimir com o cinema um certo numero de coisas, mas é necessário que o façamos numa linguagem entendível para o maior numero de pessoas. «Dom Roberto» será nesse caso uma pedra mais na luta contra a solidão do Homem. Acredito firmemente, que o Homem jamais poderá subsistir se o isolarmos dos outros. E' preciso, por isso, que haja o encontro dos homens uns com os outros, porque muito embora essas relações sejam difíceis e contingentes, elas terão de ser mais autênticas.

A conversa toma agora rumo diferente.

— Se o «Dom Roberto» tiver boa aceitação, espera continuar pelo sistema de Cooperativa do Espectador?

Ao ouvir a nossa pergunta Ernesto de Sousa sorri, como se já a adivinhasse.

— Para lhe ser franco, espero continuar em qualquer hipótese. Como lhe disse há bocado amo profundamente o cinema e tentarei sempre fazê-lo.

«Relativamente à Cooperativa do Espectador, se bem que ela tenha sido concebida para apoiar o «Dom Roberto», isso não será mais do que um ponto de partida, pois estamos crentes que este sistema se generalize, favorecendo a reunião de capitais necessários para uma produção independente e fundamentalmente preocupada com a qualidade. Já agora, aproveito para esclarecer que «Dom Roberto» é financiado por uma produtora organizada por alguns escritores e pela Cooperativa, cuja contribuição será quantitativamente menor. No entanto o que é mais importante para nós, é o apoio moral recebido dos espectadores que por este processo se comprometem na co-produção do filme. Perante essas pessoas sentimo-nos profundamente responsáveis».

Ainda falando da Cooperativa, informou-nos Ernesto de Sousa:

— A Cooperativa do Espectador nasce com um projecto concreto, com pessoas bem definidas, projecto e pessoas para as quais se pede o

apoio moral e material necessário ao relevamento do cinema português. A Cooperativa constituirá assim, não só um apoio moral como uma maneira prática de interessar o espectador pela produção de filmes, proporcionando, deste modo, uma continuidade de trabalho a aqueles que se lançam agora com um entusiasmo sem limites, num novo caminho do nosso cinema. Para assegurar uma remuneração real aos que trabalham no «Dom Roberto», o contrato estipula que as primeiras receitas sejam equitativamente distribuídas conforme o trabalho dispendido».

Aproveitando o ensejo da conversa recai sobre os intervenientes da nova película nacional, disparámos:

— É verdade que «Dom Roberto» dará a conhecer uma série de jovens, muitos deles ainda desconhecidos das plateias?

— Sem dúvida que «Dom Roberto» terá a colaboração de gente nova — confirma Ernesto de Sousa — mas isso não significa uma preocupação sistemática. Quero que os intérpretes sigam um processo de identificação com os personagens que terão de encarnar para se obter o maior realismo possível. De qualquer forma pode-se conseguir os mesmos resultados com profissionais. Em síntese, este filme terá lado a lado uma juventude que promete e profissionais já com cartel feito. Por enquanto não poderei revelar nomes, pois até agora ainda nada ficou definitivamente assente.

E para finalizar esta entrevista que afinal veio a tornar-se numa conversa amena, uma pergunta já clássica:

— Quais os seus planos futuros?

— Não tenho o que se possa classificar propriamente de planos futuros. Estou presentemente a rever o meu próximo livro «O que é o cinema» para a Editora Arcádia. Espero não deixar nunca de ter a oportunidade de realizar curtas-metragens. A propósito, há um pensamento geral de que as curtas-metragens são incompatíveis com a realização de «filmes de fundo». Esta afirmação carece, quanto a mim, de fundamento pois os chamados documentários não afectam a produção de longas-metragens. Continuar apenas na longa-metragem é que me parece ser prejudicial ao cinema.

CONCLUSÃO DOS NÚMEROS ANTERIORES

Todos planeávamos uma ideia para sair dali, mas a chuva caiu e nós tínhamos levado os impermeáveis. Mas passada meia hora a chuva parou. Apenas corria um ventinho fraco. O Agostinho conduziu então o carro para um sítio pouco frequentado e nós saímos de dentro dele. Eram seis horas. Fomos ver se encontrávamos uma pensão, pois tencionámos passar ali dois ou três dias, e por fim tivemos a sorte de a encontrar. Enquanto não chegava a hora de jantar, fomos dar uma volta a pé, pois já estávamos fartos de andar no automóvel. Mas ainda não sabíamos em que terra estávamos! Encontrámos no caminho um grupo de raparigas que caminhavam á nossa frente, rindo. — E se lhes perguntássemos onde estamos? — disse o Rui. — Melhor seria se fossemos com elas — propôs o Vitor. — Se elas consentirem... — respondeu-lhe eu. — Claro que consentem — tornou o Vitor. Agostinho que ficara calado chamou alto: — «Pst! — Todas olharam para trás e vendo que Agostinho lhes fazia sinal para esperarem, pararam. Eram quatro raparigas mais ou menos da nossa idade. Quando chegámos junto delas, Agostinho perguntou: — São capazes de nos dizer que terra é esta?

Todas riram ao mesmo tempo. Era evidente que julgavam tratar-se de uma brincadeira para metermos conversa. — Não se trata de uma brincadeira — disse eu — estamos cá de passagem e não sabemos onde estamos!... — Pois tomem nota que estão em Torres Vedras! — disse a que parecia mais velha. — O quê?! — tornou Agostinho. — Torres Vedras — respondeu novamente a rapariga sorrindo. — Apre! — disse eu. — Nunca julguei que vínhamos para aqui! — Pois estão cá e não é a sonhar — disse outra das raparigas. — De facto é verdade — respondeu o Rui. — Já agora importam-se que as acompanhem? Gostámos muito desta terra, sabe! — disse, dirigindo-se á mais velha. — Pois claro que podem — respondeu esta. — Então toca a andar — disse eu.

Começamos a andar. Pelo caminho fomos conversando animadamente. Quando lhes dissemos que éramos de Lisboa, fizeram-nos mil e uma perguntas sobre a capital, ás quais respondíamos prontamente. Depois de muito andar e conversar, retrocedemos e voltámos ao sítio de partida. Ai despedimo-nos das nossas alegres companheiras e fomos para a pensão. Tínhamos dito que estaríamos em Torres Vedras dois dias, e que á hora da partida se fossem despedir de nós mais uma vez. Passados esses dois excelentes dias, preparámo-nos para partir. Elas lá estavam á nossa espera, e depois de conversarmos durante quinze minutos, despedimo-

nos. Então o «descapotável» já com a capota levantada, enfiou pela estrada. Lançamos um último adeus ás simpáticas raparigas e o carro afastou-se. O carro corria agora veloz pela estrada. O Sol iluminava a terra ainda húmida.

— Onde vamos agora? — perguntou o Rui — Vamos até Coimbra — respondeu o Agostinho.

— Irra — respondeu o Vitor á meu lado. — Lembrete de que só nos restam trinta e cinco dias!

— E não temos tempo? — perguntei-lhe eu.

— Vamos a ver! — respondeu ele.

Havíamos já deixado para trás Torres Vedras e, com ela, as nossas simpáticas amiguinhas. Tudo em nosso redor eram pradós, árvores, enfim, o campo. Seguíamos devagar quando o carro parou de súbito, fazendo uma pequena chateira.

— Que foi? — perguntou Rui alarmado. — Nada! — respondeu Agostinho. — Então porque paraste? — tornou o Rui. — Já vais ver — retorquiu o Agostinho saindo do carro.

Olhámos para todos os lados e imitámo-lo. Então dirigiu-se para um campo onde uns poucos de homens se ocupavam em tirar um carro de bois de um lodaçal. Imediatamente compreendemos as intenções do Agostinho. Perguntámos se queriam uma ajuda, mas nem seria preciso perguntar. Começámos também a puxar pelo carro, mas este não cedia um centímetro, apesar da força que todos fazíamos. De repente o Agostinho dirigiu-se a correr para o carro ao mesmo tempo que dizia:

— Arranjem uma corda grossa! Ficámos estupefactos, mas pouco depois o carro estava junto de nós.

Disse-nos então para prendermos a corda aos dois carros. Nós assim fizemos. Compreendíamos agora o que ele queria fazer. Acelerou o carro, mas as rodas patinaram. Á segunda tentativa os dois carros andaram um bocado, para á terceira saírem completamente. Depois de nos despedirmos dos camponeses, o Agostinho dirigiu o carro para a estrada e por ela enfiou mais uma vez.

Já havíamos deixado para trás os camponeses. Contemplávamos a paisagem que se estendia á nossos olhos, com títima satisfação. Então a paisagem ficou ainda mais nítida. Um homem guiava um arado puxado por dois cavalos. E á medida que a lamina passava sobre a terra, esta abria-se e então apareciam os regos onde seriam deitadas as sementes que germinariam e nos darião os alimentos que todos comemos.

O homem suava. O rosto, queimado pelo sol, estava encharcado como se tivesse metido a cabeça num lago. Os sulcos na terra iam-

se multiplicando enquanto o homem bebia de vez em quando qualquer líquido que tirava de uma vasilha que tinha consigo. Tanto trabalho para que nós tenhamos que comer!...

Mas muitos não olham para isso, e portanto não sabem o esforço que o lavrador tem. Dos quatro que seguíamos no carro, eu era certamente, o unico que reparava nisso. Notei e apreciei o trabalho que o homem fazia com uma certa alegria, e tristeza ao mesmo tempo. Mas o carro, veloz, a caminho de Coimbra, corria, deixando para trás todas as meditações. Quando chegámos ao nosso «Diário» dos acontecimentos da tarde estava no fim. Viam-se já muitas luzes. Deixámos o carro numa garagem e fomos para um pequeno hotel.

Estivemos na capital estudantil, cinco dias, os quais foram bem aproveitados. Todas as noites fazíamos o nosso «Diário» dos acontecimentos do dia. O Agostinho comprou o jornal diariamente e por ele sabíamos o que se ia passando na capital. Visitámos a Universidade que eu ainda não tinha visto, pois nunca tinha ido a Coimbra. Um dia, o terceiro, fomos ao cinema ver um filme clássico. Ao sexto dia, de manhãzinha, já estávamos no carro prontos a partir. — Estão prontos? — O. K., Estas frases faziam lembrar a nossa partida em Lisboa, mas a verdade é que já íamos ao seu encontro.

O «descapotável» entrou na Praça do Duque de Saldanha e enfiou pela Avenida Fontes Pereira de Melo. Pouco depois virou á direita e parou junto ao Hotel Avis. Um dos ocupantes do carro, saiu e despediu-se dos restantes. Esse «eu» era eu mesmo. Um ultimo aceno pôs termo á nossa interessante viagem.

Lá ia agora eu, rua acima, com uma maleta na mão, pensando na viagem anterior. Os alegres momentos haviam findado. O carro também ganhava as ultimas energias. Daí a pouco desceria mais um ocupante seu, e depois outro até que o carro, apenas com Agostinho ao volante, se imobilizasse. Terminara assim a viagem no mesmo sítio onde começara. Mas agora o ambiente não era o mesmo. Os quinze dias passaram-se tão depressa que mais pareciam quinze minutos. Tudo agora se esfumava como num sonho. Eu lembro ainda os alegres momentos passados em Coimbra e em Torres Vedras. Mas era apenas a lembrança, pois tudo já se passara.

O que mais me faz confusão é porque os dias se passaram, tão depressa.

Mas o Agostinho já disse a todos nós que para o ano seguinte, nas férias, iremos para uma casa de campo. Vamos ver se não é conversa. Até lá, espere-mos.

HOJE: SEGUNDA SESSÃO DE CINEMA

- 1 — «The Flying Trapeze»
realização de Grant Munyo
- 2 — «A Epopeia dos Transportes»
realização de Colin Low
- 3 — «L'Auberge Joli Fou»
realização de Colin Low
- 4 — «La Grande Pêche»
realização de Henri Fabian

A's 16 e 30 horas, CINEMA DA VOZ DO OPERARIO. Entrada gratuita a todos os amigos do «Juvenil»

Cavaleiros da Távola Redonda

(Continuação da página central)

algum seja atacado deve gritar — Rei Artur. Entendidos?

Imediatamente todos se dispuseram á distancia combinada e assim penetraram na escuridão da floresta. Passados uns trinta metros, sempre na direcção da voz, já quase os cavaleiros não se viam uns aos outros. A voz estava próxima. De subito Lançarote ouviu um ruído a seu lado e quase nem teve tempo para se voltar: já o assaltante lhe descarregava uma espadeirada que, acendendo uma chispa de lume no elmo, onde resvalou, veio ferir os quartos traseiros do cavalo. O animal relinchou num desespero de dor e empinou-se. Apontando á sombra que se lhe movia em frente, Lançarote desferiu um daqueles golpes tremendos que o tinha tornado famoso em toda a cristandade. O atingido deu um berro e nessa altura dois novos assaltantes caíram sobre Lançarote.

— Rei Artur! — bradou este e logo uma voz respondeu:

— Animo, senhor Lançarote, que aí vamos todos! Aguentai!

Os assaltantes pareceram confun-

didos por uns segundos com esta intervenção. Reunindo todas as suas forças, apesar de ferido, Lançarote aproveitou o ensejo e assentou novo e terrível golpe numa das sombras. Devia ter acertado no elmo. O adversário soltou um grito horrível e repetiu mais baixo:

— Maldição...

Devia ter caído. Então Lançarote enfrentou os outros dois adversários. Nessa altura porém, já a floresta parecia ter-se animado com vozes, as dezenas. Como por artes mágicas surgiram archotes a cercar os combatentes e atrás dos archotes camponeses armados de arcos e flechas, enxadas, forquilhas, — um exercito temeroso. Os dois assaltantes, todos de negro vestidos, procuraram fugir, mas num ápice foram chacinados.

Um hurra ecoou como um trovão. Lançarote pichou o cavalo para se aproximar do homem que ele vencera e jazia morto á meia-duzia de passos, entre duas árvores onde a montada, ao fugir com o freio nos dentes, o deixara. E o que viu fez-lhe tombar a espada da mão: Era Hendrique!